

Lembranças de uma vida feliz contadas por ele

Prefácio

Devo pedir mil desculpas.

A começar pelo título. “Rideamus” não é uma tintura de cabelo e tampouco um nome de remédio. É o meu nome. Eu me chamo assim. É claro que também tenho um nome civil decente, com nome e sobrenome e tudo o mais.

Quando adotei o mau hábito, muito difundido naquela época, de começar a anotar tudo o que me ocorria, tentando também publicar meus escritos, meu pai temeu pelo nosso bom nome. E como eu até certo ponto compartilhava a sua preocupação e era um bom filho, fiz a única coisa que poderia: me refugiei em um pseudônimo.

Mas qual pseudônimo escolher?

Deveria ser algo belo, grandioso, que sugerisse felicidade. Foi aí que me ocorreu o riso. Rir é grandioso, é belo; quando se ri, se é feliz, e quem é feliz ri.

Por isso adotei o nome de Rideamus, o que, como todos os meus leitores certamente sabem, significa *riamos* em latim. Pois muito bem – vamos rir!

...Mas como se faz isso?

O riso surge – e esta é a explicação mais plausível que encontrei – quando se vê algo incompleto e imperfeito por uma perspectiva enviesada.

Neste aspecto, portanto, posso tranquilizá-los. Pois tudo o que escrevi aqui, aliás, toda a minha vida, é tão incompleta e imperfeita quanto possível, e a minha perspectiva é a mais enviesada que se possa imaginar.

Mas a coisa tem um porém.

É que o mundo, nesse meio tempo, fez enormes progressos. Também no que diz respeito à imperfeição. Então, poder-se-ia dizer que, desde aquela

época, o mundo aperfeiçoou a sua imperfeição de tal forma, que tudo o que era imperfeito naquele tempo hoje parece quase perfeito. E não se pode rir do que é perfeito.

Devo, portanto, pedir desculpas pela segunda vez. Pois ao reler agora estas pequenas e inocentes histórias da minha vida, tenho a impressão de que vocês não entenderão muitos pontos de vista, conceitos, costumes e hábitos, embora me pareçam evidentes e atuais.

Isso provavelmente se deve aos meus 73 anos, como concluí após intensa reflexão. Também por isso peço desculpas.

Infância

Dos primeiros anos da infância, só guardo poucas lembranças – principalmente de má-criações de menor ou maior monta. Mas esses são os melhores momentos na vida de uma criança.

Meus pais eram muito queridos. Minha mãe era uma dona de casa muito competente. Só tinha um defeito: ela “poupava”!

Ela poupava as maçãs na despensa, isto é, as novas, porque era preciso comer antes as “machucadas” para que não estragassem. Como, nesse meio tempo, as novas sempre ficavam “machucadas”, passávamos o inverno todo comendo maçãs “machucadas”. Da mesma forma como procedia com as maçãs, também agia com as roupas. A cada ano, comprava alguns modelos bem modernos. Mas primeiro os pendurava no guarda-roupa, porque era preciso terminar de usar os outros, que ainda estavam “bastante bons”. Entrementes, os modelos chiques perdiam sua ousadia excessiva, transformando-se assim em vestidos bem comportados e comuns.

Também tínhamos uma costureira que vinha em casa, uma alma fiel e honesta, que executava essas “desmodernizações”.

Além disso, cometeu ainda um outro pecado – costurou ternos para mim. Ternos de veludo. Com gola de renda.

Um azul e um verde.

Eles me faziam parecer um macaquinho amestrado.

Eu os odiava, primeiro porque os meus colegas riam de mim e, segundo, eu tinha de poupá-los. Quando os vestia, era proibido de correr, deitar-me ou sentar. Só me era permitido ficar em pé.

Quando ganhei o segundo, o verde, fui tomado de ódio.

Corri para o quarto do meu pai e me deitei no chão.

Meu pai sacudiu a cabeça e me fez uma preleção detalhada sobre os cuidados que se devia ter com as coisas.

Em vez de responder, dei uma cambalhota sobre o tapete, justamente onde estava mais empoeirado.

Aí meu pai acabou perdendo a paciência.

Pegou-me pela cintura e me deu umas boas palmadas no traseiro. Suave e cuidadosamente, como era de seu feitio.

Primeiro, eu não disse nada, porque achei que ia agüentar mais tempo do que ele. Mas, aos poucos, começou a doer. Então dei um beliscão na perna dele, consegui me desvencilhar e fui correndo para a mãe. Fulo de raiva, fui “dedurar”!

Lancei a acusação mais grave que poderia haver nessas circunstâncias:

“Papai me bateu nas calças novas!”

Também tínhamos um médico de família.

O velho Dr. Kroker.

Ele passava trabalho conosco.

Papai defendia o ponto de vista de que um médico é bom quando não vem.

Mas *este* favor o bom Kroker não podia lhe fazer, pois assim não poderia cobrar seus honorários.

Assim, passava de quatro em quatro semanas e conversava com meu pai sobre política.

Ao conversar com minha mãe, procurava descobrir para onde ela gostaria de viajar no verão; era isso que ele então lhe receitava.

E, comigo, se dava menos trabalho ainda.

“Ele é atrevido?”, perguntava à minha mãe.

“Muito, obrigada”, dizia ela.

“Então está bem de saúde!”

Aí ele dava um tapinha no meu traseiro – a forma usada por todos os adultos para expressar sua simpatia pelas crianças – e a consulta era dada por terminada.

Quando alguém realmente tinha algum problema, ele receitava um remédio. Do que era composto, não faço idéia. Mas sempre tinha uma cor rosada. Assim ele procedeu conosco por incontáveis anos – de forma benevolente e conservadora.

Apenas uma vez ele se decidiu por uma inovação ousada. Naquele tempo, eu tinha a aparência pálida e uma tendência para resfriados. O tratamento normal falhara dessa vez; o remédio rosado não adiantara de nada, e tampouco o tapinha no traseiro surtira efeito. Por isso, o bom Dr. Kroker se sentiu na obrigação de pisar em terreno desconhecido. Chamou meus pais à parte e lhes sugeriu “fricções frias”; a mais nova conquista da Medicina na época. Meus pais concordaram de imediato, e meu pai recebeu a incumbência de me preparar com todo o cuidado. Ele fez isso de forma muito diplomática.

“Meu querido”, disse com seu melhor sorriso, “pensamos em lhe fazer uma bela surpresa. Amanhã cedo, você receberá a visita de uma senhora simpática que vai lhe fazer fricções com deliciosa água fria. É muito divertido, você vai adorar.”

Eu não disse nada, fui para o meu quarto e fiquei matutando.

Depois de um breve intervalo, retornei.

“Pai”, disse, “prefiro não fazer o negócio da água fria.”

“Mas por que não?”, perguntou meu pai.

“Acho muito frio!”

“Mas depois você se esquenta de novo”, procurou consolar-me meu pai. “Eu já estava quente antes”, revidei com uma lógica impiedosa.

“Mas logo você vai voltar a ficar tão quentinho quanto antes”, disse meu pai, lançando mão de seu melhor trunfo. Não respondi e fui para o meu quarto fazer as contas:

Se primeiro eu estava quentinho, e depois frio, e então outra vez quentinho como no início – o quanto estaria quentinho em média?

Seria um bom negócio ou não?

Após alguns cálculos inúteis, voltei ao gabinete.

“Pai”, eu disse, “não consigo calcular, deve ser regra de três, e isso nós só estudamos no quinto ano”.

“Mas eu sei”, respondeu meu pai, triunfante, “isso fará muito bem a você. Acredite!”

E assim ficou.

Na manhã seguinte, fui arrancado do meu sono às 6 horas. No meio do quarto, estava uma bruxa velha horrorosa; ao seu lado, uma tina com água gélida, e ela tinha nas mãos um lençol enorme, que alternadamente mergulhava na água e torcia. E gritava, com uma boca desdentada: “Venha cá, meu pequeno Fritzel, agora vou esfregá-lo, bem esfregadinho – plact,

plact – e aí você vai ver o que é bom!” E, com isso, ela abriu o lençol encharcado, o ergueu com as mãos e se aproximou lentamente.

Mas eu estava encolhido na minha cama, pensando mil coisas. Finalmente, tomei uma decisão.

Disparei como uma flecha para fora da cama, passei pelo lençol aberto e porta afora, para o nosso corredor, que era muito comprido. A bruxa veio atrás de mim com o lençol balançando, ávida por me pegar.

Mas eu há muito já havia me refugiado em um quarto ao lado.

Nesse momento, aconteceu de o meu pai, de pijama, estar passando pelo corredor para fazer alguma coisa. A bruxa velha não conseguia ver através do lençol e, ouvindo os passos, jogou-se para frente e “pegou”. Pegou o meu inocente pai; pegou-o como uma borboleta... e – plact plact – envolveu o seu corpo trêmulo com o lençol encharcado.

O que aconteceu, então, isso eu não pude ver, mas apenas ouvir do meu esconderijo. Houve uma enorme gritaria, e daí meu pai cambaleou de volta para o quarto e fechou a porta. Esgueirei-me até ele. Lá, o pobre homem estava deitado, tremendo, já com um pijama seco, no quarto sem calefação!

Aninhei-me na cama com ele e procurei consolá-lo: “Não se preocupe, paizinho”, disse eu, “isso passa! Você vai se aquecer de novo, bem quentinho, igualzinho como estava antes!”

Meu pai me rogou uma praga terrível e me jogou para fora da cama com um pontapé.

A fria bruxa esfregadeira foi dispensada no mesmo dia.

O passeio no bosque

Um dia, quando ainda estávamos nas férias de verão, meu pai me levou para passear no bosque próximo.

Era uma manhã de verão maravilhosa, com o sol se irradiando morno sobre o céu azul, e, quando já tínhamos andado um pouco, deitamo-nos sobre a relva do bosque para descansar.

“Abra os olhos”, disse meu pai, “e observe com atenção à sua volta, e você vai ter uma noção do mundo da generosa Mãe Natureza, que, na maioria das vezes, está fechado para crianças da cidade como você.”

Eu era uma criança curiosa e acompanhei com gosto as palavras de

meu pai, que eu só às vezes interrompia com perguntas bobas. Na verdade, meu pai escolhera um lugar maravilhosamente belo e muito apropriado para descansar.

Ao nosso redor, tudo verdejava e exalava o seu aroma, as copas das árvores farfalhavam e grandes insetos listrados de amarelo com marrom zumbiam de uma flor a outra.

“Estas são as queridas abelhas”, disse meu pai, “que sugam o suco doce dos cálices das flores e produzem para você o mel, que você come com pão de manhã.”

“Elas fazem isso só para mim, mesmo?”, perguntei.

“Para você e todas as pessoas”, disse meu pai com um sorriso indulgente, “que podem pagar por ele. Na verdade, ele é o alimento das abelhas – mas as pessoas tiram delas o excesso; para isso, tomam emprestados os lindos cestinhos em que é preparado.”

Uma tranquilidade deliciosa nos cercava, quebrada apenas pelo farfalhar das árvores, e, vindos de uma estradinha, soavam os mugidos de uma boiada.

“Também as vacas”, prosseguiu meu pai com sua lição, “são animais muito bons e úteis. Elas nos proporcionam o leite, a manteiga e o queijo, e a carne dos terneirinhos dá ótimas costeletas.”

“Os terneiros concordam com isso?”, perguntei, curioso.

“Eles são animais irracionais”, respondeu meu pai, saindo pela tangente, “não se pode perguntar a opinião deles”.

O sol já estava bastante alto, mas uma brisa amena e agradável nos refrescava. Nas árvores e nos arbustos, havia trinados e alegria.

“Escute os pequenos cantores emplumados”, observou meu pai, “eles são os mesmos passarinhos cantores que nós mantemos em gaiolas confortáveis em nossas casas para nos alegrar com seu canto bonito e harmonioso.”

Dessa vez, eu não estava totalmente de acordo com as palavras de meu pai.

“A tia Klara”, disse eu, “canta mais bonito e anda solta por aí.”

“Você mistura tudo”, respondeu meu pai, irritado. “Não se pode trancafiar a sua tia numa gaiola.”

Agora deite-se de barriga para baixo – aqui onde a grama é mais rala – e observe com atenção! Você vai se dar conta de que os menores seres vivos também existem apenas para servir a si próprios e aos outros, de acordo com a lei da amorosa natureza.”

Segui sua ordem, obediente, e, de fato, um novo mundo descortinou-se para mim. Ali embaixo, tudo formigava e se arrastava.

Diante dos meus olhos, uma tropa de formigas marchava pelo seu caminho e, enquanto algumas me beliscavam o pescoço, outras ocupavam-se em arrastar um enorme besouro morto.

“Estão fazendo um estoque para o inverno”, disse meu pai. “Algumas espécies são prejudiciais, porque retalham as folhas. Mas quando imersas em álcool, se transformam em um excelente remédio para as pessoas.”

“Isso ocorre com o consentimento delas?”, eu quis perguntar – mas não cheguei a fazê-lo. Aconteceu uma coisa nova.

Uma das pequenas formigas se aproximou demais de uma teia de aranha e ficou presa. Imediatamente, surgiu a aranha, que a enrolou bem apertada e começou a sugá-la. Mas não conseguiu aproveitar a sua refeição por muito tempo. Um dos lindos passarinhos cantores veio voando, pegou-a e levou-a para um galho próximo que estava desocupado.

“Um sinal do amor dos pais”, disse meu pai, um pouco constrangido, “você consegue observar aqui como eles são justos em dividir o animalzinho em três, para que todos os três filhotes recebam um pouco?”

Na igreja do povoado distante, soavam os sinos.

Ainda se ouvia o seu badalar, quando um pássaro grande veio voando sobre o ninho, capturou com as garras a boa mãe dos passarinhos e sumiu com ela no ar.

“O que isto tudo significa?”, perguntei, assustado.

Meu pai enxugou o suor da fronte e procurou uma explicação.

Por fim, disse com voz apertada:

“Isto é muito sábio na natureza. Um come o outro – e, assim, todos vivem!”

“E como se chama isto?”, perguntei, apavorado.

“Paz no bosque!”, disse meu pai, reprimindo uma lágrima.

O problema insolúvel

Quando eu já freqüentava a escola há algum tempo, um dia falei com meu pai:

“Aqui, paizinho, você tem de volta a minha pena e o meu lápis e o

meu livro. Não vou mais para a escola!”

Meu pai abanou a cabeça, preocupado. “O que foi?”

“Eu não gosto.”

“Mas o que é isto?”

“Primeiro”, disse, “a gente se senta sem o menor conforto. Antes, quando eu queria ver um livro de gravuras, sentava na poltrona, o que era muito bom. Agora, a gente tem de se sentar em um banco duro à frente de um livro monótono; quando a gente tem fome, não pode comer; quando está cansado, não pode dormir; e quando quer sair, precisa pedir licença. É um engodo!”

“Meu filho”, disse meu pai, sorrindo com uma doçura só dele, “o aprendizado é difícil e penoso, algo a que se deve sacrificar algumas liberdades. Mais tarde, quando você sair da escola, poderá novamente viver como quiser.”

“Pai”, disse eu, após refletir um pouco, “você já me enganou uma vez com isso. Aquela vez, com a esfregação com água fria. Primeiro, estou quente, depois tenho de deixar me esfriarem, só para depois voltar a ficar quente. Não caio mais nessa. Então! E agora preciso pedir um conselho a você. Devo dar cola no colégio ou não? Se eu fizer isso, meu professor vai me bater, e se não fizer, meus colegas vão me bater. Eles dizem que isso seria falta de camaradagem.”

Nesse ponto, meu pai ficou sério. E então ponderou alguns instantes.

“Esta é uma questão difícil”, disse por fim. “Vou me informar a respeito.”

No domingo seguinte, os nossos parentes estavam conosco à mesa — meu pai sempre me contava essa história. Todas as pessoas eram muito experientes e atuantes, e meu pai considerava muito a sua opinião.

Logo após a sopa, ele apresentou a questão.

Ele mal havia acabado e tia Hulda já se manifestou, sempre muito impulsiva e destacando a moral.

“Como é que você pode ter dúvida?”, indignou-se.

“Dar cola é ilícito e estritamente proibido, e o seu filho não deve fazer isso em circunstância alguma!”

“Sim, mas”, objetou timidamente meu pai, “se ele não der cola, os outros também não lhe darão cola, e ele ficará em desvantagem em relação aos que colam.”

“Então, ele deve estudar o suficiente”, decidiu tia Hulda, “ao ponto de

também progredir sem a ajuda dos outros.”

“Não, isso eu não quero”, disse meu pai. “Isso cansaria demais o menino.”

“Então, ele deve rodar”, decretou tia Hulda.

Isso ele também não quer, esclareceu meu pai, e tia Auguste o ajudou.

Tia Auguste era uma senhora pequena, redonda, muito enérgica e que sempre via tudo pelo lado prático.

“Bobagem!”, disse, irritada. “E onde é que fica o bom senso?! Meus quatro filhos sempre deram cola, fizeram coisas bem piores e concluíram a escola. O mais importante é não ser pego em flagrante.”

Meu pai sacudiu a cabeça, abatido.

“Esta não é uma solução satisfatória”, suspirou, “não posso dizer isto ao menino; além do mais, ele com certeza vai ser pego em flagrante.”

“Então, faça o garoto aprender a ser ventríloquo”, irrompeu tio Louis, o fazendeiro gordo, batendo com força nas coxas, “e então ninguém saberá quem deu cola.”

Mas essa proposta também não satisfez completamente a meu pai, e tio Emil, o advogado, aderiu.

“Com piadas de mau gosto”, opinou, não resolveremos o problema. Receio que tenhamos de escolher entre o ruim e o pior. O seu filho tem razão. Ou ele se suja com os professores ou com os colegas.”

“Então é melhor se sujar com os professores”, aconselhou a compreensiva tia Auguste.

“Pois os colegas podem ajudá-lo mais tarde na vida profissional. Mas o professor, certamente não.”

“Isso é verdade”, disse meu pai, aliviado.

“Como assim?”, irrompeu tio Louis.

“Se ele irritar os professores, eles o fazem rodar até ficar velho, e daí ele nem vai chegar à vida profissional!”

“Isso também é verdade!”, disse meu pai, pensativo.

“Ambas as opções podem não estar certas”, observou tio Emil, sacudindo a cabeça.

“Isso também é certo”, suspirou meu pai.

Depois, houve uma pequena pausa de constrangimento, e então tio Casimir se manifestou.

Tio Casimir era o mais perspicaz de toda a família. Havia estudado, sucessivamente, jurisprudência, filosofia e lógica e, com isso, havia se tornado tão perspicaz ao ponto de, por ter tanta perspicácia, acabar sempre se desmentindo no final.

Mas isso não causava qualquer dano à sua reputação.

“Meus caros”, começou ele, “nenhum de vocês consegue pensar com lógica; vocês estão cometendo um grande erro – vocês generalizam. Uma pergunta como esta deve ser tratada casuisticamente, deve-se decompô-la em partes e subdividi-la, dividi-la e novamente dividi-la. Então, vocês observarão como um problema desses se resolve facilmente.

Então, você quer saber”, dirigiu-se ao meu pai, “se o seu filho deve ou não dar cola para os colegas: é preciso distinguir duas possibilidades:

Ou os colegas dele sabem algo, ou não sabem nada.

Se sabem algo, então ele não *precisa* lhes dar cola.”

“Isso é verdade”, disse meu pai. “Mas e se eles não souberem nada?”

“Se eles não souberem nada”, prosseguiu tio Casimir, “deve-se novamente discernir duas possibilidades:

Ou o seu filho sabe algo, ou não sabe nada.

Se o seu filho não sabe nada, então ele não *deve* dar cola, pois poderia dar cola errada, e dar cola errada é um erro muito maior do que não dar cola nenhuma.”

“Mas e se ele souber algo?”, perguntou meu pai, impaciente.

“Se ele souber algo”, prosseguiu tio Casimir, impaciente, “então estamos novamente diante de duas possibilidades:

Ou os colegas dele sabem que ele sabe algo, ou não sabem que ele sabe.

Se eles não sabem que ele sabe algo, então ele não *precisa* dar cola. Ele pode sempre dizer que não sabia nada quando quis dar a cola.

Mas se eles sabem que ele sabe algo, e se ele realmente sabe algo, e se eles não sabem nada, então ele *deve* lhes dar cola.”

“Sim, mas”, disse o meu querido pai após uma longa pausa, “como é que o meu filho vai saber se os seus colegas sabem se ele sabe algo ou se não sabe nada?”

“Bem, *isto* eu também não sei”, disse tio Casimir, dando de ombros.

E, assim, este problema – como tantos outros na minha vida – também continuou sem solução.

O dia de reunião da família

Éramos, como se vê e ainda se poderá ver, uma família muito numerosa.

Meus avós haviam se empenhado muito para reunir esta família e o dinheiro para a sua manutenção, e sempre foi o maior desejo de meu avô mantê-la unida até as gerações mais remotas. Por isso, ele instituiu o dia de reunião da família também no testamento.

Era uma instituição maravilhosa: uma vez por ano, a gente se reunia na casa de campo do tio Julius, o filho mais velho. Além disso, se comia maravilhosamente e, ao final do dia, havia uma homenagem ao patrocinador.

E o melhor para nós era que, à tarde, havia um sorteio de brinquedos para as crianças e a distribuição de presentes em dinheiro para os jovens. “Para fortalecer o sentido de família”, como constava no documento da doação.

Com os pequenos, tio Julius não se preocupava muito; estes ele deixava para as tias. Mas os netos mais velhos, entre dezessete e vinte anos, estes eram o seu fraco.

Ele havia herdado muito sentido de tradição familiar do pai. Por isso, não permitia que outro conduzisse essa cerimônia e a abria com algumas palavras oportunas e educativas.

“Meus queridos sobrinhos”, disse ele naquele primeiro memorável dia de reunião da família, “estou entregando a cada um de vocês um presente em dinheiro no valor de cem marcos. Escolhi esta soma não por ser um número redondo, mas porque este é o capital com que o avô de vocês começou o seu negócio há sessenta anos. O que ele fez com isso, vocês já sabem. Sobre como vocês querem aplicar o dinheiro”, prosseguiu ele, “não vou dar nenhuma regra – há diferentes modos de utilizá-lo proveitosamente. Vocês também não precisam me dizer agora.”

“Mas aquele que me trouxe até hoje à noite, no final da festa, a melhor resposta, eu vou anunciar publicamente, e o seu nome será inscrito no Livro Dourado da Família!”

“Então! Agora vão, rapazes, e reflitam sobre o melhor meio de multiplicar o seu capital!”

Os jovens agradeceram comovidos e se retiraram, pensativos.

“Você foi brilhante!”, disse tia Hulda, que gostava de dizer coisas agradáveis aos outros.

Tio Julius sorriu de leve.

“Eu próprio estou curioso”, disse ele, “para ver quem se sai melhor.”

“Meu filho”, observou tio Emil, o advogado, “com certeza vai se inscrever em um ciclo de palestras sobre pintura, ele se interessa tanto por história da arte.”

“Instruir-se é bom”, disse tio Julius.

“Não para o meu”, riu tio Louis, o fazendeiro, “ele com certeza vai comprar uma bicicleta de duas rodas, que ele está louquinho para ter.”

“Esporte também é bom”, disse tio Julius.

“Meu filho provavelmente me dará o dinheiro para guardar”, opinou tia Hulda, “ele tem tanta confiança em mim.”

“Ter confiança é muito bom”, disse tio Julius, “mas, neste caso, não é desejável. Os jovens devem assumir responsabilidades eles próprios.”

Tia Auguste, a dona de casa prática, deu de ombros. “Vamos ver”, disse, filosófica.

E então foram todos deitar-se um pouco, pois o dia estava muito quente.

Quando voltaram, uma horinha mais tarde, os jovens pareciam ainda não ter chegado a nenhuma decisão – pois não se via nem sinal deles.

E à medida que a hora da homenagem ia se aproximando, tio Ferdi, o braço direito de tio Julius, foi enviado para descobrir o paradeiro deles.

Demorou bastante até ele voltar, e já veio acenando de longe.

“Encontrei-os! Estão no torreão”, disse.

“E o que estão fazendo lá?”

Tio Ferdinand ficou constrangido:

“Estão sentados em torno da mesa grande e...”

“E?”

Tio Ferdinand ficou ainda mais constrangido.

“E estão jogando pôquer”, disse, por fim.

A palidez e o assombro tomaram conta dos presentes.

“Sim, e você não os lembrou de minhas palavras?”, exclamou tio Julius, atônito.

“É claro que sim”, respondeu tio Ferdi, “mas eles me responderam que você lhes tinha dito que deveriam *aumentar* o capital, e, na pressa, não lhes ocorreu caminho melhor.”

“Então, diga-lhes para descer imediatamente! Preciso ter uma conversa séria com eles.”

Os chefes da família permaneceram sentados, remoendo aquilo, apáticos, quando tio Ferdi se afastou.

“Nossos filhos estão jogando cartas!”, lamentou-se tia Hulda. “No sagrado dia de reunião da família. E ainda por cima pôquer!”, exclamou, desesperada. “Pôquer, pôquer!!” E depois de uma pausa:

“Como é mesmo esse jogo?”

“O pôquer”, disse tio Emil, o advogado, “é um jogo no qual cada um deve procurar, ocultando uma carta ruim que tem na mão, ou seja, fingindo ter boas cartas na mão, provocar o equívoco dos outros jogadores. Portanto, corresponde quase literalmente ao delito penal do estelionato.”

“Estelionato”, lamentou-se tia Hulda, “nossos filhos se tornaram estelionatários – com o sagrado dinheiro do dia de reunião da família!”

“Também não é tão horrível assim”, corrigiu tio Emil, “a lei proíbe apenas os jogos de azar abertos ao público. Em grupos privados, não é ilegal.”

“Mas não na minha casa!”, bradou tio Julius. “Minha casa não é um antro de jogo! Aliás, quanto tempo demora uma partida?”

“Uma jogada”, respondeu tio Emil, “dura poucos minutos. A duração da partida, porém, varia, de acordo com o temperamento e a resistência física dos jogadores, de trinta minutos a vinte e quatro horas!”

Tio Julius empalideceu:

“E então, é possível que os moleques esqueçam a vida jogando e percam a homenagem!”

“Nem todos”, consolou tia Auguste. “Os vencedores haverão de ser pontuais. No entanto, os perdedores jogam eternamente.”

Neste instante, voltou tio Ferdi.

“Eles não podem vir”, informou ele, sem fôlego. “Os perdedores disseram que reduziram demais o seu capital para ter coragem de aparecer diante de você, e os vencedores mandaram dizer que ainda não o aumentaram o suficiente.”

Tio Julius apontou, ameaçador, para o teto: “Diga-lhes que, se não descerem imediatamente, não ganharão presente no próximo dia de reunião da família. Os jovens estão debochando de nós!”, exclamou, voltado para os outros. “Se nosso saudoso pai soubesse disso!”

“E o pai não jogava cartas às vezes?”, perguntou tia Auguste.

“Mas não em dias festivos como este... e só *Whist*, não pôquer!”

“Naquele tempo, ainda não havia pôquer”, lembrou tia Auguste, seca, e continuou, suspirando: “Os filhos têm mesmo a quem puxar!”

“Isso é bobagem”, exclamou tio Louis, “pode-se controlar a ânsia pelo jogo. Quando, há dois anos, precisei ir com a minha esposa convalescente à Riviera, tive de prometer ao meu sogro que não tocaria em cartas – e mantive minha palavra!”

Tia Auguste olhou-o, admirada.

“Você não tinha dito aquela vez que havia ganhado muito dinheiro em Monte Carlo?”

“Aquilo foi na roleta!”, exclamou tio Louis, furioso. “Joga-se roleta com a bola, e não com cartas!”

Pela terceira vez, entrou em cena tio Ferdi. Estava encharcado e muito abatido.

“Eles se trancaram”, anunciou, choramingando, “e quando fui pela escada em caracol, me jogaram água na cabeça.”

Aí tio Julius perdeu a paciência.

“Agora eu mesmo vou subir”, exclamou, agitando a bengala, “e o dia de reunião da família nunca mais será na minha casa!”

Mas tia Auguste o deteve.

“Nem oito, nem oitenta. Nenhum de vocês sabe educar os filhos. Primeiro você foi brando demais com os jovens e agora está sendo severo demais. Deve-se adotar o meio termo!”

E deixou a sala com passos curtos e rápidos.

Os que ficaram a observaram, céticos – não acreditavam nos seus métodos de educação – mas aconteceu o milagre.

Decorridos dez minutinhos e pouco antes do início da homenagem, os pecadores apareceram no salão e, como se tivessem combinado, não se disse mais uma palavra sobre o triste incidente.

Só que tio Louis não se conteve e perguntou ao seu rebento qual seria esse “meio termo” que tia Auguste teria empregado.

Ele deu de ombros.

“Muito simples”, disse, irritado, “ela se sentou conosco e jogou junto. Em quinze minutos, nos tomou todo o dinheiro. E aí, infelizmente, não podemos mais jogar!”

Outro passeio com meu pai

Uma tarde – eu já tinha quatorze anos, e estávamos nas férias de verão – uma tarde, meu pai me disse: “Venha, vamos fazer um passeio.”

“Para onde?”, perguntei.

“Para qualquer lugar”, disse meu pai, “na bela e pura natureza.”

“Tem café lá?”, perguntei.

“Por quê?”, disse meu pai.

“Quando saio para um passeio”, respondi, “tenho sempre de tomar um café, senão não tem graça.”

“Tudo bem”, disse meu pai, “então vamos ao Restaurante Waldhaus. Lá, o café é bom.”

“Fica longe?”, perguntei.

“Mais ou menos a uma meia hora!”

“Também tem bolo?”, perguntei.

“É provável”, respondeu meu pai.

“*Apfelstrudel* também?”

“Vamos ver”, disse meu pai, “mas agora vá se arrumar. Vamos indo.”

Assim, peguei o meu chapéu. Mas eu ainda hesitava.

“Podemos ir de carro?”, perguntei, despretensioso.

“Por quê?”, perguntou meu pai.

“Aí chegaríamos mais rápido ao café!”, respondi.

“Então poderíamos também tomar café em casa!”, respondeu meu pai, bastante impaciente.

“Seria ótimo”, exclamei muito alegre. “Se você me der dinheiro, eu corro para a confeitaria e busco duas fatias de *Apfelstrudel* ou torta de requeijão ou floresta negra. Mas elas custam 45 centavos!”

Em vez de qualquer resposta, meu pai me pegou pela mão e me puxou porta afora.

E então caminhamos pela bela e pura natureza. Pai e filho.

Mas meu pai não me agradou naquele dia. Geralmente, quando saíamos para um passeio, ele me contava histórias engraçadas ou então dizia: “Olhe a postura, garoto, e não arraste tanto os pés!”, e um monte dessas coisas paternas e gentis, que tocavam meu coração.

Mas, naquele dia, ele estava tão sério, tão ensimesmado, quase solene, como se procurasse as palavras para me comunicar algo sério ou desagradável.

Por fim, enquanto passávamos pela relva verde e viçosa, ele quebrou o silêncio.

“Veja as belas flores”, disse em um tom brando, mas firme, que ele só usava quando queria me tocar a consciência por causa de alguma travessura muito boba. “Você sabe como elas se chamam? E examine as borboletas coloridas e as pequenas abelhas, como voam de flor em flor e vão carregando o pólen das flores nas asas. Você já parou para pensar por que as flores desabrocham tão bonitas e por que as borboletas voam de flor em flor, eu diria, cambaleiam?”

“Talvez estejam lanchando”, respondi, desconversando – mas não me senti muito bem com isso.

É que a minha consciência não estava totalmente limpa. Em uma das últimas aulas de ciências, antes da nossa viagem, eu tinha recebido uma advertência porque não havia estudado o Sistema Lineísta e algumas banalidades botânicas, e meus colegas me disseram que meus pais poderiam receber um comunicado por escrito. Além disso, meu amigo Robert Weickert, quando me visitou, falou às escondidas com meu pai. Assim, decidi ser cauteloso.

“Se você prestasse mais atenção nas aulas”, continuou meu pai, “ou tivesse se concentrado mais em ciências, já saberia.”

Aquela era uma insinuação clara.

“Pai”, disse, assustado, “Robert lhe disse alguma coisa?”

“Deixe Robert fora disto”, disse meu pai, “na vida, há coisas em que terceiros não devem se intrometer, coisas muito importantes, que deveriam ser conversadas somente entre pai e filho. Mas deve reinar total confiança entre ambos, total confiança e total franqueza – para evitar más conseqüências.”

Sem dúvida, Robert, o sacana, havia me dedurado. Agora já era: melhor contar a verdade.

“Pai”, disse eu, tentando produzir lágrimas nos olhos, “tenho de lhe fazer uma confissão.”

Meu pai ficou muito pálido.

“Fale!”, disse ele, com a voz quase trêmula. “Conte-me tudo. Talvez ainda dê tempo de consertar.”

“Pai”, eu disse, e então minhas lágrimas já estavam escorrendo, “recebi uma advertência na aula de ciências!”

O sangue voltou ao rosto de meu pai.

“Garoto bobo!”, exclamou. “Por que me assustou tanto com isso? – Quero dizer”, corrigiu-se, “é claro que uma advertência é uma coisa desagradável, mas, com um pouco de esforço nos estudos, pode-se resolver isso”.

“Pai”, cochichei, agradecido, “você é um pai muito amado!”

“O amor”, disse meu pai, e ergueu o dedo indicador, “é o sentimento mais nobre que une as pessoas – pais e filhos e especialmente homem e mulher... sem ele, o mundo não continuaria a existir. É claro que o amor também acarreta riscos.”

“Eu sei”, observei, compreensivo, “quando se casa com uma mulher feia ou mandona ou avarenta, se pode ser infeliz para o resto da vida!”

“Isto também”, disse meu pai, “por causa de um amor irrefletido, muita coisa pode ruir.”

Foi então que levei meu segundo susto. Talvez isso tivesse a ver com a estátua de porcelana de Meissen, que eu havia acidentalmente decapitado no dia anterior. Eu tinha colado a cabeça e colocado uma fita de seda azul em torno do pescoço, para que não se visse o risco. Mas o seguro morreu de velho... eu devia mudar de assunto.

“Pai”, eu disse, então, de repente, “afinal, quanto dinheiro você tem?”

Eu já sabia que ele não gostava dessa pergunta e nunca a havia respondido. Também dessa vez ele só resmungou alguma coisa, mas fiquei em paz até chegarmos ao Restaurante Waldhaus e eu comer a minha primeira fatia de *Apfelstrudel*.

Então, ele recomeçou.

“Você me perguntou sobre o meu patrimônio”, disse com suave firmeza, “mas o dinheiro e os bens são valores passageiros. O melhor que os pais podem legar aos filhos são as virtudes da alma e do corpo, pois ambos são a mesma carne e o mesmo sangue. Cientificamente, os filhos são apenas a continuação dos pais.”

Aí fiquei muito irritado. O que o meu pai queria arrancar de mim?

Isso com certeza não teria a ver com os dois charutos que eu havia roubado recentemente. E com a possibilidade de eu rodar no final do ano, também não deveria ter nada a ver. Mas, no caso do meu pai, nunca se podia ter certeza. Ele fazia muitas voltas. Por isso, quando me repetiu que

as virtudes dos pais sempre se perpetuavam nos filhos, respondi, me fazendo de inocente:

“Paizinho, você é mesmo tão guloso quanto eu? Ou herdei isso da mamãe?”

Ele limpou o suor, parou de andar e então disse: “Você já não é mais criança e tem o direito de saber de tudo!”

“Pai”, disse, assustado, “será que você aprontou alguma? Os negócios vão mal ou você está à beira da ruína? Posso ajudá-lo com alguma idéia ou fazendo algo?”

“Não”, disse meu pai, “trata-se de você. E estou vendo que tenho de falar bem claro e com todas as letras... Na história da cegonha, você provavelmente não acredita mais?”

Saiu um peso do meu coração.

“Ah, você quer me dar orientação sexual?”, exclamei, aliviado. “Não precisava ter me arrastado até o Restaurante Waldhaus. No sexto ano, os outros garotos já me explicaram tudo em detalhes!”

O homem-trovão

O autor era uma criança medonha – eu próprio tenho de admitir. Malcriado, intrometido, extremamente mimado, pequeno, magricela e comilão.

Burro, eu não era; pelo contrário, era até bem esperto – mas apenas para inventar novas má-criações.

O meu quarto, eu havia transformado em um zoológico.

Meia dúzia de pássaros cantores voavam livres e aos poucos iam cobrindo o tapete com uma fina camada de guano. Duas tartarugas velhas tinham ali o seu pouso noturno; durante o dia, passeavam lenta mas continuamente por todo o apartamento e, à noite, muitas vezes meu pai as encontrava em sua cama.

No meu aquário, eu quis cruzar um axolote com dois peixes dourados, o que certamente teria dado certo se o axolote não tivesse antes devorado os dois peixes.

Meu pai, com seu otimismo tranquilo, considerava tudo isso sinal de interesse por Biologia. Mas minha mãe, que na época era um pouco nervosa, não me agüentava mais. Eu também não teria me agüentado, se não fosse

obrigado.

E um dia caiu a famosa gota d’água que fez o copo transbordar.

Meu pai me chamou para um canto e disse com uma expressão séria e sofrida: “Meu filho querido, decidimos colocar você em uma pensão de pessoas desconhecidas.”

Fiquei sem palavras.

“Mas por quê?”, perguntei, surpreso. “Até que é bom ficar com vocês. É bem verdade que outro dia o *Apfelstrudel* estava um pouco queimado e a minha mesada é meio curta para as minhas necessidades, mas, afora isso, não tenho nada do que me queixar.”

“Mas nós temos”, disse meu pai, parecendo muito preocupado. “Você leva todos nós ao desespero. Outro dia, quando a sua pobre mãe abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, saltaram nela cinco salamandras pequenas. E os seus modos também são pavorosos. Você come como um porco; quando há visitas, toma conta da conversa. Mexe nos escaninhos da minha escrivaninha e mete o nariz nos meus negócios, que não lhe dizem respeito. Se você ficar com uma família severa e simples, vai aprender a parar com tudo isso. É para o nosso bem e o seu próprio. Pense bem e depois me dê uma resposta.”

Pensei por um instante e disse: “Vou dar sumiço nas salamandras.”

Meu pai sacudiu a cabeça com tristeza.

“Não é isso. Você tem de mudar. Tem de ir para um outro ambiente, onde aprenderá que nem tudo na vida é como você quer e está habituado a ter em casa”.

Ofereci a ele, pela ordem, uma tartaruga, um papagaio que já estava com uma asa paralisada mesmo e até a metade da minha mesada – não adiantou nada.

Ele se manteve firme. E numa bela manhã de verão entrei para a família do Sr. Richter, professor do ginásio municipal...

Naquele dia, o Homem-Trovão entrou pela primeira vez na minha vida.

Hans Christian Fürchtegott Richter era um brutamontes. Tudo nele era anguloso. Anguloso e heróico.

Começando pela cabeça quadrada, passando pelos ombros heróicos até os pés compridos e de baixo para cima até a respeitável barba cerrada que, quando estava nu, lhe fazia cócegas no umbigo.

Tudo o que ele fazia, fazia com tanto esforço que ia muito além do

objetivo.

Quando, ao amanhecer, levantava da cama, o fazia num pulo. E quando, então, corria para o banheiro para tomar uma ducha e a água batia em suas costas fortes, arrepia-se – a água, não ele. Ele cantava.

Aliás, cantava sempre, de manhã, à tarde e, à noite, quando limpavam os sapatos, toda a família cantava a quatro vozes. Ele, sua mulher pequena e humilde e os dois filhos desajeitados. E eu tinha de cantar junto, logo na primeira noite. Mas só na primeira noite.

Depois eles cantaram de novo em quarteto.

Quando eu, na primeira manhã, entrei na copa desleixado e sonolento, ainda não havia café, mas a primeira descompostura.

“Que cara é essa? O seu colete está mal abotoado e você não está penteado! E por que já está bocejando de manhã cedo?”

“Por que não posso bocejar?”, respondi mal-humorado.

“Isso já é outra dessas manias! Por que você responde a uma pergunta com outra pergunta? Isso é muito feio. E ontem ainda observei que você dá tapinhas nos ombros das pessoas, mexe em seus botões quando fala com elas. Se eu tivesse feito isso na sua idade, meu pai teria me dado uma sova.”

E daí...? Pensei cá comigo com raiva – pois não tive coragem de falar em voz alta – que grande coisa o senhor é na vida? Um professor de educação física e canto da primeira série! Eu era uma criança medonha.

Eu até que tinha uma desculpa para isso.

Estava com tanto ódio no coração.

Aqui tudo era tão correto, de estilo tão militar, tão sem amor, e em casa...

Em casa, depois da aula, eu ganhava sempre uma gemada e meu pai passava a mão na minha cabeça e perguntava se eu não tinha me cansado demais. Aqui – nada disso.

Quando chegava da escola, o professor já estava na minha frente como um furacão: “O almoço tem de ser merecido!”, berrava comigo. Agora está na hora de aprender a nadar!”

Numa poça suja, o mestre em natação colocou-me num *anzol*. Era uma vara comprida, colocada sobre a grade de proteção. Amarrada nela, uma longa corda; na corda, um cinto comprido molhado e, dentro do cinto, eu. E quando, o que ocorria muitas vezes, o mestre gracejava com a mulher, que lavava roupa na outra margem, ele se distraía, deixava cair o *anzol* e eu engolia água.

Depois disso, finalmente, a volta para casa e o almoço. Quero dizer, o almoço ainda não vinha. Antes o dono da casa ainda rezava, convidando o Todo-Poderoso para o almoço. De onde ele tirava a coragem para isso, pois a comida era horrorosa, até hoje é um segredo para mim.

Na maioria das vezes, havia um cozido de bofe, fígado, baço e outras vísceras, que às vezes era chamado de picadinho ou então de estrogonofe, mas o pior era que eu não podia falar à mesa.

Quando na primeira vez, como em casa, fiz uma das minhas perguntas mal-afamadas, o Homem Trovão disse com a testa franzida: “Os meninos só falam à mesa quando são perguntados!”

Fiquei quieto e engoli em seco a minha raiva, junto com o picadinho de pulmão.

Finalmente, no quinto dia – o professor estava bem-humorado, meu pai tinha pago a pensão – ele me disse com tanta benevolência quanto lhe era possível: “Então, garotinho, esses tempos você queria nos dizer algo. O que você tem a perguntar de tão interessante?”

Por um instante, fiquei olhando com um ar sonhador e depois disse: “Por que o senhor sempre come vísceras picadas? Por que aqui não tem rosbife com pepinos em conserva ou filé com molho à *Cumberland*?”

O professor me olhou pasmo. Depois disse furioso: “A nossa comida é suficiente e saudável, e o seu desvario sobre pratos exóticos pode ser bom para *gourmet* abastado. Nós não somos ricos o suficiente para isso!”

“Por que não?”, perguntei, teimoso. “Não é tão difícil assim. Meu pai simplesmente vai à bolsa ao meio-dia, compra papéis e, quando sobem, vende-os de novo!”

A cara do Homem-Trovão se fechou.

“A bolsa é uma árvore venenosa. E provar dos seus frutos é perigoso!” E aí desabou uma tempestade ensurdecadora sobre mim com coisas como juventude precoce de cidade grande e gula internacionalista que me deixou tonto.

Mas à tarde, quando lhe dei os meus temas de casa para corrigir, perguntou-me como quem não quer nada: “A propósito, que tipos de papéis o seu pai compra?”

De cor, eu não saberia dizer, respondi hesitando, mas se ele me deixasse ir para casa no sábado, eu poderia prestar atenção.

A partir daquele dia, a minha vida foi mais suportável.

Ele se tornou mais humano comigo.

Não precisei mais fazer ginástica e fui dispensado das aulas de canto.

Ele também não troçava mais de mim durante as aulas de natação; ele nem ia mais lá. Dizia que tinha afazeres na cidade.

Finalmente, após quatro semanas, meu pai veio à pensão para saber do meu comportamento.

Ele encontrou algumas coisas modificadas.

Na sala de visitas, havia um tapete novo, e a pavorosa capa de algodão rústico tinha desaparecido da poltrona.

Mas o professor também tinha se modificado de alguma maneira. A respeitável barba cerrada, que mais parecia uma pantufa, foi reduzida a uma moderna barbicha, e, na região do estômago, erguia-se uma suave elevação. Ele tinha se tornado mais urbano.

Ofereceu a meu pai um charuto legítimo, quando ele perguntou como eu me comportava.

Ele lhe bateu no ombro com intimidade e disse:

“Ótimo! O menino está aprendendo a nadar agora. É alegre e desinibido e age como se estivesse em casa. Um exemplo de menino!”

Meu pai estava radiante: “Então ele se sente bem na sua casa?”

“Por que não deveria se sentir bem aqui?”, perguntou o professor e bateu no outro ombro do meu pai.

Ele tem um apetite excelente, gosta da comida. Um dia desses até fizemos o seu prato preferido. Filé à *Cumberland* ou sei lá como essa coisa se chama., aliás, um prato ótimo.”

Meu pai sorriu satisfeito.

“E como ele está indo no colégio?”

“Ah, está indo bem. Matemática ele ainda não está acompanhando muito bem, e em Latim, tirou a pior nota faz pouco. Mas, Sr. Oliven, o que são as ciências mortas? Ele tem uma cabeça arejada e, para a idade dele, uma visão madura da vida moderna. O senhor ainda terá muitas alegrias com ele.”

Meu pai olhou-o com um olho entusiasmado e outro sombrio.

“Aliás”, continuou o professor, “ele não perdeu o interesse científico. Parece se interessar por zoologia. Mantém no quarto uma coruja e uma tartaruga e outros bichos e, esses dias, ah, ah, ah, quando minha mulher abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, pularam nela cinco salamandras. Como essa pobre mulher se assustou! Chorei de tanto rir.”

Meu pai despediu-se com os dois olhos sombrios.

Na porta, ele ainda se deteve um instante.

“O que eu ainda queria perguntar... Ultimamente o menino tem os bolsos cheios de balas, quando vem para casa. Dia desses até comprou um relógio de prata. O senhor aumentou a mesada dele?”

“Naturalmente que não”, respondeu o professor, rindo com embaraço e girando o melhor botão de osso da jaqueta do meu pai, mas ele sempre me traz boas dicas para a bolsa e aí, de vez em quando, lhe dou uma pequena comissão.”

Aula de dança

Eu ainda não tinha completado 17 anos e freqüentava a escola, quando tive a minha primeira aula de dança.

“Está na hora de este rapaz aprender boas maneiras e se aproximar de jovens damas”, disse minha mãe.

“Mas não demais”, respondeu meu pai, franzindo a testa.

Assim entrei para o curso de dança do diretor do balé estadual Sr. Quaritsch.

O Diretor Quaritsch era um homenzinho pequeno e engraçado, sempre de terno preto e sapatos de verniz. Sua maneira de falar não era gramaticalmente muito correta, era áspera, mas cordial.

Em outros tempos, havia sido o vice-diretor do balé da ópera. Após a sua aposentadoria, criara uma escola de dança, “para também beneficiar os meios burgueses com a minha arte”.

“Se consegui dar conta das meninas e dos meninos do balé, também vou saber dar conta de vocês!”

Essa era a sua saudação.

“Exijo ordem!” era o seu lema.

E então ele nos enfileirou. Em três fileiras, um atrás do outro.

“Os pequenos na frente e os grandes atrás! Para que um não possa se esconder atrás do outro.”

“Não, não, não! Nada disso, nada de mistura. Os cavalheiros à parte! Em dois grupos. Comigo é na base da separação dos sexos!”

E isso valia até na hora de ir para casa. Nessa hora, o seu filho ficava diante da porta e cuidava para que todos fossem embora separadamente. Os cavalheiros para a direita e as damas para a esquerda, mesmo se com isso tivessem de dar uma volta maior.

“Para que não me venham com queixas!”, acrescentava, explicando. Em seguida, começava a aula de dança propriamente dita.

O Sr. Quaritsch tinha alugado um salão enorme – antigamente um salão de baile, com cadeiras colocadas ao longo das paredes; afora isso, não tinha nenhuma despesa.

Fazia tudo *solo-sozinho*!

Ele era o seu próprio professor de dança, o seu próprio demonstrador de passos e o seu próprio regente, tudo ao mesmo tempo.

Com as mãos, tocava violino; com os pés, demonstrava os passos e, com a boca que nunca se calava, dava as devidas instruções e observações... quase sempre cantadas e ao compasso da música.

“La-la – la-la – perna direita!”

“La-la – la-la – perna esquerda!”

“La-la – la-la – não olhar para os pés!”

“La-la – la-la – de novo errado!”

Assim aprendíamos na teoria, ao som do violino e das advertências mais ou menos brandas do nosso mestre, todas as danças há muito esquecidas, que naquela época estavam no auge da moda: polca, polca cruzada, dança tirolesa, mazurca, *Krakoviak* – a dança nacional da Polônia – e galope; até que um dia o Sr. Quaritsch bateu forte no seu violino e assim falou ao seu povo: “Atenção! Agora chegou a hora da verdade. Agora vamos soltar os cavalheiros para cima das damas sofredoras. Agora dançaremos aos pares. Agora vamos tirar para dançar!”

E imediatamente deu as ordens necessárias.

“Portanto, os homens nas cadeiras na parede à direita e as damas no outro lado, na parede à esquerda – e, quando eu disser ‘Agora!’, os cavalheiros vão ao encontro das damas e as convidam para dançar!”

Entre os jovens, reinava o entusiasmo. Até então, só nos havia sido permitido observar os nossos pares à distância, do modo como o noivo observa a noiva no Oriente, e naquele momento estava ficando sério.

As poucas moças bonitas já haviam sido escolhidas por todos nós em pensamento. E como quase todos tinham o mesmo gosto, ao comando “Agora!”, houve uma corrida de trinta jovens dançarinos em direção às

damas, que estavam a uma distância de mais ou menos doze metros. O resultado foi desanimador.

No mínimo 25% escorregaram no parquê brilhoso como um espelho e ficaram pelo caminho. O resto brigava pelas cinco ou seis moças bonitas.

“Parem!”, trovejou o Sr. Quaritsch. “O que está acontecendo aqui?! O que significa isto? Isto não é tirar para dançar. É um rapto de moças! É o rapto das Sabinas! Todos de volta aos seus lugares! Agora vou mostrar como se faz.”

“Bem, agora preste atenção, Meyer”, disse, dirigindo-se a um jovem alto e desengonçado, a quem sempre dispensava especial simpatia, “agora imagine que o senhor não é o aprendiz de farmácia, mas um cavalheiro fino, vestindo fraque e uma camisa muito elegante, em vez deste *chemisett* abotoado, que a cada movimento escorrega para fora do colete – então a coisa seria assim.”

Com isso, ele saltitou com passos de balé pequenos e graciosos pelo salão vazio – atrás dele, o comprido Meyer, com os enormes pés chatos de sete milhas – até chegarem em frente a uma dama.

Aí ele pegou Meyer pela mão e disse:

“Agora o cavalheiro faz uma reverência elegante em frente à dama e diz: ‘Concede-me esta dança, senhorita?’ E a dama levanta, faz uma genuflexão e diz: ‘Com prazer...’ ‘Entendeu?’

O Sr. Meyer fez sinal com a cabeça, confirmando.

“Depois, o cavalheiro coloca discretamente a mão direita em volta da cintura da dama e, com a esquerda, pega graciosamente a direita dela e a sustenta no ar. E agora experimente...!”

“Caramba, o senhor enlouqueceu? O senhor chama isto de colocar a mão discretamente em volta da cintura? Isto é um abraço de noivos! E a senhorita, não permita isto! Dê-lhe um soco no estômago!”

Assim era o Sr. Quaritsch.

Mas ele também tinha seus méritos.

Esforçava-se muito conosco, e aprendíamos tudo o que se pode aprender na aula de dança – até valsa vienense.

Só manter o compasso causava-me algumas dificuldades. Na maioria das vezes, eu tinha um ritmo diferente do meu par, mas no final nos acertávamos.

E as danças figurativas, então!

Contre-danse e Quadrille à la Cour.

Quem ainda se lembra? – *Les visites – Compliment prolongé* – esse era o forte do Sr. Quaritsch.

“Reverência profunda; meus senhores! Mas não deixem os braços tão pendurados. Os senhores não são quadrúpedes! – E as damas – mesura! Pé direito à frente, dobrar perna esquerda – fundo, mais fundo – afundar-se, mas não cair, minhas senhoras! As senhoras não têm necessidade de se deitar aos pés dos cavalheiros, tão bonitos eles não são!”

Somente a pronúncia dos comandos em francês lhe causava dificuldade. Por isso, ele os empurrou para mim, quando já tínhamos progredido um pouco.

“O senhor deve saber isso! O senhor está no ginásio!”

Até no baile de encerramento fui encarregado de comandar a primeira quadrilha.

Oh, Deus, como eu estava orgulhoso!

Primeira quadrilha! Baile do encerramento.

O sonho de todas as moças! A felicidade de todos os jovens!

Estudei todos os comandos até sonhar com eles. Depois comprei um fraque. Gastei todo o meu dinheiro. Numa confecção. Ele estava um pouco apertado em torno do tórax e muito largo ao redor do pescoço, tanto que subia, mas puxando-o de vez em quando para baixo, até que dava.

Foi uma noite inesquecível – nosso baile de encerramento.

A porta de entrada estava enfeitada de guirlandas, e nas paredes do salão de baile luziam lampiones de papel colorido. Até os salões laterais, em geral cuidadosamente fechados, estavam abertos; num deles, havia até um bufê com refrescos.

Tivemos permissão para convidar amigos e amigas, e no estrado estavam sentados pais e parentes com olhar crítico.

Tudo decorreu às mil maravilhas.

Também a quadrilha, que eu comandava, foi perfeita. Ao menos nas primeiras voltas.

Então ocorreu um pequeno incidente.

Na minha frente, no meu *carré*, dançava uma jovem muito graciosa – uma convidada – que alguém havia trazido junto! – que desde o início me chamou a atenção, porque se destacava bastante das nossas moças da aula de dança. Enquanto estas desfilavam nos novos vestidos de baile, enfeitados com babadinhos e rendinhas, ela usava um bem mais despretensioso, um vestido de seda quase liso. E enquanto as outras, silenciosas, com atenção

concentrada, executavam as suas voltas, ela desfilava conversando para a direita e para a esquerda com despreocupado *nonchalance*, que não deixava prever nada de bom.

E de fato, quando dei a ordem “*Attention Chainé anglaise!*”, ela foi para a esquerda e não para a direita – os pares se atrapalharam, a *corrente inglesa* rompeu, e não tive outra alternativa a não ser dar o comando de “*A vos places!*” e mandar repetir mais uma vez todo o movimento. Depois a quadrilha terminou razoavelmente.

Após o fim, fui imediatamente ao encontro da jovem desconhecida e a repreendi: “Se a senhorita não sabe dançar quadrilha, porque participou da dança?”

“Mas eu sei”, disse ela, sorrindo.

“E, daí?”

“Não aturei mais esta ordem exemplar”, confessou, baixando os olhos. “Esta seriedade solene me deixou toda nervosa: aí quis variar um pouco. Na verdade, irritar o Sr. Quaritsch – nada a ver com o senhor. E agora, por favor, não fique de mal comigo, seja simpático e dance uma marca comigo!”

Ela disse tudo de uma maneira tão engraçada, que toda a minha raiva se dissipou. Imediatamente me levantei, fiz uma reverência perfeita e disse: “Se me permite, senhorita!”

Mas ela não fez nenhuma mesura e também não disse “É um prazer”, como nós aprendemos, e sim, enganchou confiante o seu braço no meu.

Estava tocando uma valsa, mas não aquela que o Sr. Quaritsch sempre tocava em aula – porque ele só sabia aquela – e sim uma completamente diferente. Isso me deixou um tanto quanto inibido. Mas não deixei transparecer e comeci a valsar corajosamente. Só não conseguia me livrar da vaga sensação de que a minha dama dançava um compasso à minha frente e, quando apressava o passo, tinha de novo a sensação de que ela ficava um passo atrás.

E precisei de toda a minha força para evitar que essa distância aumentasse!

Finalmente chegamos a um tipo de acordo – ela dançava no compasso e eu não – mas, de repente, ela sacudiu a cabeça e disse rindo: “Mas o senhor está contando” e depois “enlace-me com mais força. Não sinto firmeza nenhuma!”

“Disseram-nos expressamente para colocar o braço só de leve na cintura da dama”, respondi um pouco ofendido.

Mas ela retribuiu com um sorriso franco: “Ah, vocês estão totalmente

viciados pelo Quaritsch! – Agora vou segurá-lo e dançar como se eu fosse o homem!”

“Mas isso não dá!”, exclamei horrorizado.

“O senhor verá logo, como dá!”

E realmente deu.

Minha parceira dançava tão segura de si e marcava o ritmo com o braço, com o qual me conduzia, que simplesmente não me restou mais nada, a não ser me manter no ritmo. E mesmo depois, quando eu dançava de novo como homem, esse estado de felicidade perdurou.

“Agora só vou dançar com a senhorita!”, exclamei, orgulhoso e feliz.

Mas ela sorriu, dizendo que não.

“Agora precisamos nos recuperar um pouco do nosso feito heróico.”

Levei-a ao bufê e comprei dois copos de ponche e duas tortas de maçã.

Nós os saboreamos numa sala ao lado, enquanto lá dentro todos se divertiam ao ritmo do cotilhão.¹

E aí ela começou a conversar.

Estava aqui só de passagem, de visita, mas estava gostando muito, porque era tudo muito engraçado. Pois aqui era tudo tão formal e, quando algo era tão formal, ela sempre achava graça.

Isso eu achei muito original.

Mas, de repente, tive um sobressalto.

“Senhorita”, disse, “esqueci totalmente que deveríamos ser apresentados. O Sr. Quaritsch disse que deveríamos ser apresentados por um conhecido de ambos. Devo buscar imediatamente alguém que me apresente à senhorita?”

“Não”, disse ela rindo, “não é necessário. Já sei como o senhor se chama. Já me informei.”

“E como se chama a senhorita?”

Ela ficou levemente ruborizada.

“Eu me chamo Przybiczewska”, disse ela. A pessoa tem de espirrar, se quiser pronunciar certo. Mas o meu primeiro nome é Valesca. Pode me chamar de Senhorita Wally sem problema algum.

E então ela quis que eu falasse algo.

¹ N. de T. Dança semelhante à quadrilha.

“Ainda estou no colégio”, disse, “no penúltimo ano. Em Matemática e Canto, meu aproveitamento é insuficiente, mas em Latim eu sou muito bom, e o meu forte é Redação com tema livre!”

O que eu queria ser?

“Estou indeciso entre adido cultural e cientista. Mas o meu coração me impele para a poesia.”

“Isso é maravilhoso!”, exclamou ela, entusiasmada. “É tão romântico! Mas sobre o que o senhor faz versos?”

“Sobre o amor, naturalmente”, respondi, sem vacilar por nenhum segundo.

“O senhor entende alguma coisa disso?”, perguntou curiosa.

“Não”, disse eu, “mas, através de intensa leitura, espero me familiarizar com a matéria.”

“Isso o senhor certamente conseguirá”, acrescentou ela, gentil, “e, quando o senhor for famoso, terá de me dedicar o seu primeiro livro.”

Ela era realmente uma pessoa muito charmosa, e senti instintivamente que deveria retribuir.

Pedi uma segunda torta de maçã para ela – desta vez, porém, mandei pendurar, pois estava arruinado financeiramente. Tive até de deixar meu canivete no bufê, como penhor. Então li para ela a minha poesia preferida, que sempre trazia comigo.

Era escrita em versos jâmbicos, com pé métrico de cinco sílabas, e tratava de corações despedaçados.

Ela disse que era maravilhosa. Não tinha entendido tudo, mas estava muito emocionada. E com isso o meu destino estava selado.

Sempre, na minha vida, senti uma profunda inclinação por mulheres que gostavam dos meus versos e, naquele momento, estava totalmente convencido de que, pela primeira vez, estava apaixonado. Só não sabia muito bem como me comportar nessas situações.

Tanto quanto eu havia constatado em romances, deveria se tomar o objeto do seu afeto carinhosamente nos braços, mas isso também poderia ter consequências desagradáveis. E, como era um menino muito cuidadoso, decidi-me pelo meio termo. Fiquei muito vermelho e então disse:

“Senhorita Wally, o que faria se eu lhe desse um beijo agora?”

Ela riu na minha cara.

“Teoricamente”, disse ela, “não posso dizer o que penso”.

Aí eu me enchi de coragem e lhe dei um beijo tímido no lado esquerdo do rosto.

Ela me olhou, surpresa. E então, no seu jeito agradável e natural, fez uma genuflexão e disse: “Muito obrigada.”

Isso foi demais para mim!

Feliz, fechei os olhos.

E quando os abri novamente – ela tinha ido embora.

Ainda vi o seu vestido no meio do tumulto dos dançarinos. Depois ela desapareceu.

Nunca mais a vi.

A escolha da profissão

Quando terminei o colégio, ainda não sabia ao certo o que queria ser. Também, como saber?

Quando se dá um passo importante na vida, fazem-se antes algumas tentativas práticas.

Antes de comprar um cavalo, monto nele. Antes de comprar um par de sapatos, experimento-os, para ver se não apertam e se me sinto bem neles. Somente nas duas decisões mais importantes da vida, na escolha de uma profissão e na escolha de uma esposa, decidimo-nos, na maioria das vezes, sem conhecimento prático prévio.

No entanto, a minha situação ainda era cômoda. Não precisava, de imediato, batalhar pelo pão de cada dia, meus pais estavam dispostos a arcar com o custo de qualquer formação profissional.

Numa palavra, poderia vir a ser tudo o que quisesse, e assim não me tornei nada.

Mas deixemos isso para mais tarde.

Em todo caso, meus pais quase se preocupavam mais do que eu próprio com o problema e, depois de ter prestado meu exame de conclusão, resolveram falar seriamente comigo.

“Para ser comerciante”, disse meu pai preocupado, você não é suficientemente inteligente. Você deveria cursar uma faculdade.”

Olhei para ele, com tristeza.

“Na verdade, querido pai”, respondi tímido, “eu queria ser poeta”.

Aí meu pai levou um susto.

“Meu rapaz”, disse ele e, passando carinhosamente a mão pelo meu cabelo, “você não é tão pobre ao ponto de ter de se juntar aos ciganos. Pode ganhar o seu dinheiro de uma maneira honesta.”

Meu pai era um homem bondoso e compreensivo, mas em relação à arte de escrever poesia, ele tinha uma opinião peculiar. Relacionava essa arte com a imagem de um quarto de sótão, inundado pela chuva, onde vivia um pobre homem de cabelos compridos, que escrevia qualquer coisa que lhe rendia bem pouco dinheiro, que ele gastava em bebida ou de alguma outra forma indecente.

“Que tal ser médico?”, imiscuiu-se minha mãe, pois ela tinha um fascínio pela caridade e pelos gestos nobres.

Mas também para isso eu não tinha vontade. Eu sabia que nessa profissão a gente muitas vezes tinha de se levantar no meio da noite. E eu nem de manhã gostava de me levantar.

“Ou político?”, sugeriu minha mãe.

“Não”, disse meu pai, “para isso o menino tem um caráter decente demais.”

Depois de confabularmos sem sucesso sobre várias profissões, meu pai acabou ficando nervoso.

“Sim, mas afinal o que você tem vontade de ser?”, perguntou ele, impaciente.

“Nada!”, repliquei triste e cansado, pois tinha voltado para casa muito tarde na noite anterior.

“Então você tem de ser jurista!”, decidiu meu pai categoricamente. “Todos os jovens que não sabem o que querem ser e não têm vontade para nada vão ser juristas. Se você é jurista”, continuou ele entusiasmado, “você pode ser tudo. Pode ser advogado, e para isso você tem aptidão, pois não tem papas na língua. Também pode ser juiz, não ganha tanto, mas também não precisa falar tanto. Ou Procurador do Estado, mas para isso você é sensível demais. E se a sorte for bem grande, pode entrar para um banco e se tornar diretor de banco.”

Nessa altura, os olhos do meu pai brilharam. Era seu desejo preferido. E para dourar a pílula, acrescentou: “E quando você chegar em casa à noite, cansado, depois do trabalho realizado, você ainda pode se sentar na sua poltrona e fazer versos por uma horinha ou duas, se não houver outro jeito e for absolutamente imprescindível, sem precisar morar num quarto de sótão. Enfim”, e encerrou o seu discurso, “se você é jurista, o mundo inteiro se abre para você!”

Essas últimas palavras do meu pai foram decisivas para mim. Não que eu acreditasse em realizar algo especial numa dessas carreiras, mas sabia que, naquela época, dos três anos de faculdade, somente no último semestre seria preciso estudar com afinco, com um bom professor particular, para ser aprovado no primeiro exame. Sobrariam dois anos e meio para não fazer nada e me divertir esplendidamente - no caso de, sim no caso de - por isso eu disse, pensativo e humilde, “pai, sua sugestão está bem pensada e correta. Mas você não levou em conta que o curso de Direito é muito caro? Que exige grandes sacrifícios financeiros?”

“Com isto, você não precisa se preocupar”, retrucou meu pai, contente. “Você terá o suficiente para se manter. Dou-lhe uma mesada de 125 marcos.”

Cento e vinte e cinco marcos eram suficientes. Bastariam para viver, sendo econômico. Mas para se divertir, não.

Por isso, deixei cair o queixo e disse humilde, mas com firmeza: “Com esse dinheiro, não dá.”

“Mas meu filho”, protestou meu pai, “eu já calculei tudo. Vinte e cinco marcos você precisa para o quarto, setenta e cinco para a comida, ainda sobram vinte e cinco para pequenas despesas. Livros e taxas de curso, eu pago à parte.”

“Bem”, disse eu, “essas são as despesas fixas, como vocês comerciantes as chamam, isto é o que custa para mim.”

“E daí?”, perguntou meu pai.

“E daí?”, continuei indignado, “pelo meu trabalho, pelo árduo trabalho que tenho de prestar, você não quer me pagar nada?”

Aí meu pai teve de rir. Até minha mãe sorriu um pouco.

Foi então que percebi que tinha cometido um erro grave. Não se deve ser gozador, quando se quer dinheiro. As pessoas riem, mas não pagam.

Por isso, mudei minha tática imediatamente e disse resignado: “Então não vou ter outra saída senão tentar a poesia.”

Isso funcionou melhor e, depois de muita conversa, acordamos duzentos marcos. Duzentos marcos! Duzentos marcos!!

Com isso - no meu entender - o mundo era meu.

Bons conselhos e contabilidade dupla

“O mais importante na vida”, disse o meu pai, mais tarde, durante uma

conversa, “é o cumprimento do dever.”

“O mais importante na vida”, disse a minha mãe, “é o amor ao próximo.”

“O mais importante na vida”, disse tio Emil, “é um caráter íntegro, honesto.”

Passado esse quarto de hora de bons conselhos, eu tinha a nítida impressão de que a vida se constituía apenas de coisas importantes e de que os detalhes secundários eram, de fato, totalmente insignificantes.

E só muito mais tarde percebi que, na realidade, é justamente o contrário; assim, por exemplo, meu amor ao próximo não foi de qualquer valia quando esqueci de levar meias novas para uma caminhada nas montanhas, e tampouco o meu caráter honesto evitou as bolhas nos pés.

Como se tivesse previsto tal incidente, meu pai acrescentou em seguida: “porém, o mais importante na vida, é o amor à ordem! Toda a ordem ética mundial se alicerça no amor à ordem e na contabilidade dupla.”

A contabilidade dupla era o tema predileto do meu pai. Ele havia sido, a vida inteira, bom em contas e bom comerciante e queria muito que eu seguisse o seu exemplo.

“Você já deveria se ocupar desde o primeiro semestre com a contabilidade dupla”, disse ele, com carinho. “Não é difícil aprendê-la, e vai lhe fazer muita falta quando você for diretor de banco.”

Eu não tinha a menor vontade de ser diretor de banco e também não dava muito pela contabilidade, mas meu pai talvez pensasse poder despertar meu interesse por um assunto em função do outro.

“Veja bem”, disse-me, “a coisa toda não é tão complicada. Vou explicá-la de maneira bem prática. Preste atenção: Tudo na vida tem dois lados - um ativo e um passivo. O que uma pessoa gasta, outra recebe. O que ela perde no jogo, a outra ganha. Onde há um morro, também há um vale. A felicidade de um é a tristeza do outro. Podemos dizer da vida o que quisermos. Que ela é dura, que ela é injusta. Mas uma coisa temos de admitir: a sua contabilidade é perfeita.”

Aqui o meu pai fez uma pequena pausa e, depois, continuou: “agora chegamos à contabilização propriamente dita. Vou dar-lhe um pequeno exemplo: Imagine que uma sociedade tenha um capital de cem mil marcos. De que lado você iria contabilizar isso? Como ativo ou passivo?”

“Como ativo, é claro”, disse eu.

“Errado”, disse meu pai. “Como passivo. A sociedade tem o dinheiro, mas o deve aos seus sócios. E é isso que interessa. Com os sócios,

naturalmente se passa o contrário. Eles não têm o dinheiro, mas têm direito sobre ele e, assim, isso vai no seu lado do ativo. Justamente isso é o bonito da contabilidade dupla. Aquele que tem, não tem, e quem não tem, tem. Pois é, você tem de se acostumar com isso: na contabilidade dupla, tudo parece estar do lado errado” – reforçou ele, enquanto eu balançava a cabeça.

“Com a organização ética mundial também é assim”, ousei argumentar timidamente.

“Só vou lhe dar mais um exemplo bem simples”, continuou meu pai. “Você toma dinheiro emprestado de um amigo. Aí, você tem o dinheiro, mas também continua no passivo.”

“Claro que eu fico passivo”, disse eu. “Se tenho o dinheiro, não preciso fazer nada. Então fico passivo.”

“E seu amigo fica ativo.”

“Aliás, ele precisa ser muito ativo se quiser ter seu dinheiro de volta”, eu disse.

“Então”, disse meu pai, “agora que entendeu mais ou menos como funciona, dê-me você mesmo alguns exemplos. Eles podem ser os mais simples e bobos que você quiser. Só lembre: quem tem, é chamado à responsabilidade; quem não tem, é beneficiado. Esse princípio pode servir para quase todos os fatos da vida cotidiana.”

Fiquei pensando e, por fim, ocorreu-me uma idéia bastante boba.

“Se tiro meu lenço do bolso, então chamo minha mão à responsabilidade e benefício meu bolso”, disse.

“Em princípio, correto”, sorriu meu pai.

“E se assôo o nariz”, prossegui encorajado, “então chamo meu lenço à responsabilidade e benefício meu nariz.”

Aí meu pai teve de rir involuntariamente.

“Também esse é um tipo de contabilidade dupla”, disse ele, indulgente.

Observei-o, incrédulo, e balancei a cabeça.

“E assim se chega a ser diretor de banco?”, perguntei.

Contabilidade simples e visitas de despedida

Depois desse último comentário, meu pai deu um longo suspiro.

Ele disse: “Para a contabilidade dupla, parece que ainda lhe falta um pouco de maturidade moral. – Você deve tentar a contabilidade simples!”

Então ele foi até o quarto ao lado e voltou com um livrinho azul na mão, que parecia uma caderneta de vocábulos.

“Aqui você tem um livro de despesas”, disse ele. “Você anota do lado direito o que receber e do lado esquerdo o que gastar.”

“Não vai haver muito o que anotar do lado direito”, disse, triste, “no máximo, os duzentos e cinquenta marcos mensais que você me dá.”

“Em primeiro lugar, são só duzentos marcos”, disse ele – em questões de dinheiro era difícil enganá-lo – “e, em segundo, pode acontecer o caso, que Deus não permita, de você ganhar algo sozinho.”

Aí, ele respirou fundo e se pôs a me contar a história, que já me contara várias vezes, segundo a qual em minha idade não apenas não recebia nada de seus pais, mas já ganhava o seu próprio dinheiro e dava parte dele a seus pais para pagar o próprio sustento.

Era-me desconfortável ouvir isso. Por isso, desviei rapidamente, dizendo: “Claro, você tem toda a razão. Mas você teve um pai bem mais pobre do que eu; e quando eu for diretor de banco, então também não vou fazer caso dos vários milhões anuais que você vai precisar de mim. Mas você acha sinceramente que a minha receita vai aumentar se eu anotar tudo?”

“Não”, disse meu pai, “mas suas despesas talvez diminuam quando você tiver sempre presente em que bobagens acaba gastando seu dinheiro quase sempre.”

“Pai”, eu disse, “mas não posso carregar sempre uma caderneta comigo e anotar a cada vez que compro uma passagem de bonde ou um jornal.”

“Também não há necessidade disso”, disse meu pai, “você pode anotar tudo ao fim do dia.”

“Segundo o que ouvi em rodas de estudantes”, repliquei sonhador, “ao fim do dia, eu normalmente estarei bêbado.”

“Pff”, disse meu pai. “Não quero nem ouvir falar disso. Você tem de me prometer viver com moderação e não se dar a bebedeiras!”

“Pai”, “não sei se posso lhe prometer isso sem mais nem menos. Conforme andei ouvindo, isso faz parte dos mais importantes deveres estudantis.”

“Sem reclamações”, disse meu pai contrariado. “Quando os pais pedem uma coisa a um filho, este lhes deve uma promessa incondicional.”

“Pai”, perguntei timidamente, aproximando-me dele, “você se

comportou assim com seus pais?”

“Sempre”, respondeu meu pai convicto.

Um sorriso radiante se espalhou pelo rosto do meu pai. Ele olhou primeiro para o quarto ao lado, certificando-se de que ninguém, nem minha mãe, estava por perto e então disse baixinho: “Às vezes eu esquecia. Mas então meu pai também quase sempre havia esquecido. E assim tudo se resolvia a contento de ambos os lados.”

“Nessas circunstâncias, prometo incondicionalmente”, disse bem rápido.

“Olhe, se o fato de anotar tudo lhe for muito penoso, você pode fazer uma coisa mais simples. Você simplesmente faz o caixa. Assim, você pega pela manhã uma determinada quantia e confere, à noite, quanto sobrou. Então, sabe quanto gastou.”

Isso me causou uma forte impressão.

Durante o semestre inteiro, fiz o caixa quase toda noite.

Mas, na maioria das vezes, não sobrava nada para contar.

Ao final dessa memorável conversa, meu pai perguntou-me: “Você já começou com as visitas de despedida?”

“Visitas de despedida?”, perguntei constrangido.

“Sim”, respondeu meu pai, “a todos os parentes. Você é um adulto.”

Minha testa se anuviou. Eu sabia o que me esperava.

Meus avós trabalharam bastante. Eu tinha tios e tias em enorme quantidade.

E todos iriam me dizer o mesmo.

Alertas, conselhos, boas lições – um momento! Graças a uma feliz associação de idéias, liguei “visitas de despedida” com a idéia de “presentes de despedida”. Minha testa se desanuviou.

“É claro que tenho de fazer visitas de despedida”, disse. “Sou um adulto. E, como adulto, tenho de fazer duas coisas: visitas de despedida e manter um livro de despesas.”

Assim, decidi já no dia seguinte começar com as visitas de despedida e inaugurar o livro de despesas. Este, não conforme as regras da dupla partida, mas seguindo o saudável bom senso.

Os presentes de despedida como ativos e os bons conselhos como passivos.

A primeira página era assim:

Bons conselhos	Presentes de despedida
Tia Anna: Aproveite a sua juventude, mas com moderação.	2,50 marcos
Tia Adelgunde: Seja sempre caridoso e reparta com os pobres. Faça como diz a Bíblia e como eu faço: Doe um quinto do que você recebe!	1,25 marcos
Tia Bertha: A saúde do corpo é a saúde da alma!	uma ceroula
Tia Hulda: Você vai para Freiburg. Lá tem <i>brezel</i> maravilhosos. Mande-me um pacote de lá. Meu marido gosta tanto deles.	-3 marcos (mas não vou mandá-los)
Minha prima predileta:	um beijo
Sua mãe:	idem (bem molhado)
Tia Clementine: Evite as tentações. Muitos perigos corporais e espirituais estarão a sua espreita. Não sei lhe explicar melhor. Mas pergunte ao seu tio doutor. O que ele lhe aconselhar, você pode fazer de olhos fechados.	- - -
Tio Doutor: Divirta-se!	50 marcos!!!

O autor compra um cachorro

Assim, cheguei à cidadezinha universitária - cheio de bons conselhos, com 253,75 marcos em dinheiro e sérias intenções de me portar como um autêntico estudante.

Isso não era tão fácil. Um autêntico estudante – havia também os que não o eram, a saber, aqueles que realmente estudavam – pois bem, um autêntico estudante se constituía naquele tempo de três elementos: uma boina colorida, uma *Schmiss* e um cachorro.

A boina colorida identificava os membros de uma determinada agremiação estudantil, nas quais os estudantes mais antigos exerciam extrema autoridade sobre os mais novos. Mas isso não era do meu agrado. Eu era agora uma pessoa independente, o que para mim significava que devia fazer tudo aquilo que me proibiam e deixar de fazer o que me permitiam.

A *Schmiss* (cicatriz no rosto adquirida em um duelo com florete) era

uma consequência direta da boina colorida e tida como a última moda entre os estudantes. Porém, para uma verdadeira moda, faltavam-lhe, na minha opinião, duas coisas. Primeiro, não se tinha a possibilidade de escolher em que parte do rosto se queria ostentá-la e, um segundo problema, era uma coisa extremamente perigosa – e isso nenhuma moda deveria ser. Assim, só restou o cachorro.

O cachorro me pareceu a forma mais amena de ostentar minha condição de estudante. É verdade que ele também exerce uma certa tirania sobre o seu dono, e, na relação entre cachorro e dono, na maioria dos casos, o cachorro era o dono e o dono, o cachorro. Mas, ao contrário da boina colorida, ele podia ser vendido quando cansávamos dele. E não estava permanentemente colado em nosso rosto, como a *Schmiss*.

Portanto, o cachorro!

Desde criança, eu sempre havia sido um amigo apaixonado dos cães, mas meus pais sempre me proibiram de ter um. Só que agora eu era uma pessoa independente. Vide acima!

Lancei-me, então, com entusiasmo ao estudo da ciência canina.

Que cachorro deveria ser? Um grande ou um pequeno? Um grande, é claro, pois se é para transgredir uma proibição, então que seja para valer!

“A maior e mais forte raça de cães”, li na *Vida animal*, de Brehm, “é o dogue tibetano. Calcula-se que três deles valham por um leão.”

Uau! Isso era incrível! Isso era fantástico! Se eu tivesse três dogues tibetanos, então nada poderia me acontecer. Mas onde eu iria conseguir três dogues tibetanos? E o leão?

“O cão mais veloz”, li algumas páginas adiante, “é o galgo russo. Em velocidade, ele se equipara a um cavalo de corrida.” Isso também não era de se jogar fora. Mas a coisa tinha um senão: ou eu acompanhava a velocidade do cachorro – trinta quilômetros por hora, o que era mais do que a cidade de Freiburg inteira – ou o cachorro acompanhava a minha velocidade – e, então, para que um galgo russo?

“O cão mais inteligente”, dizia Brehm mais adiante, “é o *poodle*. Ele aprende tudo de seu dono.” Mas também desse eu desisti após alguma reflexão. E isso principalmente por piedade do cachorro, pois o que ele poderia aprender de mim no primeiro semestre? Nada de bom.

Os cachorros mais comuns entre os estudantes naquela época eram dogues dinamarqueses e buldogues. Mas esses, eu achava briguentos demais. Latiam, mordiam e faziam barulho. Não, eu procurava algo bem diferente. Um cachorro nobre, um cachorro humano, se é que se pode chamar assim

um cachorro, assim como as meninas de quinze anos imaginam o herói de um romance. Com qualidades que, na verdade, excluía umas às outras e, mesmo nos homens, quase nunca se encontravam associadas. Ele deveria ser grande e forte, mas pacífico; bonito, mas fiel; de *pedigree* nobre e ainda assim inteligente.

E um cachorro assim era quase impossível encontrar.

Mas eu o encontrei.

“Vende-se cão são-bernardo”, li num anúncio no jornal local.

Um são-bernardo!

Era a solução!

Como não havia pensado nisso antes?

Recordações da juventude me vieram à mente, e o velho Brehm as confirmava.

“Esses cães são criados pelos monges do Mosteiro de São Bernardo e treinados para salvar vidas. Com uma bolsinha amarrada ao pescoço, contendo vinho fortificante, alimentos concentrados e medicamentos, eles são mandados, em dias de tempestade, no encalço de alpinistas ou caminhantes perdidos nos Alpes, os quais encontram, com seu instinto infalível, reanimam com provisões e guiam de volta ao Mosteiro. Ou, quando isso não é possível, apressam-se em voltar e buscam a ajuda dos monges...”

Isso sim! Esse era o cachorro que eu procurava. Um amigo do homem! Um salva-vidas!

Eu já me via nos Alpes, que se situavam bem perto dali, e para onde eu queria mesmo viajar nas férias – em dias de tempestade – com meu cachorro – em pontos íngremes – salvando vidas – ganhando medalhas de honra ao mérito – eu estava excitado – alguma coisa tinha de acontecer. E como, naqueles dias, não tinha nada melhor para fazer, me ocupei em preparar a bolsinha que meu são-bernardo deveria carregar em torno do pescoço. Ele deveria se acostumar com ela desde o início. Assim, coletei tudo o que me parecia poder ajudar pessoas perdidas e estivesse ao meu alcance – um vidrinho de remédio com Cherry Brandy, meio tablete de chocolate, um vidrinho de óleo de rícino, alguns comprimidos de ruibarbo, um pouco de bicarbonato de sódio, gaze, esparadrapo – enrolei tudo numa lona e amarrei-a firme com um cordão. Só então fui ler mais uma vez com atenção o anúncio do jornal.

Ele dizia: “Reserva Florestal Guensbach – casa do guarda. Cão são-bernardo à venda. Magnífico exemplar. Preço: 200 marcos.”

Duzentos marcos! Levei um susto violento. Então, sentei-me à

escrivaninha e comecei a fazer meu inventário.

O resultado foi impiedoso.

Os presentinhos de despedida haviam sido gastos.

Tia Anna havia sido consumida em chocolates; tia Adelgunde, em cerveja. Mesmo o bom Tio Doutor (Divirta-se!) havia sido gasto quase todo, conforme o seu conselho.

A única coisa ainda intacta era o envelope com a inscrição: “Dinheiro para o sustento – 200 marcos.”

Duzentos marcos: o preço do cachorro. Seria um sinal do destino? Ou o contrário? Eu estava diante da primeira decisão difícil em minha vida.

Meu primeiro impulso foi escrever para meus pais relatando tudo. Mas logo desisti da idéia. Pois, em primeiro lugar, eu era uma pessoa independente. Em segundo, já sabia qual seria a resposta deles. Assim, procurei outros pontos de apoio. Meu pai havia me dito uma vez: “Em caso de dúvida, siga o caminho da razão!” Consultei, então, a minha razão. Ela me desaconselhou. Ela não poderia agir de outro modo, pois era recém o terceiro dia do mês. Mas minha mãe havia me dito uma vez: “Em caso de crise de consciência, siga a voz do seu coração!”

Perguntei então para o meu coração. Ele disse *sim*.

Meu coração sempre diz *sim* quando desejo alguma coisa. O resultado da minha primeira batalha espiritual era 1 a 1: empate.

Então, tive outra idéia. Pensei em contar nos botões... Perguntei ao meu casaco. Ele disse *não*.

Mas meu colete disse *sim*. E o colete está muito mais próximo da pessoa que o casaco. Por fim, conversei comigo e me propus a um meio-termo.

Enviei um telegrama a meus pais. Ele ficou, de início, muito longo e muito cheio de nuances psicológicas. Então, foi ficando cada vez mais curto – pois eu tinha de economizar. Enfim, acabou na tarifa mínima e dizia:

“Dinheiro acabou. Mandem mais.”

Por fim, na folha de entradas e gastos para o sustento, risquei a palavra “sustento” e escrevi por cima “cachorro”.

Na tarde seguinte, tomei um carro e fui para a Reserva Florestal Guensbach.

Eu havia decidido não irromper porta adentro com meu intento, mas fazer a negociação de maneira tranqüila. Talvez conseguisse ver o cachorro, e então tudo se encaminharia naturalmente.

Assim, entrei fazendo de conta que havia me perdido e perguntei ao guarda-florestal pelo caminho até a localidade mais próxima, elogiei o bom estado de conservação da floresta e pedi informações sobre o número de animais, o combate às pragas e alguns outros assuntos que presumi pertencerem à sua alçada.

O guarda-florestal, um homem de meia-idade, com a aparência que deveria ter um guarda-florestal público naquela época – espadaúdo, fiel aos seus deveres, com uma barba bem aparada e completamente desprovido de humor – tirou o cachimbo da boca, observou-me por alguns instantes com seus olhos cinzentos feito aço e disse, desconsiderando minhas perguntas: “O senhor vem por causa do anúncio no jornal e quer comprar meu são-bernardo.”

E, sem esperar pela minha resposta, deu um breve assovio, a porta do quarto ao lado abriu-se e ele apareceu – o cachorro dos meus sonhos.

Era um animal belíssimo, de grande estatura, cujo pêlo espesso era mesclado de branco e castanho; em sua enorme cabeça, havia dois olhos doces e fiéis de criança, e, ao som de um curto “Deite!” por parte do seu dono, ele se deitou, obediente.

“Um exemplar incrível”, disse o guarda-florestal num meio-sorriso, “sabe até abrir a porta sozinho.”

Eu compartilhava da sua opinião, mas só para não demonstrar demais minha admiração, ensaiei uma tímida objeção. “É, mas ele não sabe bater à porta e nem fechá-la detrás de si.”

Porém, o guarda-florestal não demonstrou compreensão para essa tímida piada.

“O senhor não precisa procurar defeitos nele”, resmungou, “o preço é esse. Não me agrada nem um pouco lhe vender o cachorro”, continuou depois de uma breve pausa, “porque o senhor não me dá a impressão de que vai saber tratá-lo direito.”

Eu queria tentar me justificar, mas ele não me deu chance.

“O senhor me parece sujeito a mudanças de humor e a idéias repentinas”, disse, “e isso o cachorro logo percebe. Só funcionários públicos é que deviam poder criar cães, pois são os únicos que têm uma concepção de vida correta. Comigo, o cachorro sabe exatamente o que deve fazer. Conhece os seus direitos e conhece os seus deveres. Sabe que eu e os outros moradores da casa estamos acima dele e os outros animais domésticos, abaixo. Sabe quando pode latir e quando deve ficar quieto. Sabe perfeitamente que deve me acompanhar de manhã na minha ronda e “ficar

junto” exatamente a trinta centímetros do salto do meu sapato esquerdo, que não pode ficar pedindo comida na hora do almoço, que deve me devolver o toco de madeira que eu lhe atiro. Bem”, disse, olhando para o relógio, “está na minha hora de fazer mais uma ronda pela reserva. Então, se o senhor quiser comprar o cão, me dê agora mesmo os duzentos marcos. Senão, não precisamos continuar a conversa.”

Meti imediatamente a mão no bolso e lhe dei o dinheiro. Estava tão intimidado com o estilo de funcionário público do homem, que nunca me atreveria a fazer qualquer pergunta ou pechinchar. Tinha a nítida impressão de que, se ficasse dois ou três dias com ele na mesma casa, também o seguiria a trinta centímetros do salto do sapato esquerdo, não ficaria pedindo comida à mesa na hora do almoço e lhe devolveria qualquer toco de madeira.

Quando o guarda-florestal finalmente se foi, respirei aliviado.

Então, fui olhar o cachorro pelo qual havia pago tanto.

Ele também parecia ter mudado.

Havia saído de sua posição deitada, alongava as patas traseiras para trás, esticava a coluna, alongando-se todo e deixando escapar um bocejo. Então veio farejando devagar em minha direção.

Quis testar minha autoridade e gritei-lhe um breve e objetivo “Deite!”, como havia ouvido há pouco do guarda-florestal.

Mas aí aconteceu uma coisa estranha.

O são-bernardo me olhou, de início, com seus olhos fiéis e doces de criança, e então – se é que se pode dizer assim – balançou-se a rir, levantou-se encostado em mim, pousou as patas dianteiras nos meus ombros e me lambeu o rosto de cima a baixo.

Tentei fazê-lo voltar aos seus limites. Mas foi em vão. Ele não desistia do comportamento camarada. Se era verdade o que o guarda-florestal havia recém dito, isto é, que ele sabia muito bem que estava hierarquicamente abaixo dos membros da família e acima dos outros animais domésticos, então eu ocupava, na sua imaginação, um lugar entre a sogra e o galo do guarda-florestal.

Mas isso também não me incomodava. Amarrei a bolsinha com as provisões e os medicamentos à sua coleira e então brincamos carinhosamente, como duas criancinhas.

Depois, coloquei meu cachorro no carro e rumei com ele para casa. E como já era tarde e a minha senhoria já dormia, enrolei-o num cobertor de lã e deixei-o dormir na cozinha.

Na manhã seguinte, fui acordado sem a menor gentileza por batidas à

minha porta. Antes que eu pudesse gritar “Entre!”, minha senhoria já se encontrava dentro do quarto.

Ela era uma criatura alta e ossuda, de uma palidez acentuada.

Mas hoje suas faces estavam vermelhas como um tomate.

“É seu cachorro?”, perguntou com voz rouca, “o vira-lata lá na cozinha?”

Apesar dos meus trajés sumários, pulei da cama.

“Como ele está?”, perguntei alegremente. “Está bem e disposto?”

“Disposto?”, ela gritou e pôs as mãos na cintura. “O bicho nos devorou o meio quilo de manteiga que estava no peitoril da janela, rasgou e sujou o cobertor de lã bom no qual estava deitado e ainda por cima virou com a cauda um prato decorado de cima da mesa da cozinha. Eu já o teria matado se não tivesse tanto medo dele.”

Passei correndo por ela em direção à cozinha e pude confirmar tudo o que ela havia dito sobre o meu querido Marco.

Ele já havia, inclusive, aumentado seu saldo devedor em um pote de açúcar, que, no momento, acabava de liquidar.

Isso tudo eu teria lhe desculpado.

Mas infelizmente tive de verificar que ele havia cometido mais um pecado, que só posso denominar um pecado contra o santo espírito da raça são-bernardo.

De algum modo, ele havia se libertado da bolsinha que continha as provisões com as quais mais tarde deveria socorrer os pobres perdidos. A bolsinha encontrava-se aberta, o seu conteúdo havia caído, os vidrinhos haviam quebrado ao contato com o piso de lajota e seu conteúdo devia ter se esvaído para o chão. Mas não havia restado nada. Ele havia devorado tudo sem deixar vestígios – o chocolate, o óleo de rícino, o Cherry Brandy, o bicarbonato de sódio e os comprimidos de ruibarbo. Só o esparadrapo e a gaze ele havia tido a generosidade de deixar.

“Marco”, chamei-o, num tom acusador.

Mas ele não me deixou falar. Pelo visto, os componentes alcoólicos da sua refeição haviam-no deixado num estado de grande excitação. Ele pulou latindo alegremente ao meu redor e me acompanhou de volta a meu quarto, onde ainda derrubou do console, com a cauda, uma estatueta em gesso com o busto de Beethoven.

Minha senhoria continuava de pé no meio do quarto, como que petrificada. Ela tinha uma enorme folha de papel na mão e registrava

impiedosamente os prejuízos.

meio quilo de manteiga	3,00 marcos
um cobertor de lã	15,50 marcos
um prato de bolo	5 marcos
um busto de Beethoven	8,75 marcos

“Além disso, tem o aluguel por vencer, de 30 marcos. E se o senhor não me pagar tudo isso até hoje à noite, então pode procurar uma outra moradia!”

E, com isso, se retirou abruptamente do quarto.

Aí fiquei sentado no meu sofá verde de veludo feito Mário sobre as ruínas de Cartago – pode ter sido também Scipio ou Dido – não sei mais, já faz tanto tempo que estudei isso – e pensei numa salvação ou saída.

O único lado de onde eu poderia esperar alguma coisa, obviamente, era a resposta dos meus queridos pais ao telegrama que eu lhes havia enviado.

Assim, segurei-me ao máximo para não pensar mais no assunto, pois sabia que uma carta nunca chega quando a gente fica esperando por ela. E foi mesmo assim – decorrido pouco tempo, ela chegou. Na verdade, não era uma carta, somente um telegrama de meu pai, e dizia: “Chego às 12:15h. Providenciar quarto.”

Devo dizer que fiquei profundamente comovido. Era uma grande mostra de generosidade de meu pai fazer essa viagem só para me tirar do aperto financeiro.

Ou será que ele vinha para me passar uma carraspana? Isso também não seria tão terrível. Uma repreensão é toda vida melhor do que uma dívida. E “quem reclama, paga”, diz a voz do povo.

Assim, dirigi-me de cabeça erguida a minha senhoria, mostrei-lhe o telegrama e falei, com ar de superioridade: “Meu pai vai se deslocar especialmente até aqui para acertar nossa pequena pendência. Se a senhora fosse mais amável comigo, eu até gostaria de alojá-lo aqui. O aposento maior ainda está desocupado?”

A senhoria olhou-me desconfiada. “Mas ele custa cinco marcos por dia”, disse, olhando-me de soslaio.

“Para mim, nada é caro demais, tratando-se de meu pai”, respondi aparentando indiferença. Peguei meu cachorro e dirigi-me com ele para a estação.

O guarda-florestal havia me dado uma guia bem longa, “para o cachorro poder se movimentar com liberdade”, conforme se expressou. Tive de enrolá-la umas três ou quatro vezes e amarrar a ponta no pulso para poder levá-lo junto de mim.

Mas todas essas medidas de segurança se mostraram, afinal de contas, desnecessárias.

O cachorro seguia-me bem direitinho, como um boneco, como se tivesse percebido que toda a questão do seu sustento dependia do seu comportamento.

Apenas na plataforma da estação ferroviária, ele de repente demonstrou certa inquietação.

Paralelamente a nós, uma senhora idosa caminhava para cima e para baixo com um doguesinho.

Esse doguesinho bem novinho exercia uma atração inexplicável sobre o meu Marco. Mantive-o, porém, bem junto a mim, pois o doguesinho não me parecia ser boa companhia para ele.

Entretanto, nesse ponto, meu são-bernardo tinha uma opinião completamente diferente, e dessa divergência de idéias surgiram mais tarde algumas “confusões”.

Nesse meio-tempo, o trem havia chegado, meu pai desembarcara e eu o abracei carinhosamente; para isso, naturalmente tive de soltar a guia do cachorro. E o endiabrado fez uso desse instante para se lançar sobre o doguesinho. Este se pôs em fuga e se escondeu, apavorado, atrás da senhora idosa, que, por sua vez, abraçava sua jovem filha recém-chegada. Afugentado de lá pelo meu Marco, ele buscou proteção atrás de mim e de meu pai, e novamente afugentado, foi se esconder de novo detrás da senhora idosa. Com o doguesinho na frente e Marco atrás dele, correndo sempre em círculo, acabamos presos. Por causa da guia curta do doguesinho e da guia longa de Marco, acabamos completamente amarrados, feito um pacote.

Meu pai foi pressionado de encontro à senhora idosa e eu, de encontro à moça. Meu pai ficou vermelho, a velha senhora ficou pálida; os cães latiam e a moça dava risadinhas; eu puxava a linha como um maluco, os cães faziam o mesmo, mas em direção oposta. Apenas o esforço de dois carregadores misericordiosos, acompanhado das risadas dos passantes, conseguiu nos libertar daquele emaranhado.

Foi uma situação muito engraçada, mas meu pai não parecia ter muita compreensão para a sua comicidade. Tinha um ar carrancudo, e mesmo depois de termos embarcado num táxi e o cachorro, lembrando do dia

anterior, haver tentado deitar sobre os nossos joelhos - mesmo então, ele não esboçou um sorriso, mas perguntou secamente: “É seu, o monstro?”

“É o cachorro de um amigo”, respondi com medo. E ele se recolheu novamente em silêncio profundo.

E às minhas tímidas perguntas – como estava tudo em casa e se ele havia feito uma boa viagem –, ele respondeu com as palavras nefastas: “Agora não é o momento!”

Quando chegamos em casa, levei o meu pai para o seu quarto.

Naquele tempo e para as condições da minha senhoria, aquele aposento era um luxo.

Das janelas, pendiam pesadas e empoeiradas cortinas de veludo. Nas paredes, encontravam-se retratos de família emoldurados e sem moldura. Sobre a mesa, havia um buquê de flores secas. Em um pequeno aquário sobre o friso da lareira, nadavam dois peixes beta, um dourado e um prateado. O prateado havia sido anteriormente dourado, mas havia então desbotado em função de sua idade avançada. Tudo isso havia hoje sido transformado em um aposento para dormir, pelo acréscimo de uma cama campeira e de um pequeno lavatório de ferro.

Mas meu pai não tinha sensibilidade para toda essa pompa. Ele me ordenou, com autoridade, que o levasse a seu quarto.

Enquanto o guiava para lá, seu rosto assumiu uma expressão dura e fria.

Ele baixou a maçaneta, abriu a porta com um leve empurrão e mirou o quarto com olhos de lince. Olhou em todos os cantos, abriu a porta do armário e procurou debaixo da cama.

Então, perguntou com voz surda: “Onde está a moça?”

Tenho de confessar que essa pergunta me fez cair das nuvens.

“Que moça?”, perguntei pasmado. Mas não conseguia tirar essa idéia da sua cabeça.

“Não tente negar”, replicou energicamente.

Sua mãe e eu logo percebemos, quando recebemos seu telegrama, que você tinha caído nas redes de uma prostituta. E me desloquei até aqui para especialmente tirá-lo das garras dela e ver o que acontece. Mas como vou fazer isso se você a esconde de mim?

“Pai”, eu disse, “poucas vezes na vida eu lhe menti, e mesmo assim, só em coisas sem importância, mas agora eu lhe juro...”

Mas ele não se deixava convencer.

Tive de confessar-lhe primeiro toda a compra do cachorro e mostrar-lhe o recibo de duzentos marcos dado pelo guarda-florestal para que ele comesse a dar crédito às minhas palavras.

Então pensei que, livre da preocupação, ele iria me abraçar de felicidade. Nada disso.

Sua expressão deixava à mostra, inclusive, uma certa decepção.

“Você nem conseguiu cair nas mãos de uma prostituta”, disse ele em tom depreciativo. “Só comprou um cachorro com todo aquele dinheiro? Você nunca vai ser nada na vida!”

“Pai”, eu disse, “não seja mal agradecido! Você veio até aqui convencido de que teria de me libertar das garras de uma vampira, uma grande tarefa, uma tarefa difícil, uma tarefa da qual você talvez nem fosse capaz – o medo – o stress – o escândalo – a vergonha – a coisa toda poderia lhe custar um dinheirão – e agora você vê que a situação é totalmente descomplicada e pode ser resolvida com relativamente pouco dinheiro – e ainda assim você não fica satisfeito?”

Meu pai observou-me carrancudo.

“Em teoria, poderia-se imaginar que você não tivesse arranjado nem uma vampira, nem um cachorro, e sim aplicado o seu dinheiro racionalmente”, disse ele, não sem amargura.

Aí eu me senti melindrado.

Disse, tímido, mas com firmeza: “Não acho que o tenha aplicado tão mal assim. O cachorro sabe acompanhar o dono e trazer-lhe de volta um toco de madeira – com exceção do rabo de um *leonberger*, ele é um legítimo são-bernardo – os são-bernardos são uma raça em extinção – e tenho certeza absoluta de poder, em trinta ou quarenta anos, vendê-lo pelo triplo do preço.”

Esse argumento não podia ser desconsiderado por meu pai.

Ele passou a considerar o cão sob um novo aspecto, a bem dizer, financeiro. Aproximou-se dele cuidadosamente, com um olhar examinador, avaliador – o animal parecia agradá-lo. Disse, então, ainda um pouco inseguro, mas já bem mais amigável: “Coloque-lhe a focinheira, quero acariciá-lo.”

“Pai”, eu disse, “ele não gosta assim. Você tem de ter coragem.”

Meu pai criou coragem. Então, tornou a aproximar-se do cachorro e esticou a mão.

Mas fez isso tão medroso e indeciso que o cachorro não sabia direito

o que fazer. Fez, assim, o que os cachorros costumam fazer nesses casos – rosnou. Meu pai deu um salto para trás e olhou-me espantado.

“Ele rosrou”, falou, em tom acusador.

“Isso o espanta?”, repliquei surpreso. “O meu Marco é um animal inteligente. Ele percebeu perfeitamente que você estava bravo comigo, e isso é uma coisa que ele não aceita. Seja querido comigo e logo ele estará abanando o rabo!”

Meu pai deu de ombros.

“Como devo fazer isso?”

“Dando-me dinheiro!”, sugeri.

Meu pai teve de rir. Curioso, deu-me uma moeda de dez centavos e aproximou-se de Marco uma segunda vez.

Mas o cachorro voltou a rosar.

Meu pai olhou-me desajudado.

“Você me deu muito pouco”, foi minha explicação. “Você me dá duzentos marcos, o preço que ele custou, e então vai ver como ele fica fora de si de contentamento e lhe lambe o rosto inteiro.”

Mas aí não fui feliz.

Meu pai respondeu fria e reservadamente que não pagaria tanto para ter o rosto lambido por um são-bernardo e mudou o rumo da conversa.

Ainda assim, estou convencido de que teria atingido meu objetivo – meu pai era tão bondoso – se um simples incidente não tivesse destruído o meu sonho dourado.

Foi no dia seguinte, durante um passeio. Meu pai levava o cachorro e todas as meninas olhavam para ele em sinal de aprovação – para o cachorro.

Estava tudo correndo bem e já estávamos no caminho de volta, quando o diabo me deu idéia de dizer a meu pai: “Vá indo na frente para casa com o cachorro, eu só quero ir rapidamente ao barbeiro. Mas segure-o firme na guia.”

Quando, depois de um quarto de hora, saí da barbearia, meu pai ainda se encontrava em frente à porta e o meu Marco havia se deitado artisticamente sobre a calçada. Ao redor dos dois, havia uma porção de pessoas se divertindo com a situação.

“Por que você não foi para casa?”, perguntei espantado.

“Por acaso ele me deixa?”, respondeu meu pai furioso.

Ele estava vermelho e, no resto do caminho, deu vazão a seu

aborrecimento.

Quisera guiar o cachorro direto para casa. Mas este não o havia acompanhado. Havia tentado puxá-lo e arrastá-lo pela guia, mas o cachorro não afrouxara. Tentara pedir, conquistar, xingar, praguejar e, por fim, as pessoas começaram a se juntar. Exclamações irônicas haviam sido lançadas sobre si: “É mesmo um belo cachorro! Um cachorro primoroso! Um animal obediente! Onde o senhor o arranjou? Será que ele é roubado?” – “Roubado?” gritou meu pai furibundo. “Fui objeto de troca! Colocaram em dúvida meu nome bom e honrado! E tudo por causa deste vira-lata piolhento! Não quero mais saber de nada disso. Hoje mesmo, vou embora. Trate de se arranjar sozinho!”

“Pai”, falei, numa última tentativa desesperada, “não seja injusto! O que foi que o pobre cachorro fez? Ele demonstrou possuir a melhor qualidade que um cão pode ter. Manteve-se fiel ao seu dono. Não se afastou do lugar onde sabia que eu estava. E isso você quer cobrar dele? Dele e de mim?”

Meu pai refletiu por um instante e então falou: “Bom! Você deve ficar com o cachorro, se o ama tanto assim. Mas também deve pagar por ele. Vou lhe dar agora os duzentos marcos para tirá-lo do aperto. Mas vou descontá-los. Nos próximos quatro meses, você só vai receber 150 marcos em vez de duzentos!”

E assim ficou. Apesar de todos os meus pedidos e artimanhas.

Nessa noite, após a partida do meu pai, fiquei ainda um longo tempo sentado no sofá de veludo, pensando em como fazer para enfrentar tal problema financeiro. Mas todas as artes da contabilidade dupla fracassaram.

Por fim, encontrei uma solução razoável. Decidi, nos próximos quatro meses, economizar cinquenta marcos em aulas. Ou seja: registrar cinquenta marcos a mais do que realmente freqüentasse.

Era um sacrifício que faria pelo meu cão, mas eu o faria. Amor em troca de amor!

E fidelidade em troca de fidelidade!

Os senhores não têm nada a declarar?

Quando fiz minha primeira viagem ao exterior, ainda era um jovem estudante universitário.

Por isso, meus pais tinham me disponibilizado pouco dinheiro para a

viagem, mas não tinham poupado com conselhos.

Eu devia, entre outras coisas, escrever assiduamente. Ser moderado ao comer e beber. Cobrir o assento do *toilette* com papel, procurar o bem e evitar o mal.

Numa palavra, não fazer nada que pudesse causar desonra à família. Quando perguntado sobre o que entenderia por “bem” e “mal”, meu pai respondeu que deveria procurar me relacionar com homens nobres e dignos e evitar me aproximar de pessoas de moral duvidosa.

Prometi tudo de coração leve. Pois mal imaginava que elementos tão dramáticos como o “bem” e o “mal” fossem se dar ao trabalho de defrontar-se comigo numa inocente viagem de verão.

Mas me enganei a respeito disso. Encontrei-os mais cedo do que esperava. O “bem” sentou-se à minha frente, em uma mesinha do vagão restaurante, quando eu queria jantar. Tinha o cabelo impecavelmente repartido ao meio, um monóculo preso a um cordão preto em volta do pescoço e vestia um casaco sóbrio.

Com certeza, era um daqueles homens “nobres e dignos”, cuja aproximação meu pai tinha calorosamente recomendado.

O “mal”, pelo contrário, estava sentado em uma mesinha à minha direita, do outro lado do corredor. Tinha cabelos louros encaracolados, olhos azuis, um narizinho arrebitado e atrevido e usava um vestidinho de verão. E era um brotinho.

Após uma rápida comparação, decidi-me pelo “mal”!

Simplesmente não pude evitar. Tive de me deixar enredar por ele.

Mas, visto que, inicialmente, ele não tomava nenhuma iniciativa, não me restava outra coisa a fazer, senão eu mesmo começar a me enredar.

Então, ofereci-lhe um cigarro, já que não me ocorreu nada melhor, e ele aceitou, agradecido. Depois, resolvi dar também uma oportunidade ao “bem”.

Inclinei-me e perguntei gentilmente que horas seriam, porque meu relógio havia parado.

O “bem” olhou-me com um olhar repreensivo, rosnando: “Ainda não tive o prazer”.

Nesse momento, eu soube, de uma vez por todas, que tinha diante de mim um alto funcionário prussiano, pois naquele tempo eles consideravam uma questão de honra alguém ter de se apresentar, mesmo antes de uma conversa rápida.

Por isso, me levantei, fiz uma rápida reverência, disse o meu nome e o meu título de acadêmico de Direito.

Nisso, o “bem” deu um salto, bateu os calcanhares e disse: “Windler, assessor do Ministério da Cultura. Oito horas e quarenta e cinco!”

Enquanto isso, o cigarro da jovem senhorita apagou. E como os meus esforços de alcançar-lhe fogo, do outro lado do corredor, tivessem malogrado por diversas vezes, pedi-lhe que viesse à nossa mesa, o que ela também fez sem cerimônia.

Assim, estava sentado entre o “bem” e o “mal”, curioso a respeito de quem jogaria primeiro sua armadilha sobre mim. E foi o “bem”.

A coisa iniciou completamente inocente, quando eu, por delicadeza, também lhe ofereci um cigarro.

“Prezado colega”, advertiu-me ele, em um tom paternal, “o senhor deveria ser mais econômico com essa preciosidade. O tabaco, do outro lado da fronteira, é de baixa qualidade”.

“Oh”, repliquei sorrindo, “estou levando um estoque suficiente.”

“Eu também, naturalmente”, respondeu o “bem”, “mas, não sei se é do seu conhecimento que a taxa alfandegária, do outro lado, é extremamente alta. De quatro ou cinco vezes o preço da compra!”

“Ah”, disse, sem pensar, “acho que os levarei para o outro lado sem pagar a taxa.”

A jovem assentiu com a cabeça, concordando comigo, mas o assessor assumiu ares de autoridade.

“O senhor não está querendo dizer com isso que quer contrabandear os cigarros?”

Nesse momento, percebi, apavorado, que começava a me enredar nas armadilhas do “bem” – mas aí o “mal” veio em meu auxílio.

“Ora, não faz mal nenhum”, lançou ela inocentemente, “isso a maioria também faz. E, sobretudo, se a gente fizer com jeito, ninguém os encontrará.”

Os ares de autoridade do “bem” ficaram mais severos.

“Em termos jurídicos, isso é exatamente a mesma coisa!”

Mas o “mal” não se deixou intimidar.

“Gostaria muito de ajudá-lo”, disse o “mal”, com um sorriso encantador, “talvez eu possa esconder os cigarros sob a minha blusa – lá certamente ninguém irá procurar. Pois então, quantos são?”

“Seiscentas unidades... Trinta maços de vinte.”

Aí ela teve de confessar, ruborizada, que achava não haver tanto lugar disponível por baixo de sua blusa... mas, pensava ela, poderia-se arranjar alguma solução. “Venha até o meu compartimento pela manhã. Até lá, certamente vai me ocorrer algo!”

E, com isso, se despediu.

Ainda permaneci por um tempo sentado com o assessor. Mas não surgiu nenhuma conversa que prestasse.

Ele voltava sempre aos cigarros. Mostrou-se um verdadeiro missionário.

E, por último, atreveu-se a uma rara mescla de suas qualidades jurídicas e espirituais, ao dizer: “Senhor colega, devo alertá-lo, em seu próprio interesse, de que tal contravenção não só é penalizada pelas autoridades terrenas, senão também poderá trazer consigo, no outro mundo, enormes sanções!”

Estava completamente perturbado quando retornei ao meu diminuto compartimento de dormir.

Até há pouco, tudo me parecia tão fácil; contrabandear cigarros era quase um esporte – e agora? A droga do assessor me confundiu totalmente.

É verdade que, diante da justiça terrena, o meu temor não era demasiado, pela insignificância da ação, e, quanto à penalidade impingida pelo plano celeste, eu esperava que até lá a pena estivesse prescrita, por conta da minha ainda tão pouca idade.

Mas a questão tinha um outro lado, o financeiro. A quantia na qual a taxa alfandegária importava, eu havia há muito destinado ao jantar de amanhã, para o qual pretendia convidar a jovem.

E então os escrúpulos morais!

Conforme minha mãe havia aconselhado: se eu tivesse um problema de consciência, deveria agir como os grandes e nobres homens do passado agiriam, se estivessem no meu lugar. E ela me citou os exemplos luminosos de Moisés e Sócrates. Mas, nesse caso, o bom conselho de nada me adiantava, pois os ditos cavalheiros, de acordo com as últimas pesquisas, infelizmente não eram fumantes.

Assim, eu hesitava, desorientado, para lá e para cá.

A mim só era clara uma coisa: se continuasse cismando por muito tempo, não iria pregar os olhos a noite inteira.

E isso foi decisivo. Já naquela época o que mais importava era o repouso noturno.

Então me propus a me propor a, na manhã seguinte, declarar os cigarros.

E aí percebi que a consciência tranqüila era um excelente sonífero. Dormi durante toda a noite.

Na manhã seguinte, quando acordei, tão renovado e bem disposto, me ocorreu: agora você atingiu, de fato, seu objetivo. Ninguém mais pode lhe roubar o sono – então, agora você poderia, na verdade – e eu já estava vestido e me dirigindo ao compartimento da jovem, que, por sua vez, queria me dar um bom conselho.

Encontrei-a em um excitante penhoar, e ela me gritou imediatamente:

“Já sei! Dizem que os funcionários da alfândega italiana são muito galantes e são instruídos pela Direção a não incomodar os casais em lua-de-mel. Vamos representar um par de recém-casados.”

Aceitei a proposta com muito prazer – por mais de um motivo – e seguimos para o meu compartimento quando o trem estava chegando à estação.

“Faça um ar de apaixonado!”, sussurrou a jovem, quando o funcionário revistou o compartimento ao lado.

Abracei-a carinhosamente e puxei-a para o meu lado.

“Não seja tão impetuoso”, defendeu-se o “mal”, assustado, “isto é só uma encenação”.

“De jeito nenhum!”, revidei indignado. “Para mim, não existe simulação! Vou indispor-me por sua causa com os funcionários da alfândega italiana”.

E dei-lhe um verdadeiro e efusivo beijo. Como uma deixa, o funcionário entrou nesse momento; recuou, intimidado, e disse: “Perdão! Os senhores não têm nada a declarar?” E, diante da nossa negativa, ele lançou um fugidino olhar para a minha sacola de mão, que se encontrava aberta, levou a mão ao quepe e desapareceu.

Triunfante, corri ao longo do trem, a fim de compartilhar meus feitos heróicos com o “bem”. Mas não consegui encontrá-lo. Ele ainda tinha muita bagagem a declarar.

Também no hotelzinho em Milão, onde havíamos combinado como ponto de encontro, ele ainda não tinha se hospedado.

Reencontramo-lo lá somente no jantar; tenso e ainda vestido com o terno de viagem, veio em direção à nossa mesa.

“Porcaria!”, exclamou furioso. “Ainda não havia me acontecido algo

assim. Quando fui declarar os meus cigarros ao funcionário da alfândega, tive de segui-lo até o escritório. Lá, fui submetido não só a uma revista, mas a minha bagagem também foi vasculhada de cima a baixo, e o trem partiu bem diante do meu nariz. E o pior de tudo – meus cigarros seguiram junto! Nunca mais os verei.”

“Posso lhe oferecer um dos meus?”, disse gentilmente. “No entanto, não deve lhe incomodar o fato de que foram contrabandeados.”

Ele resmungou algo que devia ser um “obrigado” e ficou soltando baforadas, absorto.

Eu, ao contrário, fumei os meus com um enorme prazer durante toda a viagem. Também me diverti muito com a jovem.

Mas a minha fé na justiça dos homens sofreu um considerável abalo.

Do diário de um apaixonado

Finalmente, é hora de falar sobre o amor. Senão, o leitor pode tirar conclusões precipitadas. Por esta razão, procurei um antigo diário de 1895, que registra esses acontecimentos de modo bastante fiel, por volta da virada do século.

Devo pedir mil desculpas se ali aparecem palavras, concepções e conceitos morais relacionados com o tema do “amor” que o leitor de hoje absolutamente não entende mais. Mas no século passado era assim – de fato, bem assim.

Do Meu Diário

6 de janeiro

Não é muito fácil travar relações com uma dama. Sobretudo, quando se trata de uma mulher “mais fina”. Meu primo Oskar disse que eu deveria passear à tardinha pelas ruas de comércio elegantes e, quando uma me agradasse, eu deveria me aproximar e tentar iniciar uma conversa, com uma observação o mais espirituosa e amável possível.

Segui seu conselho e me dirigi a uma jovem loira e bonita, tirei gentilmente o chapéu e lhe disse: “Honrai as mulheres, elas trançam e tecem rosas divinas na vida terrena”.

Mas ela fez um gesto indicando que eu estava maluco e simplesmente

atravessou a rua.

8 de janeiro

Hoje já foi um pouco melhor. Ofereci o meu guarda-chuva a uma mulher esbelta e elegantemente vestida, enquanto lhe perguntava se poderia segurar os pacotes para ela.

Ela aceitou, e pude levar as compras até a porta de sua casa.

Então, quando ela levantou o véu para assoar o nariz, era uma senhora muito idosa.

15 de janeiro

Os encontros também têm lá os seus problemas. As bonitas não comparecem de jeito nenhum e as feias chegam muito cedo.

Preciso começar de outra forma.

16 de janeiro

Para amanhã, combinei com três lindas jovens ao mesmo tempo. No mínimo, uma deve vir.

17 de janeiro

Você vai rir. Todas as três vieram. Mas ficar, nenhuma ficou.

25 de janeiro

Até que enfim! Arranjei uma namorada... uma namorada de verdade. Chama-se Milli e é encantadora. Foi muito fácil. Comprei um cachorro, um legítimo *collie*, e ela possui uma cadelinha *poodle* muito engraadinha. Então, a coisa aconteceu naturalmente.

Ela é estilista num dos melhores ateliês. A mão direita de sua chefe. E disse que eu era o seu primeiro amor. Estou muito feliz.

27 de janeiro

Na verdade, ela não é bem estilista, mas “moça para provas”. Também não é a mão direita da sua chefe, que tem, no mínimo, meia dúzia de “mãos direitas”. Eu também não sou – a rigor – seu primeiro amor, mas o seu primeiro verdadeiro amor.

Mas ela é muito alegre e entende piadas, o que, em se tratando de uma mulher, é sempre notável. É claro que também está sempre muito bem vestida e me chateia para que a leve a um restaurante elegante.

Mas não me atrevo. Nos restaurantes mais finos, encontram-se sempre conhecidos.

6 de fevereiro

Fomos vistos. No teatro. Toda a família estava lá – para o meu azar.

Houve uma terrível discussão lá em casa, quando me sentei à mesa para o almoço, no dia seguinte.

Mamãe estava furiosa e declarou que eu havia comprometido a família inteira.

Tia Martha disse que tinha se envergonhado dos pés à cabeça, sobretudo porque havíamos sentado no camarote e ela, apenas na platéia...

“Mas papai”, disse suplicante ao meu pai, “algo assim é permitido a um jovem!”

“É permitido”, meu pai disse com a face austera, “mas ninguém deve saber!”

O meu tio médico coçou a barba rindo e perguntou: “Ao menos ela era bonita?”

Meu primo Oskar puxou-me para o lado e disse: “Seu pai tem toda a razão. Você ainda vai arruinar a sua “imagem”. Um homem jovem, em idade de casar, deve cuidar de sua reputação ainda mais do que uma moça. Mais tarde, quando você já estiver casado, isso não será mais tão grave”.

15 de fevereiro

Por que não se pode saber, propriamente, que as mulheres têm pernas?

Por que as saias femininas vão até o chão? Quando se casa, se compra gato por lebre.

“Isso tem seu motivo mais profundo”, disse Milli, e deu um sorriso maroto! “Isso provém dos inúmeros defeitos de construção da fina clientela, que as modistas precisam esconder.”

E então ela começou a falar sobre o curso de estilista. O que tenho de ouvir lá! De “entretela” e de “enchimentos”, de “pregas” e de “acolchoados”, de “babados de tule e de renda” que escondem a magreza e de corseletes.

Dos corseletes, que precisam de duas empregadas para apertar antes

de cada baile, até arrebentarem – os corseletes, ou as damas, ou as empregadas.

2 de março

Agora freqüento os bailes e a sociedade com outros olhos.

Com olhos de raios X, de certo modo.

Quando as jovens elegantes passam arrogantes por mim, não me impressionam mais tanto assim.

“Não se dêem ao trabalho, minhas senhoras”, gostaria de lhes gritar, “sei de tudo!”

Para mim, é tudo transparente.

“Onde arranhou essa silhueta esbelta, Senhorita Kraus?”

“Será que, quando dorme, seu cabelo fica tão volumoso quanto no baile, Senhorita Mayer?”

“A Senhorita dança como se não estivesse usando nenhuma entretela, Senhorita Hildegard! E rebola tão coquete, com seus quadris falsos!”

Conheço os defeitos de quase todas as jovens com quem danço, pois a maioria delas encomenda seus vestidos no ateliê de Milli. Só uma única, diz Milli, tem realmente as medidas certas. Uma tal de Gerda Lange. Ainda não topei com ela. Parece que se mudou há pouco e descende de uma família muito importante e abastada.

Mas o que tenho a ver com isso?

15 de março

Como o acaso, freqüentemente, joga de forma maravilhosa. Conheci a Senhorita Lange. Mal comecei a perguntar a seu respeito, logo já tínhamos sido convidados, por um grupo de conhecidos em comum, para um jantar. E ela foi indicada para se sentar ao meu lado. Eu já estava querendo lhe dizer que ela deveria ter escolhido o tecido verde que Milli havia lhe recomendado, pois combina melhor com o ruivo de seus cabelos.

Mas reprimi essa observação a tempo, e no seu lugar contei-lhe algumas coisas engraçadas a esse respeito, sobre as quais Milli tinha rido tanto.

Mas ela ficou muito séria, parecia não ter entendido nada.

Só quando fiz uma observação maldosa sobre a sua melhor amiga, ela riu um pouco.

20 de julho

Ufa! Estava um calorão na Itália! Viajei com Milli para Nápoles – no mês de julho! – só porque não íamos encontrar nenhum conhecido por lá!

Foi horrível. Meu pobre *collie*, que levei comigo porque é muito afeiçoado a Milli, perdeu todo o pêlo e está parecendo um cachorro australiano nu. No hotel onde ficamos, além de nós, não havia três hóspedes – e entre eles, obviamente um conhecido!

Meu primo Oskar, que é engenheiro, foi enviado pela firma a trabalho.

Passamos uma noite muito agradável juntos. Oskar foi muito amável e gentil. E depois, quando Milli já se recolhera para o seu quarto e nos sentamos confortavelmente no terraço para um cálice de vermute, ele teve uma longa conversa comigo.

“Você é louco!”, disse. “Enfia-se nos lugares mais obscuros e gasta um montão de dinheiro para não ser visto! Se você dispõe de tanto talento para a monogamia, quanto parece, por que não se casa? Então poderá se mostrar o quanto quiser e receber ainda um bom dinheiro para isso”.

“Mas”, eu disse, “isso é uma coisa bem diferente!”

“Absolutamente, não é diferente!”, ele revidou. “Por enquanto, sua namorada ainda dissimula. Ela é charmosa, flexível e afetuosa. Quando você se casar com ela – e, com certeza, você vai querer, se isso prosseguir assim –, ela se tornará tão mexeriqueira, tão implicante e infiel quanto uma jovem da dita alta sociedade. Então você ficará decepcionado, infeliz e por fim receberá um par de chifres. No casamento, está tudo previsto!”

10 de agosto

Noivei...

Adivinhe com quem!

“Com Gerda Lange”, todos dizem.

Pois todos já sabiam. Meus pais estão muito felizes.

Eu tinha o maior medo da explicação que teria de dar a Milli.

Ela foi muito sensata.

Primeiro, chorou um pouco.

Depois disse que já desconfiava há algum tempo.

Eu estava tão aborrecido e tão aburguesado nos últimos tempos que ela de fato achava que eu deveria estar maduro para o casamento. E a pergunta que me inquietava, sobre como ela imaginava que seria o seu futuro,

ela respondeu com um riso debaixo de lágrimas e disse que, quanto a isso, eu não precisava me preocupar.

Que ela era jovem e capaz e que venceria sozinha na vida.

Além de tudo isso, meu primo Oskar prometeu lhe arranjar uma pequena loja de artigos de cama, mesa e banho.

Que patife!

11 de agosto

Milli é mesmo uma pessoa decente. Devolveu minhas cartas e prometeu-me ser muito discreta e por nada atrapalhar a minha felicidade. Pois tem a impressão de que minha noiva é muito ciumenta.

3 de setembro

Milli manteve sua palavra.

Por nenhum olhar e nenhum gesto ela deixou alguém perceber que me conhecia, quando Gerda me arrastou, ontem, ao ateliê de Milli para escolher a fazenda do vestido de noiva. E teria dado tudo certo, se não fosse o meu cachorro, aquele idiota, que eu tinha deixado em frente à porta, e que no último instante se aproximou de mim e, na alegria de rever Milli, deu um salto na sua direção e lambeu-lhe a mão. Gerda ficou desconfiada, e assim, o *collie*, que tinha conseguido me aproximar de Milli, me separou de Gerda.

Uma noite sem dormir

Quando estou viajando, sou a pessoa mais despreocupada do mundo. Minhas necessidades culinárias são extraordinariamente modestas. Se eu tiver apenas dois ou três pedaços de carne, antecedidos por uma sopa reforçada e um *Apfelstrudel* crocante de sobremesa, para mim já é o suficiente como um lanche leve. Se necessário, me sinto bem no menor quarto, com banheiro e quarto de vestir e me relaciono bem com as pessoas mais difíceis.

Só uma coisa eu não suporto – pessoas que roncam. Essas matracas, buzinas e serras, sem consideração e plebéias, roubam o meu sono, que já é muito leve, de modo que tenho por princípio nem em casa, nem fora de casa, dividir o quarto com quem quer que seja.

Por isso, como descrever o meu horror quando, ao chegar a um hotelzinho, a dona me participa que todos os quartos privativos estão ocupados.

Ao anoitecer, teria chegado um grupo de turistas, que amanhã cedinho gostaria de visitar, com o teleférico, uma montanha próxima que tem vista panorâmica e depois seguir viagem para a capital, onde haveria um grande festival de música...

“Mas”, acrescentou, consoladora, “posso colocar ainda uma sexta cama para o senhor num quarto de cinco – onde estão os rapazes mais bagunceiros e divertidos.”

“Preciso dos tristes para dormir”, repliquei, rabugento, e me dirigi com ela à sala de refeições.

“Aquelas pessoas ali”, sussurrou a hoteleira, apontando para uma mesa adjacente, “têm dois quartos duplos. Num deles há ainda uma cama vaga, mas nele está dormindo uma jovem.”

“É sempre melhor do que cinco rapazes divertidos”, sussurrei-lhe e examinei aquele pessoal.

Eram pessoas decentes e inspiravam confiança. Uma jovem loira, de olhos azuis, sem nenhum atrativo especial e, ao que parecia, seus pais – uma senhora graúda e enérgica, com um queixo duplo, bem como um homenzinho pequeno, tímido, magrinho, com poucos cabelos e uma barba rala, aflito, intimidado, enrugado – o protótipo de um “infeliz”.

Preciso dessa cama – por bem ou por mal!, pensei e sentei-me à mesa, saudando-os gentilmente. E, de fato, as coisas andaram mais facilmente do eu havia imaginado. Não manifestei meu desejo expressamente, apenas queixei-me baixinho, para mim mesmo, que amanhã tinha de dar um concerto de piano e que, provavelmente, meus dedos iriam tremer caso não pudesse, na noite anterior, dormir tranqüilamente até mais tarde – e aí a enérgica senhora fez um pronunciamento, após uma rápida troca de idéias com a loirinha:

“Vou dormir hoje à noite junto com a minha filha. O senhor pode ficar com a cama que está vaga no quarto do meu marido!”

“Sem discussão, filhinho”, disse, dirigindo-se ao marido. “O senhor não pode falhar amanhã”. E nisso ela me deu ainda uma rápida instrução sobre o seu marido.

“Você vai se dar bem com ele. É tranqüilo e um dorminhoco resignado. Apenas, você não deve aborrecê-lo, senão ele começa a gritar!”

“Vou fazer as vezes de mãe”, assegurei-lhe comovido.

Depois disso, as duas senhoras se recolheram. Eu também estava ficando sonolento, por causa da longa viagem de trem e do prazer dos três pedaços de carne realmente gostosos, e desejei logo um descanso.

O homenzinho fitou-me com um olhar lastimável.

“Eu ainda gostaria de beber um copo de cerveja.”

“De jeito nenhum”, revidei, “o senhor poderia ficar agitado, ou precisar ir ao banheiro durante a noite e então, eu não conseguiria dormir! Mas uma boa jarra de água, o senhor poderia trazer para o quarto, às vezes sinto sede durante a noite!”

Nisso, peguei o homenzinho pelo braço, levei-o até a cama e estiquei-me sobre o leito, tão difícil de encontrar, visto que eu estava completamente entregue à prazerosa tarefa de adormecer.

O adormecer é uma arte, uma ciência até, dizem os médicos. Os mais diversos métodos são recomendados. Tenho uma técnica especial para isso. Imagino algo agradável, que não faz muito tempo que aconteceu (para que o espírito não fique fatigado inutilmente).

Então o evento se desvanece, gradualmente, os pensamentos ficam emaranhados, e pego no sono.

Assim, pensei em três coisas agradáveis, que tinham me ocupado há pouco tempo – uma atraente jovem loira de olhos azuis, um pedaço de carne suculento e mal passado e uma montanha de fácil acesso e levemente arredondada – e, de fato, isso funcionou muito bem.

Uma atraente jovem loira de olhos azuis...

Um bife suculento e mal passado...

Uma montanha de fácil acesso, levemente arredondada...

Meus pensamentos começaram a emaranhar-se.

Uma suculenta jovem, um bife de olhos azuis, uma atraente montanha loira...

Uma jovem levemente arredondada, um bife loiro e atraente, uma montanha de olhos azuis...

Uma jovem de fácil acesso, um bife montanhoso, uma montanha mal passada...

Bum! – Caí das alturas, assustado.

“Filhinho!”, chamei, assustado. “O senhor está roncando!”

O homenzinho abriu um par de olhos cansados.

“Só quando durmo!”, disse, intimidado.

“E com esse defeito dissimulado o senhor se atreve a dividir o quarto comigo?”, revidei, indignado. “Deite-se imediatamente para o outro lado!”

Ele obedeceu prontamente e, com esforço, retornei a minha cama e tentei novamente adormecer.

Primeiro, extraí os olhos azuis do bife, os cachos loiros da montanha e a montanha da jovem e coloquei tudo cuidadosamente nos seus devidos lugares. Então, esperei que as imagens se misturassem novamente.

Mas não se misturaram.

As possibilidades de variação foram totalmente esgotadas. Felizmente, lembrei-me, ainda em tempo, de que dorminhocos hábeis haviam certa vez me sugerido pensar em algo entorpecedor, ondulante – que acalme muito os nervos – algo como um campo de trigo ondulando, cristas de ondas que se quebram, ou uma fila de carneiros que lentamente saltam por cima da sebe.

Bom! Isso está ficando excelente.

O campo de trigo ondulava, as cristas de onda quebravam-se, os carneiros saltavam sobre a sebe.

Minha fantasia tranqüilizou-se, as figuras começaram, conforme o programado, a se transformar umas nas outras.

Os campos de cereais quebravam-se,
as cristas das ondas pulavam sobre a sebe,
os carneiros ondulavam.

Minha fantasia ganhou asas:

Os campos de cereais saltavam sobre as sebes,
as cristas das ondas pulavam sobre os campos de cereais e os carneiros quebravam-se.

As ondas alisavam os campos de cereais,
os campos de cereais alisavam os carneiros
e os carneiros deixavam-se ficar sossegados.

Aí – de repente – um ruído!

Parece formar-se uma tempestade.

O trovão retumba, a chuva cai, relâmpagos faíscam.

A chuva troveja, o relâmpago cai, o trovão faísca.

A tempestade aproxima-se. Os trovões se tornam cada vez mais fortes.

Corro até a janela. Escancaro-a – noite estrelada.

Fecho a janela. A tempestade começa de novo.

Sigo o seu ruído. Ele me guia até a cama do Filhinho.

O homenzinho está deitado de costas com a boca aberta e as narinas inchadas, e ruídos terríveis saem por esses três orifícios.

Todo o restante – uma infelicidade só.

“Que coisa lastimável, um homem velho”, pensei, e tentei acordá-lo.

Em vão!

Só depois que esguichei quase todo o conteúdo da garrafa de água gaseificada no seu rosto, ele abriu os olhos, assustado, e disse sonolento: “Querida!”

“Eu não sou a sua querida!”, gritei furioso. “Mas o senhor é um péssimo hóspede de hotel! Se não parar agora, eu o mando imediatamente para os cinco rapazes alegres.”

Ele tentou se desculpar. Não era sua culpa. Os médicos tinham lhe dito. – Quando ele adormece, sua língua cai para trás e pressiona o véu palatino. Então, ele esvoaça para lá e para cá com fluir da respiração e provoca todo o barulho.

“Então vou atá-la ao seu queixo com um lenço”, gritei com muito ódio. “Mostre a língua!”

Aí ele começou a gritar.

Acordou a metade do hotel.

A senhora do queixo duplo bateu à porta.

“O que o senhor está fazendo com o meu marido? Com certeza, o senhor o irritou. O senhor tem uma frasqueira com medicamentos?”

Fiz que sim com a cabeça.

“Então, lhe dê um comprimido para dormir!”

“Para que ele ronque ainda mais!”, gritei furioso. “Eu gostaria de lhe dar algo para acordar!”

Dei-lhe de tudo o que havia em minha frasqueira: uma colher de glicerina, um supositório e uma cantárida². Então, dei-o de bruços, embebi uma toalha em água fria e enrolei-a em seus pés.

Assim, fiquei em paz por algum tempo.

Mas em dormir, nem pensar.

² N. de T. *Coleóptero cantarídeo*, da Europa, muito usado na medicina antiga, triturado, como vesicatório, em beberagens para fins diuréticos ou afrodisíacos.

Agarrei-me aos últimos e infalíveis meios. Relaxar o corpo da cabeça aos pés e não pensar em nada.

A primeira parte foi indo mais ou menos: relaxei a testa e as narinas, as orelhas e soltei o maxilar inferior. Então relaxei o pescoço, o pulmão, o baço e o fígado, só o estômago não se deixou relaxar. Ele estava cheio com os três pedaços de carne. Mas a segunda parte do meu programa foi impraticável.

Não existe nada pior no mundo do que não pensar em nada.

Tudo me vinha à mente com facilidade.

Dos pensamentos que tinha evocado, eu não me livre mais. Eles vinham aos montes, às turbas.

Os campos de cereais, os carneiros, a jovem, a boca aberta do Filhinho, os olhos azuis – tudo – tudo.

Eles me envolviam, dançavam em volta do meu cérebro martirizado, se cruzavam numa mistura desavergonhada e testemunhavam novas formas das ciências naturais, de monstruosidades nunca vistas...

A boca do olho.

O olho da boca.

O relâmpago de glicerina.

A garrafa de água-garota.

O carneiro-cantárida.

O trovão-supositório.

A montanha do ronco.

O pedaço de bife.

O bife do pedaço.

O bifaço.

Então, sucedeu-se o sossego. Eles começaram a se devorar reciprocamente.

Os carneiros devoraram os campos de cereais, as ondas tragaram os carneiros, a boca aberta engoliu as ondas, a montanha desmoronou em cima da boca aberta, a escuridão engoliu a montanha. E a luz devorou a escuridão.

A luz era no princípio tão pequena quanto um pirilampo, então ficou como um fósforo, como uma estrela, como uma lua, e ocupou o horizonte inteiro como uma bola de fogo.

Abri os olhos.

O sol brilhava na minha face.

Olhei as horas. Eram oito e meia. Muito tarde para uma boa excursão. Incomodado, me vesti e desci até a sala de refeições.

Vazia.

Lá no final, no cantinho, estava sentado o Filhinho – e fazia seu desjejum.

“E então, dormiu bem?”, perguntei irônico.

“Não preguei o olho!”, ele revidou.

Olhei para ele, incrédulo.

“Mas como isso é possível? O senhor é um artista do sono! O mestre dos dorminhocos!”

Ele me lançou um olhar hostil.

“Nunca em minha vida”, disse ele, venenoso, “encontrei semelhante roncador, como o senhor, esta noite.”

O autor escala montanhas

Na verdade, Senhores, se arrastar pelas ruas poeirentas das cidades é bem diferente de subir por uma trilha íngreme nos Alpes, numa tarde de verão, para chegar à cabana protetora no cume.

Num traje típico de montanhês, livre de preocupações e carregado com a mochila, que o guia leva com muita energia, diante de mim... Ooooooh! O coração bate, os pulmões se abrem, as pernas musculosas se movimentam com passos grandes até que a mula na qual estou montado começa a suar. Ao longe, o sol apaga os picos, a parede rochosa arde em cor vermelha e o guia quase sucumbe debaixo da grande carga das comidas.

Nesses momentos, costumo cantar o *jodel*.

Não soa muito limpo e somente se ouve até a uma distância de três a quatro e, com vento favorável, de cinco a seis metros, mas a gente se sente muito próximo à natureza. Halali!

Chegando à cabana, me encontrei com amigos queridos.

O Senhor Conselheiro Guggelfinger de Viena, com sua esposa e a encantadora filha Angélica.

No inverno, tinha me encontrado com ela em diferentes bailes, fazendo-lhe a corte, mas sem conseguir atenção suficiente. Mas aqui foi

tudo diferente. Pois, a uma altura de 2000 metros, sou realmente irresistível!

Meus modos abertos, meu caráter montanhês e meu chapéu um pouco inclinado sobre a orelha e enfeitado com um ramalhete de edelvais, comprado numa loja, impressionaram-na profundamente.

Então, quando contei-lhe que ia escalar o alto pico Schroffenkogel, o que não correspondia a toda a verdade, ela me respondeu em seu dialeto de Viena, tão musical: “Ai que garbo!”

E quando ainda acrescentei que queria realizar a subida em oito em vez das doze horas previstas, falou com muita admiração: “Mas, se você conseguir isso, então...”

“Então, o quê?”, perguntei com o atrevimento que me é próprio a uma altura de 2000 metros.

“Então...”, diz ela rindo com um jeito coquete e se afastando com um rubor nas faces. Nesse momento, decidi realmente subir ao pico Schroffenkogel.

Às três horas da madrugada, já estava no caminho, tremendo de prazer pelo alpinismo.

Nossa comida, eu tinha reduzido a um mínimo.

Afora os mantimentos trazidos, tinha mais uma mochila cheia de alimentos de reserva, comprados na cabana, o que exigiu a contratação de um segundo carregador.

Afora isso, nada, absolutamente nada!

Desde o começo, caminhei com uma rapidez mortal, para ganhar tempo, porque queria bater um recorde.

Depois de meia hora nesse ritmo, o guia, que levou uma lanterna e caminhou bem devagar na frente, se voltou para mim, dizendo benevolente: “Um pouquinho mais rápido, se for possível, doutor, senão nunca chegaremos lá!”

“Senhor Guia”, respondi de mau humor, um pouco abafado, “a escuridão é que faz demorar o meu passo. Mais tarde, quando o sol sair, o Senhor vai ter muita dificuldade em me seguir.

Apenas tinha pronunciado estas palavras e o infeliz apareceu, como se quisesse cobrar minhas palavras e me pôr à prova. Mas fiz troca dela! Sentei-me sobre uma pedra bem cômoda e, como sou um pouco curto de vista, peguei meu binóculo e mirei a paisagem. Ao redor de mim, nada mais que montanhas, grandes e pequenas.

“E esse pico escarpado ali... nunca foi escalado, certo?”

“Sim, sim”, disse o guia, “É nossa montanha, é lá que o Senhor deve subir agora!”

Controlei-me e olhei com o binóculo montanha abaixo.

Lá, bem embaixo, estava a cabana.

E, por incrível que pareça, na cerca da cabana, se encontrava a angelical Angélica, num vestido branco, abanando com um lenço para mim.

“Senhor Guia”, exclamei todo nervoso, “Ali está a jovem pela qual estou subindo a montanha!”

O guia lançou uma rápida olhada, sem os binóculos. Então, falou: “Que bobagem! A jovem ainda está dormindo! Isso ali é roupa pendurada!”

“Em todo caso, tenha a bondade e cante o *jodel* bem forte em direção à cabana. Gostaria que a jovem soubesse da altura na qual me encontro!”

O guia, um homem de boa alma, cantou realmente com uma voz potente, que soou até longe, para a roupa.

Mas esta não respondeu.

Continuamos subindo com calma.

O ar fresco da montanha e os pensamentos na bela Angélica aceleraram meus passos, e corri como um raio.

“Agora, o Senhor anda mais devagar ainda!”, disse o guia.

“Senhor Guia”, respondi, abanando com a cabeça, “Não sei explicar qual poderia ser a causa. A única razão pode ser que, na pressa da partida, meu café de manhã foi muito fraco. Só bebi uma garrafa térmica com chocolate quente, comi dois sanduíches com presunto e três ovos cozidos. Sinto-me mal de tanta fome que tenho! Por gentileza, avise ao carregador número 2 que tire da mochila 3 do carregador número 1 a grande barra de chocolate. Encontra-se bem no fundo da mochila.”

Entretanto, na busca pelo chocolate, verificou-se que este não estava na mochila 3 do carregador 1, nem na mochila 1 do carregador 2, senão no bolso do meu casaco.

Quando terminei de comer, senti-me pior ainda.

“Senhor Guia”, falei, “só há um remédio para isso. Preciso tomar um gole de conhaque. A garrafa está...”

“De modo algum!”, retrucou o guia. “Precisamos subir de uma vez!”

Pouco a pouco, a trilha começou a sumir e, no lugar dela, havia só pedras. Diante de meus olhos assombrados, emergiu uma estrutura de mais ou menos vinte chapas de pedra, que estavam empilhadas uma sobre a outra,

em forma de uma escada.

Examinei essa formação rara com um ar de experto e disse com voz tranqüila: “Senhor Guia, acho que seria o melhor se o Senhor me amarasse agora.”

Mas o guia tinha outra opinião.

“Vamos nos amarrar muito mais adiante”, falou ele. “Vá subindo bem reto. É uma escada.”

Avaliei a situação outra vez, bem objetivamente.

“Não se pode negar”, expliquei, “que essa formação oferece uma certa semelhança com uma escada. Entretanto, o mais importante ela não tem, quero dizer, falta o corrimão! O Senhor poderia construir provisoriamente um corrimão com as picaretas de gelo e as cordas ou, melhor ainda, improvisar uma espécie de elevador? Sou um inimigo convicto de subir escadas.”

“Adiante!”, o guia falou muito grosso em vez de responder.

Nesse momento, de uma cabana por perto, estava descendo um guia desocupado. Parecia faminto e pobre.

Sem duvidar um segundo, contratei-o como segundo guia, só para ajudá-lo (isso se chama o dever moral nas montanhas).

Finalmente comecei subir a “escada”.

Graças à minha avançada técnica como alpinista, tudo foi nada mais que uma brincadeira infantil.

O primeiro guia se adiantou e me passou a mão de leve, os dois carregadores me apoiaram um pouco de ambos os lados e o segundo guia me empurrou por detrás, quase de forma imperceptível.

Cheguei arriba totalmente descansado e sem suor, mas meus quatro companheiros estavam ofegantes e enxugaram o suor da fronte.

“Meus Senhores”, eu disse, “Parece-me que essa pequena subida os cansou um pouco. Por isso, acho muito pertinente e do interesse geral de todos fazer um pequeno intervalo para um café de manhã.”

A proposta foi aceita contra a voz do primeiro guia. As mochilas foram esvaziadas, e ficou óbvio que eu tinha disposto tudo com uma ampla visão de um alpinista.

Uma refeição saborosa e frugal.

“Sirvam-se!”, falei. “Comer e beber é a metade da alimentação. Alguns vivem totalmente disso.” E desta vez ninguém respondeu.

Como estalaram os ossos das galinhas, e as costelas frias também não eram de se jogar fora. O pesado pão da colônia, muito saboroso com o fígado de ganso, foi engolido com um vinho espumante, leve e gostoso, e o sol ria em todo o seu esplendor.

Foram quartos de hora inesquecíveis.

Mal me recuperei desses esforços com um bom sono, começaram outras dificuldades.

Diante de nós, se estendeu uma crista estreita.

Não era escabroso e nem insuperável para um alpinista sem vertigens como eu. Mas, diante de nós, apareceu outro obstáculo.

Nessa crista estreita e afiada como uma faca, havia gado pastando.

“Senhor Guia”, falei, “depois das refeições, não gosto de me meter em perigos desnecessários. Vá lá e observe se há algum boi entre eles.”

O guia me fez o favor e, após um rigoroso exame, informou que havia somente um boi, aliás um boi muito jovem que ainda mamava.

“Então, com a ajuda de Deus, vamos tentar”, decidi, “Falta tirar a minha gravata, para que a cor não provoque o boi.”

O guia me olhou de forma bem estranha.

“Mas sua gravata é azul! Não sabe por acaso que somente a cor vermelha provoca o boi?”

“Claro que sei disso”, respondi um pouco aborrecido com a observação supérflua, “mas quem me garante que o boi não seja daltônico?”

Para nossa sorte, o boi era curto de vista, e atravessamos o gado com êxito.

Mas o maior, o mais assustador obstáculo, um obstáculo que seria o ponto crucial de nossa escalada, se encontrava ali.

Entramos em um beco sem saída.

De ambos os lados e em frente a nós, se levantavam íngremes paredes rochosas, das quais pendurou uma espécie de cabo.

“Meus Senhores”, eu disse, “Os Senhores erraram na ascensão. Não existe trilha!”

“É claro que não”, contestou o guia, sinalizando o ponto, de onde pendurou o cabo. “É exatamente lá para cima que o Senhor deve subir. Lá começa a subida da parede do pico.”

Sou um homem destemido – alguns amigos meus até me consideram audacioso – mas gosto de examinar todas as possibilidades antes de qualquer

perigo.

Por isso, tive de perguntar ao guia como ele pensava em fazer isso.

“É muito simples e sem qualquer perigo!”, disse bem descuidado o homem, “Agora vou amarrar o Senhor com a corda, então começo a subir primeiro até lá em cima. Em seguida, prendo lá a corda e o Senhor começa a subir.”

“Mas e se que a corda arrebentar?”, perguntei, com cautela.

“Ainda fica preso no cabo que foi instalado por segurança pelo Clube dos Alpinistas.”

“Mas caso o cabo esteja enferrujado ou escape de minha mão?”

“Então, é o segundo carregador que sobe ao lado esquerdo do senhor que o segura.”

“Mas este homem poderia sentir tonturas”, observei com bastante lógica.

“Neste caso, o senhor é sustentado pelo segundo guia que sobe por último.”

“E se acontecer alguma coisa com ele?”

“Então vai para onde o diabo perdeu as botas!”, gritou o guia, proferindo uma maldição impossível de repetir.

“Para mim, já poderia se mandar para lá, agora mesmo!”, concluiu o segundo guia, com muita raiva.

Diante dessa lógica, não tinha outra saída e minha única condição foi que, antes da subida, me permitissem me fortalecer com o almoço, já bastante atrasado. Mas então aconteceu algo raro.

Os dois carregadores olhavam para o chão, o segundo guia riu constrangido e o primeiro guia riu na minha cara.

“Não tem absolutamente mais nada. O Senhor devorou tudo!”

“Então vamos voltar!”, exclamei com firmeza. “Com o estômago vazio, não faço alpinismo!”

Depois de assegurar-lhes um dinheiro extra, os guias e carregadores estavam dispostos a me levar para a estrada por um caminho um pouco mais longe, mas muito mais agradável.

E ali, por fim, me sorriu novamente minha sorte de alpinista.

Achamos um carro desocupado que, numa viagem bem agradável, nos levou até as proximidades da cabana.

De cabeça orgulhosamente erguida, entrei na sala de jantar e me

encontrei com o Sr. Guggelfinger, que estava tomando o café de manhã.

As mulheres, aparentemente, ainda estavam se arrumando.

“Um bom dia, Sr. Guggelfinger”, disse e entreguei-lhe um ramalhete de edelvais, que na volta tinha comprado de um menino pastor, “Por gentileza, poderia entregar estas flores, que crescem nas alturas íngremes dos Alpes, a sua distinta filha e dizer-lhe que terminei a escalção de 12 horas não em 8 horas, como tinha previsto, senão num tempo recorde de apenas seis horas.”

Mas o senhor me deu as costas. Colocou as flores com descuido na jarra de leite meio vazia e falou com uma voz muito fria: “Não se preocupe mais, meu jovem! Nunca entregaria minha filha como esposa a um homem que joga com sua vida de forma tão leviana, fazendo escalções tão perigosas nos Alpes.”

O homem precavido

Meu amigo Anton Klimke era um “homem precavido”, como costumava se expressar meu tio Eduard – nenhum sábio e nem um louco.

Por isso, quando ele resolveu se casar, fez a pior coisa que podia fazer, pedindo conselhos a toda a família.

A família de Anton tinha uma característica bem estranha. Quando dez membros dela estavam reunidos, havia no mínimo onze opiniões diferentes. E, em geral, a opinião mais acertada era a décima segunda.

No encontro seguinte, quando Anton apresentou a pergunta tão decisiva para o seu destino, todos começaram a gritar de uma só vez.

Depois, quando houve um relativo “silêncio”, quer dizer, quando se conseguiu diferenciar algumas vozes das outras, o primo Paul Heinrich, como representante dos primos casados, pediu a palavra e falou com voz firme: “É claro que você deve se casar! Por que deveria ter uma vida melhor do que a nossa?”

“Case-se”, disse a romântica prima Adelgunde, “se você realmente a ama tanto que seria capaz de cometer um crime por ela.”

“Isso aí é tudo bobagem”, interrompeu-a sua mãe, “o amor chega depois de ter ficado, por muito tempo, sentados juntos. Primeiro ela cede um pouco, depois você cede um pouco, e finalmente você faz tudo o que ela quer. Desta maneira, nascem os melhores casamentos.”

“Mas fale de uma vez quem é ela”, esbravejou tio Eduard, mal-afamado por seu raciocínio prático. “Quem é e como se chama?”

“Elisabeth Mecke”, respondeu humildemente Anton.

“Mecke – Mecke – Mecke”, todos ficaram pensando, “Mecke, esse nome nós não conhecemos!”

“Conheço um Mecke”, explicou tio Ferdinand, pensativo, “deve ser um tio da jovem, porque, para ser seu pai, é velho demais. Uma vez estávamos numa festa e, quando saímos, ele trocou os nossos guarda-chuvas. Talvez você pudesse sondá-lo a esse respeito, de forma bem discreta.”

“Mecke – Mecke”, falava baixinho tio Theodor, meio sonolento. “Parece-me que li este nome, hoje, no jornal. Não me lembro muito bem em que parte – minha memória me trai, às vezes – mas, se eu procurar, vou encontrá-lo.”

“Talvez no Caderno de Cultura”, sugeriu Anton, “a Elisabeth canta, às vezes, num concerto beneficente. Ela tem talento musical.”

“Que outros defeitos ela tem?”, indagou o primo Paul Heinrich.

“Nenhum!”, respondeu Anton, desafiante.

“Então não case com ela!”, aconselhou tio Eduard. “Nenhuma jovem consegue dissimular além do dia do casamento e, depois, será tarde demais para saber.”

“Não é um bom sinal que nenhum de nós conheça esse nome!”, murmurou tia Aurelie.

“Consulte o seu coração!”, suspirou a prima Adelgunde.

“Consulte uma agência de informações”, aconselhou sua mãe.

“No Caderno de Cultura, não estou achando nada”, disse tio Theodor, levantando a vista do jornal.

“Então procure entre as empresas que estão pedindo falência”, ironizou o primo Paul Heinrich.

“Eu não insistiria tanto na devolução do guarda-chuva”, esclareceu tio Ferdinand, mas o meu era de seda e o do tio Mecke só de um tecido sintético.”

“Por Deus, não nos incomode com o seu ridículo guarda-chuva”, censurou-o tia Aurelie, “trata-se aqui da felicidade de Anton e você está falando de um tecido sintético.”

“Além disso, pode ficar tranqüilo”, interveio Anton, “a Senhorita Elisabeth Mecke tinha um tio, mas ele faleceu há dois anos.”

“Então não tenho mais interesse neste assunto!”, disse tio Ferdinand,

deixando a sala, muito ofendido.

“Mas qual era a profissão desse tio falecido?”, indagou tia Aurelie.

“Ele foi sócio da empresa Mecke”, respondeu Anton, “agora a firma pertence só ao pai!”

“E como se chama essa empresa?”, perguntou tio Philipp.

Anton consultou sua agenda.

“Universo S.A., Importação e Exportação.”

“É uma firma boa”, disse tio Eduard, acentuando sua satisfação com o dedo em riste.

“O amor”, disse tia Aurelie, “é um milagre cheio de graça. Nunca se deveria deixá-lo de lado.”

“Entre as empresas falidas”, disse tio Theodor, levantando os olhos do jornal, “também não encontro o nome.”

“Procure, então, nas nomeações, talvez tenha recebido algum título honorífico – é uma família tradicional e respeitada.”

“Onde vocês se conheceram mesmo? E que tipo de relacionamento vocês têm?”, queria saber a prima Adelgunde.

“Durante o veraneio”, respondeu Anton, corando. “Passeávamos juntos todas as tardes. Os seus pais também foram encantadores comigo.”

“Já declarou o seu amor a ela?”, procurou saber tia Aurelie.

“Abertamente, não”, respondeu Anton, “primeiro queria ouvir os conselhos de vocês.”

“É muito razoável”, elogiou tio Eduard. “Quando a gente age com muita pressa, pode sofrer desilusões facilmente. Agora, com tudo devidamente esclarecido, não existe mais nenhum obstáculo à realização do seu amor.”

“Quando os pais dela retornarem, você deve lhes falar imediatamente”, advertiu a mãe da prima Adelgunde.

“Não, só com a filha”, corrigiu Adelgunde.

“Você simplesmente vai e dá um beijo nela”, falou triunfante o primo Paul Heinrich.

“Em todo caso, devemos brindar a isso”, falou com entusiasmo o tio Felipe, buscando uma garrafa de champanha na geladeira. Todos brindaram e beijaram Anton.

Nesse mesmo momento, o tio Theodor lançou um grito triunfante: “Achei, até que enfim achei! Obviamente está na última página, onde

ninguém procura, entre os avisos.”

E então ele começou ler:

Leopoldo Mecke

da

Firma Universo S.A., Importação e Exportação

comunica com grande alegria

o noivado de sua filha

Elisabeth

com o Senhor Procurador

Willi Hagedorn.

Símbolos

Uma das invenções mais poderosas com as quais o homem obteve sucesso são os símbolos.

Um símbolo é a substituição de algo abstrato pelo concreto, de um conceito pelo objeto.

Só por meio deles, o abstrato – o conceito – se tornou popular, acessível ao grande público.

A causa disso é que o abstrato só pode ser percebido pela razão e o concreto, pelos olhos, ouvidos e nariz. E, para a maioria das pessoas, os olhos, os ouvidos e o nariz são mais desenvolvidos do que a razão.

Tomemos um exemplo.

A bandeira é o símbolo do Estado.

Um Estado é um conceito bastante complexo e de difícil compreensão. Os próprios chefes de Estado em geral não dispõem de muita clareza sobre o seu significado e seus direitos frente ao Estado. Mas a bandeira é um pedaço de pano grande e nítido, bem colorido, e tremula ao vento. Pode-se segui-la facilmente.

Os conceitos podem mudar, mas os símbolos permanecem sempre os mesmos.

O símbolo do rei é a coroa.

Um rei pode ser bom ou ruim, forte ou fraco, absolutista ou constitucional – mas uma coroa é sempre uma coroa.

Após ter analisado tudo isso até as últimas consequências, aluguei

um escritório.

O escritório é o símbolo do trabalho.

Quer dizer, na verdade, não se precisa dele para trabalhar, é necessário apenas dispor de um – e, em seguida, aos olhos dos outros, tornamo-nos um homem diligente e trabalhador.

Eu recomendaria, sobretudo a todos os trabalhadores intelectuais, que adquirissem um escritório, especialmente os casados. Se um trabalhador intelectual se entrega aos pensamentos em casa, então, para a sua mulher, ele “está por ali” e atrapalha nas tarefas da casa. Mas, se vai para o escritório às 9 horas, então ele sobe no conceito dela – sem contar outras comodidades que o escritório pode proporcionar a um homem casado – mesmo que ele não crie nada. Em outras palavras: o escritório consagra o não fazer nada.

Eu era muito consagrado em meu escritório.

E também me proporcionei a segurança de um chefe de escritório.

O chefe de escritório é o símbolo da firma próspera. Ele também era muito consagrado.

Assim, vivemos um período satisfatório em todos os círculos dos quais participávamos. Foi quando recebi a incumbência de uma assistência judiciária gratuita.

A assistência judiciária gratuita é o único mandato que não se pode recusar.

É conferida pelo Tribunal, em geral é muito complicada e, principalmente em causas penais, sem perspectiva de honorários.

Minha causa era uma causa penal. Um roubo. Um roubo de uma quadrilha de ladrões.

De acordo com o direito vigente, o roubo é penalizado conforme o número de pessoas que participaram do delito.

Se apenas uma pessoa furtou, a pena é relativamente menor. Se vários roubaram – um roubo de um bando de ladrões – ela já é significativamente maior.

Se uma parte inteira do povo rouba – por roubo ou saque – então, dependendo das circunstâncias, é “revolta”, duramente penalizada.

Somente quando o Estado como um todo comete, como tal, um roubo – por meio da inflação ou em uma guerra para conquistar algo – está livre da pena.

No meu caso, vinte e quatro pessoas haviam tomado parte, mas, felizmente, eu tinha de defender só uma delas.

Visto que o compromisso era iminente, cheguei uma hora mais cedo ao Tribunal, a fim de consultar os autos. Mas, assim que vi os quarenta e cinco volumes enormes, desisti da idéia e sentei-me na sala do Tribunal, que ainda estava vazia. Através da porta entreaberta, lancei um olhar para dentro da sala de deliberação.

Lá dentro, toda a corte do Tribunal parecia estar à vontade. O presidente, um jovem cavalheiro, dizia alguma coisa engraçada aos demais colegas; em todo caso, todos riam.

Depois, ele vestiu a toga.

A toga é uma vestimenta comprida, de bom caimento, que oculta todas as falhas do corpo (as intelectuais só até um determinado ponto). É o símbolo da dignidade jurídica.

De fato, quando o presidente a vestiu, não se ouviu mais um gracejo dos seus lábios. Sua face ganhou uma expressão séria e com rugas dignas, exatamente como a sua toga.

Então, toda a corte do Tribunal deslocou-se até a sala de audiências.

A sala estava repleta de símbolos.

Na parede, havia um quadro enorme da deusa *Justitia*. Ela é o símbolo da justiça. Na verdade, na minha modesta opinião, achava que talvez um camaleão teria sido melhor, mas devo admitir que a *Justitia*, que usava uma venda diante dos olhos para não ver o que acontecia muitas vezes lá em baixo, em seu nome, também não é uma alegoria ruim.

Entretanto, o alto colegiado havia tomado seu lugar na mesa do Tribunal. A mesa do Tribunal fica em cima de uma pequena plataforma, uma espécie de estrado. O estrado é o símbolo da elevação, da superioridade. Ele é a linha divisória entre a “infalibilidade” e a “condenação”, entre a culpa e a reparação.

O que estiver sentado nele é sagrado. O que estiver abaixo, suspeito.

Eu também estava sentado abaixo, bem em frente ao banco dos réus, separado dele apenas por um tipo de parede de madeira, uma espécie de barreira.

A barreira é o símbolo da proteção. Mas também só o símbolo.

Ela não evitou, por exemplo, que o chefe do bando, um tal de Harras, num antigo delito, em meio à discussão, se lançasse sobre a barreira, jogasse o oficial de justiça ao chão e saltasse em direção à rua pela janela do primeiro andar.

Desde então, é conhecido como Harras, o saltador.

Dessa vez, ele estava sentado bem atrás de mim, e seu trajeto passava

diretamente sobre a minha cabeça.

Ao seu lado, estava sentado o meu cliente, um pobre diabo, tísico, que não parava de tossir na minha nuca. Eu tinha um lugar agradável. Nesse meio tempo, como se podia ver, a sala do Tribunal estava ficando cheia. Era um formigueiro. De autos, por cima da mesa do Tribunal; de réus, na sala dos réus; de público, no auditório e de testemunhas, no corredor...

“Casa lotada”, murmurou o presidente, mas não com a alegria do diretor de teatro e sim com uma resignação melancólica. É que hoje, em sua casa – conforme o oficial de justiça me confidenciou – haveria seu prato predileto, ovos mexidos com arenque defumado, e na certa calculava que, na melhor das hipóteses, comeria esse prato requentado no jantar. Imperava, sem dúvida, uma atmosfera triste.

O assessor sentiu um calafrio ao pensar na minuta de sentença, que levaria no mínimo quinze dias, o oficial de justiça tinha sido convidado para um batizado hoje à tarde e o bacharel em Direito, que fazia a ata, tremia as mãos, desde já. Apenas o promotor sorria satisfeito. Ele preparara um discurso fulminante de acusação e esperava, com isso, a maior rapidez possível em sua promoção.

O presidente mandava entrar em primeiro lugar as testemunhas e as advertia veementemente a dizer a pura verdade, nada além da pura verdade, assim como deveria ser tarefa do Tribunal agir de acordo com a pura justiça.

Em seguida, deu-se a audiência.

Em poucas palavras, o embate foi o seguinte:

Era inequívoco que os réus haviam feito os arrombamentos em questão, e que os objetos furtados haviam sido encontrados em seu esconderijo comum.

Mas eis a questão: qual ou quais deles haviam tomado parte em cada delito, separadamente?

A princípio, os réus seguiam um procedimento bastante compreensível: negavam e acusavam-se mutuamente. Ninguém queria ser culpado.

Os depoimentos das testemunhas divergiam uns dos outros. Nem mesmo o resultado do inquérito estava de acordo, nessa questão, com as incriminações dos acusados.

Quando se pensava ter determinado a medida de responsabilidade de participação em um determinado caso, o depoimento da testemunha seguinte desfazia tudo outra vez. Assim, a audiência arrastou-se, cada vez

mais complexa, até o caso 8. Aí aconteceu algo singular.

Harras, o principal acusado, já apresentara, há muito tempo, sinais de um crescente nervosismo. Antigamente, ele fora contador e caixa; iniciara então a sua “própria caixinha” e, quando isso veio à tona, numa ousada decisão, resolveu roubar tudo.

Ele deveria ter tido uma recaída na sua primeira fase hoje, ou algo estranho estava acontecendo.

Pois de repente levantou-se num pulo e bateu com o punho no corrimão, que fez barulho. Houve um grande alvoroço na sala. Os policiais, que lá estavam, sacaram suas pistolas, o oficial de justiça pôs-se em segurança e eu abaixei a cabeça, atemorizado.

Não foi tão grave assim.

O réu soqueou mais uma vez o corrimão, depois vociferou: “Não agüento mais esta confusão! Tem de haver ordem aqui!”

O promotor levantou-se imediatamente e solicitou uma punição por causa do comportamento inadequado.

Mas o presidente negou, acalmando a situação.

“Quem sabe ele quer confessar”, sussurrou-lhe o promotor.

A confissão é o símbolo da culpabilidade. Entretanto, ela é mais do que isso.

Ela é o autodesarmamento do réu e o encanto do Tribunal. A sentença de culpa não pode conter nenhum equívoco, não se ridiculariza diante da instância de apelação e economiza um bocado de trabalho e tempo.

Por conseguinte, a atmosfera também ficou bastante amigável.

O oficial de justiça desejava chegar a tempo para o batizado, o acessor guardou as minutas, que estavam empilhadas diante de si, na gaveta, e o presidente já podia ver-se diante dos ovos mexidos, não requentados, na mesa do almoço.

“Fale”, disse ao acusado, de forma amena. “Alivie sua consciência”.

O réu levantou-se devagar.

Não havia nada pesado em sua expressão.

“Escreva!”, ordenou ao chefe do protocolo.

Meu cliente, o homem à sua esquerda, impeliu-o para o lado, atônito. Mas ele o interrompeu, com desdém.

“Deixe estar que vou acabar fugindo!”

A seguir, ele começou a ditar objetivamente.

No caso 1, participaram os acusados nos pontos 1, 5 e 12, e não nos pontos 11 e 15, como o Senhor Promotor equivocadamente supõe.

“Isso as diligências irão apurar”, rosou o promotor, pois ele não participaria da redação da sentença. “A propósito, peço para deixar de fora a minha pessoa!”

Mas a pergunta que veio a seguir foi mal recebida pelo réu.

“Confesso eu ou confessa o senhor?”, berrou de volta. “Se por acaso o senhor continuar a me interromper, revogo minha declaração”.

E sentou-se com arrogância.

Uma onda de mal estar invadiu a sala.

O oficial de justiça olhou para o relógio com nervosismo; o escrevente, suspirando, apanhou de novo os autos de dentro da gaveta; e o presidente fez uma cara de preocupado. Seus ovos mexidos haviam se distanciado de novo.

“O réu tem a palavra”, decidiu ele, dessa vez com uma voz firme, “peço não interrompê-lo!” E com a mesma habilidade: “Continue, querido e, se ficar com a garganta seca, é só nos dizer. Mando trazer-lhe um copo d’água.”

O réu levantou-se outra vez.

“Obrigado, Senhor Presidente. Com o Senhor, pode-se trabalhar. O Senhor tem uma generosidade de comerciante”.

Passou então aos casos, em separado.

Primeiro, calmo e objetivo, como que para tranqüilizar sua consciência de contabilista, como um revisor de livros que coloca em ordem um falso balanço. Depois, ele já não podia deixar de recusar, de tempos em tempos, pequenos e irônicos comentários.

“O caso 17 está em ordem. Aqui, excepcionalmente, a acusação acertou.”

Mas o caso 18 – meus Senhores! Aqui está para os Senhores o acusado do 6 como o principal envolvido. Com isso, fica pendente no Ministério Público um processo criminal contra ele, no qual, exatamente ao mesmo tempo, ele parece ter furtado em outro local, a uma distância de cem quilômetros. Isso não é muito provável. Definitivamente, meu colega não é nenhum pássaro.”

Assim, lá estava o homem de estatura mediana com uma expressão inteligente no rosto, conduzindo de fato a audiência. Concordava aqui e

contestava ali, fazia perguntas às testemunhas e confrontava-as com os seus colegas de acusação. E ninguém o interrompia, ninguém duvidava de suas palavras.

“Confiança contra confiança”, dissera ao presidente, e fez bastante uso disso.

“Caso 35, meus senhores, o furto não tão bem sucedido de uma loja, de jeito nenhum pode ser contabilizado. Peça para estorná-lo. Ele é de responsabilidade de uma pequena sociedade de amadores. A mercadoria do roubo, encontrada em nosso depósito, nós apenas a guardamos a fim de prestar um favor. Não digo isso para nos aliviar. Francamente, isso não tem peso nenhum em nosso imenso saldo devedor. Mas, entretanto, não posso deixar que este trabalho porco repouse sobre nós. Meu orgulho e minha honra artística o proíbem!”

E, com isso, ele mesmo deu a deixa. Uma necessidade insaciável de brilhar apoderara-se dele. Finalmente poder dizer a esses leigos como é um autêntico especialista, sair do anonimato uma única vez, que ele protegera com angústia até agora.

“Caso 44: O réu é acusado de ter executado, como chefe da quadrilha, uma série de arrombamentos pesados! – Dizer, assim, é tão fácil, meus Senhores. Se os Senhores soubessem quantas qualidades são necessárias aqui: inteligência, conhecimento da natureza humana, determinação, força e coragem – na sociedade burguesa, com essas qualidades, uma pessoa se torna presidente de banco, ou diretor financeiro, ou ditador! Meus Senhores, diante de tamanha missão, os Senhores fracassariam por completo!”

E aí a apoteose final, o efeito teatral.

“Caso 45, o grande assalto ao banco, o assalto da minha carreira. Aqui estão listados oito acusados. Equívoco. Eu não poderia confiar em meus companheiros, por mais capazes que fossem, nessa difícil tarefa.”

E se os Senhores ainda não se convenceram: o reconhecimento da oportunidade, a produção de chaves falsas, o atrair dos guardas e a soldagem do cofre-forte – tudo isso eu fiz bem sozinho – solo – completamente sozinho... Isso ninguém, de toda a corporação, consegue fazer, isso ninguém faz, em todo o país, apenas uma pessoa, um único – Harras, o saltador!”

Ei-lo como um orador que faz uma graça, como um tenor que canta com brio um dó agudo ao final de um espetáculo – triunfante sob os aplausos.

E, de fato, o público inteiro aplaudiu. Naturalmente, o presidente

mandou que o público evacuasse a sala imediatamente. Era preciso de uma vez por todas mostrar autoridade, depois de tudo o que havia acontecido.

O encerramento da audiência foi muito rápido. O promotor requisitou a pena máxima, os defensores a pena mínima.

Aí chegou a minha vez.

Eu não tinha a menor idéia do que tinha de dizer, mas me ocorreu algo.

“Contesto a declaração do réu”, disse, “e solicito a investigação do seu estado mental”.

“Por quê?”, perguntou o presidente, pasmado.

“Porque ele confessou.”

Isso deixou o presidente excepcionalmente irritado.

“Essa é uma forma inacreditável de defesa”, disse, sentindo-se profundamente melindrado.

“Bem”, resmunguei furioso, “então o senhor que não me dê mais causas de pessoas sem recursos.”

A corte do Tribunal foi branda com o grau de penalidade. Ela simplesmente somou a pena individual e concedeu cinco por cento de desconto.

Mas tive um triunfo.

Meu cliente ganhou uma pena proporcionalmente branda.

Concederam-lhe como circunstância atenuante a incapacidade de seu defensor.

Estréia em Grimmelshausen

Eu havia escrito uma peça teatral. Em versos. Em versos rimados. Por ser o mais fácil. Não é preciso quebrar a cabeça com ação, caracterização e montagem. A rima resolve tudo isso. Por exemplo:

Falo do “olho azulado” – com o que rima “dedicado”. É certo que absolutamente nada garante que olhos azulados sejam de alguém dedicado – infelizmente tive experiências em contrário – mas a rima funciona. E, no que rima, as pessoas acreditam sempre. Com uma rima, pode-se provar quase tudo.

O que importa é que uma peça dessas contenha uma “moral”.

A melhor maneira de conseguir isso é verificar, depois da peça pronta, se alguma idéia aparece várias vezes. Para essa idéia, se faz uma rima particularmente bonita, e se coloca no final da peça. As pessoas então a consideram “simbólica”, e todos ficam satisfeitos.

No meu caso, eu partiria da frase: “o rei estava sentado no trono do salão”, donde resultaria obrigatoriamente: “E a seu lado, sentado estava o filho varão”.

E, observadas apenas superficialmente as leis hereditárias, o filho agora deveria querer exatamente o contrário do pai – um caso amoroso subversivo ou coisa semelhante – e o pai deveria persuadi-lo, com benevolência e justiça, a abrir mão. A única dificuldade era inserir uma “moral”. É que um exame metódico da peça revelava que nela nenhuma idéia se repetia várias vezes. A rigor, ela não continha idéia alguma, a não ser a de que um rei que é justo também é um rei justo. Essa descoberta eu apresentei num dístico fulminante que fiz uma criança recitar no final da peça, pois, como ensina a experiência, isso produz o melhor efeito.

Não havia, portanto, nada a dizer contra a peça. Mas também nada a favor.

Em resumo: era uma peça horrível.

Quando a entreguei ao meu editor para que a lesse, ele sacudiu a cabeça e disse: nenhuma companhia teatral que se preze vai aceitar isso. No máximo, poderemos colocá-la num pequeno teatro da corte que nunca teve uma estréia. Casualmente, conheço o diretor de um desses teatros. Se o Senhor quiser, posso entregá-la a ele.”

Por um instante, mergulhei em considerações artísticas. Depois perguntei: “O que isso pode render em termos de lucro?”

Meu editor novamente sacudiu a cabeça.

“O teatro tem duzentos lugares. Pelo menos a metade é reservada para a corte. O que ainda resta é distribuído como cortesia entre a população. Mas se o senhor for até lá em pessoa e se comportar convenientemente, talvez receba uma condecoração.”

Encarei os fatos com serenidade.

“Uma condecoração”, disse eu, “é uma bela e vistosa distinção, e vendo-a de fora, nunca se sabe a que título foi conferida. Vamos tentar, com a ajuda de Deus.”

Foi assim que cheguei ao teatro da corte de Grimmelshausen.

A capital e residência do príncipe com este nome estava devidamente localizada em ambas as margens do rio Grimmel e era tão leal e antiquada quanto esta história e o estilo em que a escrevo. Mas não posso escrever de outra forma, porque assim era.

Minha primeira providência, naturalmente, foi procurar o senhor diretor do teatro da corte, a quem eu levava uma carta de recomendação.

O Senhor von Linsemann, uma figura correta, com ares militares, cabelo ralo e de monóculo, recebeu-me com toda a cortesia e quase benevolente; só quando perguntei timidamente o que tinha achado da minha peça, mostrou uma certa estranheza.

“Vossa Senhoria não deve me perguntar isso”, explicou, sacudindo a cabeça, “de arte, graças a Deus, não entendo nada, sou tenente-coronel. Este assunto é da competência do nosso Secretário do teatro. A única coisa que me interessa de leve são as tendências de sua peça”.

Expliquei-lhe, hesitante, que a idéia central do drama é a de que um rei que é justo também deveria ser visto como um rei justo.

Aí ele se mostrou muito mais cordial.

“Muito louvável”, exclamou, oferecendo-me um cigarro, “isso corresponde inteiramente aos conceitos que também nós, em nosso Estado, adotamos. Sua Alteza certamente ficará satisfeito.”

“Sua Alteza”, continuou, em tom cada vez mais caloroso, “é um grande conhecedor de arte. Quase nunca perde um ensaio de balé. Também em relação a artistas literários”, prosseguiu após uma pausa, “Sua Alteza não demonstra total rejeição.”

Encorajado por essas explicações, aludi cautelosamente às chances da minha condecoração.

“Nada mal! Nada mal!”, respondeu o Senhor Diretor. “A esse respeito, já foi feita uma sondagem, e temos a observar o seguinte: No caso de distinções literárias, em geral, a impressão pessoal é decisiva. Vossa Senhoria terá, portanto, que se esforçar para ter uma conduta humilde. Sua Alteza, de resto, é muito acessível, até afável. Às vezes, Sua Alteza até se digna a fazer piadas. Nesses casos, cumpre rir. Mas nada de retrucar com piadas, por favor. E, acima de tudo, nada de observações de alguma forma desleais. Isso, Sua Alteza absolutamente não suporta. Em tais casos, às vezes chega a tornar-se colérico. O mesmo rigor se aplica à etiqueta. Ademais”, e fitou-me com um olhar indagador, “em que traje o senhor pretende aparecer na estréia?”

“Trouxe meu fraque”, respondi, não sem orgulho.

O semblante do Senhor Diretor anuviou-se novamente.

“Isso é absolutamente impossível”, exclamou franzindo a testa. “Sua Alteza, em pessoa, vai assistir a estréia de fraque, portanto, ninguém mais poderá usar esta peça de vestuário. Vossa Senhoria terá de vestir um *smoking*”.

“Infelizmente, não tenho nenhum comigo”.

O cavalheiro de cabelo ralo ficou concentrado pensando. Depois deixou cair seu monóculo e encolheu os ombros.

“Bem, então não sobra outra alternativa, ou o senhor corta as abas ou as prende com joaninhas debaixo do fraque”.

Um arrepio me percorreu de alto a baixo.

“Mas vai ficar horrível!”, exclamei, apavorado.

O Senhor Diretor voltou a colocar o seu monóculo e bateu-me nos ombros com benevolência.

“Isso não faz mal, meu caro”, disse ele, cordialmente, “estamos acostumados a este tipo de coisas com civis.”

Com isso, a audiência ficou encerrada.

Voltei tristonho para o meu hotel e passei o resto da noite *smokizando* o meu fraque.

Na manhã seguinte, procurei o Senhor Secretário do teatro, que era responsável pelo setor de arte – e como eu não estava conseguindo me orientar nos corredores intrincados do velho teatro, perguntei a um funcionário onde ficava o escritório.

O homem olhou-me admirado e depois disse, pensativo: “Primeiro o senhor dobra à direita, depois à esquerda, depois vira na esquina e segue até chegar a uma porta onde diz ‘Entrada proibida’, lá é o lugar certo.”

Essas palavras me impressionaram profundamente.

“Naturalmente”, disse eu, apertando a mão dele, agradecido. “Onde diz ‘Entrada proibida’ é o lugar certo, e não só no teatro.”

Segui, pois, no zigzague desejado até chegar à referida porta, que era a “certa”, e entrei.

Mas não era o certo. Pelo menos, não naquele momento.

Pois o escritório estava vazio, e da parede pendia uma tabuleta: “Estou no palco para o primeiro ensaio!”

Prossegui, portanto, na direção onde eu presumia estar localizado o palco até chegar a uma porta onde novamente havia um aviso de ‘Entrada Proibida’.

Quando, seguindo o conselho recebido, a abri, um grito ecoou ao meu encontro, e era um grito feminino. Eu havia entrado num camarim onde uma jovem atriz estava trocando de roupa, e era uma jovem atriz linda. Portanto, mais uma vez, era “certo”.

O mais certo, porém, foi quando passei, pouco depois, por uma porta onde dizia: ‘Entrada rigorosamente proibida!’. Quando a abri, o diretor do teatro precipitou-se na minha direção com as mãos erguidas.

“Como é que o Senhor pode entrar aqui sem se fazer anunciar? Aqui são os escritórios particulares de Sua Alteza, e Sua Alteza está na sala ao lado – em pessoa.”

Ouçou uma voz vinda da sala contígua, o diretor do teatro se precipita para dentro, se precipita para fora, me pega pelo braço, me puxa para dentro, e lá estou eu diante do meu Príncipe.”

Nem sei como achar palavras para descrever a impressão que Sua Alteza me causou naquele momento solene.

Tudo era pretensamente fino – elevado e nobre.

Elevada a estatura, e a figura era favorecida pelo despretenso uniforme de marechal de campo de seu primeiro e único Regimento de Guardas.

Alta também era a gola que dava acabamento da parte superior desse uniforme. Mas o mais elevado era a testa, que, a rigor, só terminava na parte posterior da cabeça, orlada por uma distinta faixa estreita de cabelos em semicírculo, lembrando uma coroa de louros.

Tudo o mais era nobre.

Nobres os traços regulares do rosto, nobre a boca absolutamente normal, nobres também os impenetráveis olhos de um azul-água que quase nunca revelavam os pensamentos.

O único detalhe característico nesse semblante era na verdade o monóculo, preso ao olho esquerdo, como que emparedado, o qual ele nunca abandonava por natural lealdade.

Dominado pela impressão, fiz a mais profunda reverência de que era capaz sem perder o equilíbrio, enquanto o diretor do teatro me apresentava.

“Permita-me, humildemente, apresentar-lhe: este é o Senhor Doutor Rideamus, o autor da peça que Vossa Alteza se dignou a aceitar. O Senhor Doutor também escreveu outras peças e tem se dedicado à poesia.”

Sua Alteza escutou atentamente, olhou-me com severo olhar inquiridor e depois de alguns minutos de reflexão concentrada disse:

“Ah... o senhor... é... poeta?”

“Às ordens!”, disse eu, inclinando-me.

“Por quê?”, perguntou Sua Alteza.

“Senti-me impelido a isso!”, retruquei, timidamente.

“Muito interessante”, disse Alteza, “Impulso... impulso... E o senhor seu pai... ah... também era poeta?”

“Não”, disse eu, “meu pai não era poeta!”

“Por que não?”, perguntou Alteza.

“Decerto não se sentia impelido a isso”, respondi.

“Que pena”, explicou Alteza, “gosto quando pai e filho têm a mesma profissão... dá... ah... certa tradição.”

“Mas, em geral, deve ser raro”, observei, muito humildemente.

“Como assim?”, perguntou Alteza encolhendo os ombros. “Meu pai foi príncipe, meu avô foi príncipe – e eu também sou príncipe! – Aliás, qual era ah... a profissão do senhor seu pai?”, acrescentou depois de uma breve pausa.

“Meu pai era comerciante”, respondi.

“E porque o senhor então não foi ser comerciante?”, perguntou Alteza, fitando-me com um olhar penetrante.

“Eu não tinha talento para isso”, observei, embaraçado.

“Não é motivo”, retorquiu Alteza sacudindo a cabeça, “eu também não tinha talento para ser príncipe e não obstante acabei sendo.”

“Isso é assim porque Alteza é um príncipe”, respondi, ruborizando. “É que príncipes podem tudo – também o que não podem.”

Um brilho espalhou-se sobre o semblante de Alteza.

“Também o que não podem”, repetiu ele, “Ah... excelente... anote isso, Linsemann!”

E então ficou muito afável.

Sua Alteza perguntou-me quais eram as minhas impressões e, sobretudo, como eu havia chegado até os seus aposentos particulares, assim sem ser anunciado.

Criei coragem e contei-lhe a história com o funcionário do palco.

A isso, Alteza se dignou a rir.

“Ah, ah... proibido... excelente... onde diz proibido, aí está certo... muito bom... Proibir, aliás, é sempre o certo num Estado onde prevalece a ordem.”

“Como assim?”, perguntei, adotando sem querer o modo de falar de meu ilustre interlocutor.

Sua Alteza olhou-me espantado.

“Então, o Senhor não sabe?”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Mas é tão fácil. O povo... ah... sempre quer receber alguma coisa do Príncipe... mas, como o Príncipe pode dar-lhe isso? Se ele mesmo precisa... Não resta, portanto, outra coisa, senão proibi-lo... Quando o povo... ah... fica impaciente ou até inquieto... a gente volta a permiti-lo – e então as pessoas pensam que receberam alguma coisa.” Inclinei-me em mudo respeito.

“Alteza”, disse eu, “nunca dantes a sabedoria política foi captada numa fórmula tão sumária. Sua Alteza é realmente um soberano nato!”

Sua Alteza então me deu uns tapinhas benevolentes no ombro.

“Excelente, meu jovem – excelente! Linsemann”, disse, tocando levemente na casa do botão da lapela, “coloque o cavaleiro na lista!”

Eu nadava em felicidade, Sua Alteza levantou-se e eu já estava achando que a audiência havia terminado – quando ele recomeçou.

“Ah... ainda queria dizer uma coisa... li a sua peça... trabalho muito louvável... leal... mas diga-me... por que o senhor sempre rimou... nos finais?”

Achei que devia honrar confiança com confiança.

“Alteza, o que acontece com as rimas é parecido com o que acontece com a música. Quando o regente da orquestra ergue a batuta, o público fica levemente obnubilado e perde todo o senso crítico.”

Uma onda de compreensão percorreu a testa altíssima.

“Compreendo, compreendo”, disse ele, “é a mesma coisa como quando eu... ah... pronuncio a fala do trono... uniformes de gala... banda militar... corte... desfile – posso dizer o maior disparate – ainda assim, a multidão grita viva!”

“O poeta tem de andar com o rei”, respondi, lisonjeado.

“Como assim?”, perguntou Alteza.

“Ambos pairam nos píncaros da humanidade”, acrescentei, esclarecendo.

Sua Alteza ficou radiante.

“Píncaros da humanidade... píncaros da humanidade”, repetiu várias vezes, “excelente... é de sua autoria?”

“Não”, disse eu, “é de Schiller – mas a obra dele há muito caiu em domínio público – pode-se usá-la sem problemas.”

“Excelente”, repetiu Sua Alteza. “Anoté isso, Linsemann... vou aplicá-lo na minha próxima fala do trono... isto é... o poeta, o senhor deixa fora.” E, depois de uma pausa mais longa de reflexões, “nem sei o que o poeta... ah... tem a ver com o rei, acho isso um pouco ousado.”

E foi aí que me aconteceu – o incompreensível, o imperdoável.

“Queira perdoar”, disse eu, sem atentar para os olhares admoestadores do Senhor Diretor. “Sua Alteza não deve subestimar o poder do poeta. Ele é – em sentido figurado – ilimitado. Posso, por exemplo, investir um rei e destituí-lo novamente, sem ao menos consultar o parlamento – naturalmente só no palco”, acrescentei, receoso, ao perceber que a testa de Alteza estava se anuviando.

Mas já era tarde demais.

O cenho de Alteza fechou-se, o rosto ficou vermelho como um camarão, e ele exclamou com uma voz quase grasnando: “Que insolência!... mando prendê-lo... o Senhor e o seu Schiller também... Linsemann, o cavalheiro deve ser riscado da lista dos candidatos à condecoração!”

Com isso, se levantou e me virou as costas.

Eu nem havia atinado o que estava acontecendo comigo quando o diretor me pegou pelo braço e empurrou porta afora mais ligeiro do que há pouco me havia puxado para dentro.

“Infeliz!”, disse ele. “Ontem o adverti expressamente de usar expressões desleais.”

“Mas era apenas uma metáfora”, balbuciei.

“As metáforas são proibidas na presença de Sua Alteza”, trovejou ele, “agora estragou tudo, agora o Senhor só tem uma possibilidade, se o Senhor conquistar os atores. A Senhorita Torsini, a jovem amante, exerce alguma influência sobre Sua Alteza. Faça o possível para criar o papel dela bem de acordo com os seus desejos. Está justamente havendo o primeiro ensaio no palco. Venha!”

Com isso, me arrastou pela escada e corredores, através de uma parte da platéia escura, passando pelos camarotes até uma porta fracamente iluminada. Depois me deixou sozinho. Quando olhei para a porta, outra vez dizia: “Entrada proibida!”

Quando cheguei tropeçando no palco, depois de alguns desagradáveis encontros em praticáveis, reinava ali uma tremenda confusão. Todos os atores haviam recusado os seus papéis porque os achavam pequenos demais, e somente depois que o diretor ameaçou chamar “suplentes” para assumir os papéis, houve um pouco de calma.

Com a minha entrada, ele respirou aliviado.

“Aqui está o autor”, exclamou, dirigindo-se aos atores, “ele vai satisfazer a todos os seus desejos”.

Depois refugiou-se na última fileira da platéia.

E com isso começou o meu calvário.

Quem menos trabalho me deu foi a Senhorita Torsini, a “influente”, uma loira de formas avantajadas, que, na minha peça, tinha de interpretar o papel da resignada namoradina do príncipe.

“Mestre”, disse-me ela – as atrizes sempre dizem “mestre” quando querem alguma coisa do autor – “Mestre, o Senhor terá de fazer uma pequena alteração para mim... renúncia não faz o meu gênero”, continuou ela, o que, ao contemplar sua excitante exuberância, também me pareceu perfeitamente óbvio – “além do que, me colocaria na corte numa posição equivocada... eu preciso conquistar o príncipe!”

“Sim, mas...”

“É bem fácil. Tenho uma idéia genial. No final, simplesmente chega um mensageiro a cavalo e fica evidente que eu sou a filha desaparecida do príncipe vizinho. E então tudo fica numa boa.”

Fiquei pensando por um momento.

Na verdade, isso fazia uma reviravolta em todo o sentido da minha peça. Mas, refletindo melhor, com imparcialidade, tive de reconhecer que isso só poderia ser vantajoso para a minha peça. Portanto, concordei com o pedido dela mediante a sua promessa de intervir a meu favor junto ao príncipe. Já mais trabalho me deu o intérprete do próprio príncipe, o tenor dramático Ganglhuber.

Isso mesmo – tenor dramático!

O pequeno palco, preparado principalmente para música, não podia se dar ao luxo de ter um elenco completo de atores – as poucas peças teatrais apresentadas tinham o elenco completado com integrantes da ópera.

“Veja bem”, disse o grandão loiro, originário da Áustria, “o papel é bonzinho, mas que monólogo desengonçado, empolado vosmecê me escreveu no primeiro ato. Isso eu não consigo dar conta.”

“A gente pode encurtá-lo”, disse eu, acostumado a passar trabalho, “ou, na pior das hipóteses, eliminá-lo.”

“Já sei”, respondeu ele, batendo no meu ombro, “seria uma pena um monologozinho tão bacana... sabe de uma coisa... este eu hei de cantar! É uma ária nata... O Senhor Maestro já fez o arranjo para mim – pela ‘stretta’”.

“Senhor Ganglhuber!”, exclamei horrorizado.

Isso o deixou aborrecido.

“Tá bem – se vosmecê acha. Não me meto no que o autor faz... Mas o que o público vai dizer se eu não cantar nada – e Sua Alteza então... que há muito já vem esperando ansiosamente pelo meu dó agudo.”

Com isso, me dei por vencido.

Cedi. Que ele cantasse... Mas ele ainda não estava satisfeito...

“Vosmecê ainda precisa fazer uma pequena alteração”, achava ele. “Nas vogais... Vosmecê me enfiou ali algumas vogais estúpidas – tudo cheio de ‘is’ e ‘us’ e ‘es’ e ‘us’, e o dó agudo justamente cai em ‘sorriu’ – tenha dó, como é que eu vou conseguir um dó agudo em ‘sorriu’?”

“Sim, mas quais são as vogais que o Senhor sabe cantar, afinal?”, perguntei amargurado.

“Só ‘a’, faiz favor, só ‘a’ longo.”

Fui aos bastidores, lamentando-me, e transcrevi o monólogo para “lá maior” com o suor a escorrer. Depois entreguei. O trecho principal ficou assim:

Anoitecia e a todos bem claro estava

Quando dava para ver que a gente se aproximava

Da pátria, da terra, que o perigo lá aguardava

Da pátria, da terra que outrora minha eu chamava!

Ele deu uma lida e sorriu. De repente, soltou um grito. “Mas o senhor colocou um ‘ia’, até dois ‘ias’! – Bem, não faz mal”, prosseguiu mais apaziguado, “ali eu simplesmente vou cantar ‘la la’. E ao ver minha cara apavorada: “Dá tudo na mesma. Quando eu canto, ninguém entende o texto mesmo.”

Depois dessa afirmação consoladora, deixou-me, e eu também me virei para ir embora, na esperança de que o pior já tivesse sido superado. Mas o pior ainda estava por vir.

Quando me dirigia para a saída, um bando de mocinhas veio ao meu encontro, tendo a sua frente um cavalheiro baixo e ágil, que mais tarde se revelou como Monsieur Pigrel, o diretor de balé francês.

“Monsieur l’auteur”, dirigiu-se a mim, já de longe, “o senhor não quer assistir sua balé?”

“Na minha peça, não consta nenhum balé”, revidei, mal-humorado.

“*Mais oui*”, retrucou ele, vivamente, “na página 68!”

Fui consultar o meu manuscrito. Na página 68, começava meu segundo monólogo, todo o meu orgulho, em que o príncipe, em termos psicologicamente muito refinados, travava uma luta íntima entre a sensualidade e o cumprimento do dever.

Quando comuniquei isso ao Sr. Pigrel, ele anuiu com a cabeça.

“*Parfaitement!* Isso nós transformamos numa balé! Uma balé *symbolique*. Vai ser muito mais compreensível para a *publique* do que a sua monólogo. O Senhor vai ver!”

E vi...

Isto é, primeiro, não vi nada, porque escureceu.

Mas depois a luz voltou.

E então vi o príncipe – ou melhor, o seu ‘*double*’ – deitado sobre uma rocha muito desconfortável. De ambos os lados, porém, esvoaçava em sua direção um bando de mocinhas trajando túnicas vaporosas.

“São fadas dos sonhos”, sussurrou Monsieur Pigrel, que havia me arrastado para junto dele na primeira fileira da platéia, “elas estão dormecendo ele”.

Elas eram vinte e quatro, e estavam se esforçando muito. Mas levaram muito tempo para consegui-lo. Atribuí isso, por um lado, à posição desconfortável do príncipe, e por outro, às poses tentadoras das jovens. Eu, no lugar dele, também não teria “dormecido”.

Finalmente pareceu que haviam conseguido.

Pois as vinte e quatro desapareceram com um grande esvoaçar final, e em seu lugar apareceram duas damas de mais idade, mas ainda robustas, em saíotes de bailarina e com pernas muito musculosas, a quem eu dava respectivamente uns 56 e 57 anos.

“São nossas duas primeiras bailarinas”, explicou Monsieur Pigrel com voz abafada, “elas representam o princípio do bem e do mal, e lutam pelo alma dele.”

“Minha alma!”, exclamei, apavorado.

“Não, alma dele”, corrigiu-me o coreógrafo. E, de fato, a mais jovem, “o princípio do mal” logo tentou envolver o príncipe, com uma dança nas pontas dos pés corretamente executada, seguida de uma pirueta impecável no fim.

O príncipe reagiu imediatamente a essa sedução com uma dança de cossaco executada com os joelhos flexionados, percorrendo todo o palco. No fim, pegou – ainda acorocado – seu pé esquerdo com a mão direita,

girando nessa posição incômoda em torno de si mesmo umas vinte vezes, rápido como um raio. Nessa altura, interferiu o “princípio do bem”, procurando reconduzir o príncipe à senda da virtude com uma valsa vienense estilizada – e realmente: o príncipe ficou na dúvida. Após um longo *pas de trois*, ficou indeciso entre a de 57 e a de 56 – também a mim a escolha teria sido penosa – depois inclinou-se visivelmente ao pecado, encetando uma dança cracoviana, batendo os calcanhares no ar, um contra o outro, em sinal de sua depravação.

Mas então a “virtude” lançou mão do extremo! Fazendo *spagat*, um verdadeiro *split*. É verdade que ela só desceu ao chão com dificuldade e centímetro por centímetro. Mas veio... e, com isso, a vitória da causa do bem.

Primeiro, numa desenfreada dança de apache, o príncipe agarrou o “pecado” pelo pulso, repeliu-o, puxou-o para junto de si, enrolou-o, desenrolou-o e finalmente arremessou-o ao chão, onde ficou estirado, nocauteado.

Depois enlaçou graciosamente a “virtude” pela cintura, levantou-a no ar e carregou-a triunfante, deitada horizontalmente sobre a sua mão estendida, levando-a embora do palco.

Depois de ter presenciado a vitória da “virtude”, abandonei o campo de batalha, horrorizado e profundamente abalado.

O que posso relatar a respeito da minha estréia?

Foi um sucesso.

Pelo menos, um sucesso social.

“O Diário da Corte de Grimmelshausen” informou o seguinte sobre o assunto:

O nosso palco principesco viveu ontem uma grande noite. Fora anunciado *théâtre pare*. A entrada e a escadaria estavam transformadas num bosque de flores. O camarote da realeza e os camarotes vizinhos eram enfeitados de espirradeiras e crisântemos, vindos da floricultura do conhecido jardineiro-chefe da corte, Zwiebelknopf.

Igualmente festivos eram os adornos ostentados pelos eminentes ocupantes desses camarotes.

No camarote real, ao lado de Sua Alteza, tomara assento sua ilustre irmã, a princesa Adelgunde Wolfraute, cujo artístico penteado, criado pelo cabeleireiro da corte, Senhor Klobenblichler, era coroado por um diadema de pérolas, enquanto o profundo decote principesco era embelezado por um cordão de brilhantes.

No camarote lateral direito, observamos a mestre-de-cerimônias, a Condessa de Pleuelburg-Scheuelburg-Klix num traje de cetim verde-mar, que realçava as formas ainda clássicas da grande dama, e a seu lado, sua encantadora filhinha, a Condessa Pleuelburg-Scheuelburg-Klix, conversando animadamente com o garboso segundo tenente dos hussares Barão Bodo Udo von Schnobeltitz, o filho do principesco Monteiro-Mor Udo von Schnobeltitz. Nos círculos da corte, comentava-se que em breve laços mais estreitos uniriam os dois. Mas não queremos ser indiscretos.

Nos camarotes laterais esquerdos, a baixa aristocracia e os dignatários da corte estavam sentados com as suas damas. Lamê prateado e seda pintada dominavam.

Muito notados foram também o grande chapéu de plumas da elegante Senhora von Schmirski e um pequeno incidente que ocorreu quando a bela senhora, pouco antes de iniciar o espetáculo, foi chamada ao camarote da corte para ser apresentada e o leque lhe caiu no chão. Sua Alteza em pessoa abaixou-se imediatamente, e apanhou-o para ela.

Foi uma cena sublime.

Sobre a minha peça, nem uma palavra.

Foi a melhor crítica que ela jamais recebeu. Mas quero contar pela ordem. Para mim, tudo começou tão engraçado.

Ao entrar no palco, antes do espetáculo, todos os atores cuspiram em mim. Achei que, na verdade, isso só aconteceria depois da apresentação, mas eles disseram que já deveria acontecer antes. Assim, a peça haveria de ter sucesso. Que se tratava de uma superstição.

Depois que limpei cuidadosamente a superstição, levaram-me ao bombeiro corcunda e disseram-me que eu deveria passar a mão sobre as costas dele. Que isso também favorecia o sucesso literário da peça.

O bombeiro tolerou sem reclamar. Mas embolsou três marcos. Disse que era sua taxa.

Então, para nada dar errado – fica-se tão supersticioso nos meios teatrais – eu quis repetir a mesma manobra com uma pequena corista postada ao meu lado, mas ela cochichou, enrubescendo: “Só depois do espetáculo”.

“Depois do espetáculo, não me adianta mais nada”, disse eu, aborrecido, e entrei no camarim da protagonista, porque me havia ocorrido uma idéia muito boa para sua cena. Mas esta, juntamente com a sua camareira, estava naquele momento ocupada com o aprofundamento do seu decote e achou que esta idéia faria melhor efeito que a minha.

E assim, fiquei errando, agitado, pelo palco, deixando todos os atores nervosos. Até o tenor Ganglhuber, que era um homem bonachão, me deu um tapinha no ombro e disse: “Deixe pra lá, não fique tão agitado por causa das duas horas e meia de vergonha – amanhã, vosmecê volta a ser um homem direito!”

Isto me deu tanta força que me arrastei até o camarote do palco e me escondi atrás das costas do diretor do teatro, na alucinação exageradamente otimista de que todos os olhares estariam dirigidos para mim.

E agora vou tentar descrever objetivamente o decurso da apresentação.

Houve seis aplausos no decorrer da noite – contei-os exatamente.

A primeira vez logo depois do início, quando Sua Alteza entrou em seu camarote.

A segunda, por ocasião do incidente com o leque da bela Senhora von Schmirski.

A terceira, quando a luz elétrica voltou, depois de haver faltado durante largo espaço de tempo.

De resto, porém, o primeiro ato decorreu muito silencioso e de repente fiz uma descoberta atroz. “Mas o público está tossindo”, disse eu, apavorado, ao diretor do teatro.

“Não faz mal”, respondeu este, tranquilizador, “há um pouco de corrente de ar na platéia!”

Imediatamente escapuli do camarote e fechei uma porta que dava para a platéia e realmente estava um pouco aberta.

Mas a corrente de ar foi aumentando, e no segundo ato parecia ter irrompido uma verdadeira epidemia de gripe.

Finalmente, na segunda metade, veio o quarto aplauso, quando o tenor Ganglhuber soltou seu dó agudo para o público.

“Isso é de minha autoria”, disse eu, orgulhoso, ao diretor do teatro, sentando-me ao lado dele na primeira fileira.

“Ele só cantou ‘la la’” retrucou o diretor do teatro, sacudindo os ombros.

O quinto aplauso foi para o balé. A cena em que o ‘princípio do bem’ é carregado para fora até teve de ser repetida.

Porém, o aplauso que salvou a noite veio imediatamente depois, quando o tenor, encerrando o ato, chegou até a rampa e lançou com voz retumbante os dois versos seguintes ao público:

“Que siga o Rei, o Príncipe Herdeiro,

Ambos da humanidade são como o pinçado altaneiro!”

“Isto é de minha autoria!”, disse o diretor do teatro, orgulhoso, e depois me puxou para cima do palco.

“Ao inclinar-se, o senhor deverá beijar a mão da protagonista”, sussurrou-me quando subimos ao palco. “Isso pega bem e faz o senhor parecer modesto.”

Eu ainda teria feito coisa bem diferente na minha grande alegria. Infelizmente, no meu alvoroço, não percebi que o tenor havia se metido entre mim e a protagonista e, assim, beije a mão deste.

Foi o meu único sucesso autêntico naquela noite – um sucesso incontestável de hilaridade. E depois veio o maior momento da minha vida.

Fui chamado ao camarote da corte.

O Senhor Diretor do teatro conduziu-me pessoalmente pela escada ornamentada com flores, através da ante-sala onde se encontrava um criado trajando libré e trazendo na mão uma almofada de veludo sobre a qual havia uma condecoração – fiquei bem tonto, a vontade que me deu foi de agarrá-la e colocá-la em mim. Mas o diretor do teatro deu-me um beliscão no braço e um empurrãozinho, e assim encontrei-me pela segunda vez perante o meu príncipe.

Sua Alteza mostrou-se benevolente ao avistar-me.

“Muito bom”, disse ele depois de refletir durante algum tempo, “particularmente aquilo com o rei – ah – um verso muito digno de condecoração!”

Eu não conseguia enxergar mais nada!

Eu nadava num mar de felicidade. Curvei-me profundamente até o chão – e deve ter sido neste momento que aconteceu.

Eu havia dobrado as abas da minha casaca bem para dentro e até alinhavado suas pontas, mas a linha deve ter rompido quando fiz a reverência. Pois ao erguer-me ambas as abas escorregaram para fora.

Primeiro Sua Alteza não percebeu. Mas quando fui apresentado à princesa Adelgunde, o fato veio à luz.

O efeito foi terrível.

Sua Alteza ficou com o olhar fixo, o monóculo caiu-lhe do olho, a primeira e única vez em todo o seu reinado.

Então se pôs a grasnar: “Inacreditável! Ah! Usa abas! Que atrevimento! Sempre essa mania de igualdade!”

Foi assim que, pela segunda vez, deixei de receber minha condecoração.

E só na manhã seguinte, pouco antes da minha partida, quando por acaso consegui pegar o cãozinho de estimação de Sua Alteza, que havia fugido, recebi a condecoração especialmente criada para mim, a medalha do Cão Fuijão – a ser usada na lapela do lado esquerdo da casaca.

De como quase entrei no ramo bancário

Não estou contando esta história por ser melhor ou mais verdadeira que as outras, mas por ser moralista. Isso lhe confere um certo valor ético e, por outro lado, também exige o autor da obrigação de ser particularmente divertido ou espirituoso, porque, em geral, não se espera isso de uma história moralista.

E só esse fato já me dá coragem para expô-la ao leitor.

O herói desta narrativa é um banqueiro muito conhecido, a quem meu tio, em outros tempos me apresentou em Marienbad, junto ao *Kreuzbrunnen* (fonte da Cruz), movido pelo desejo amplamente difundido em nossa família de ver-me, finalmente, tomando um rumo na vida e não sem antes insinuar que eu talvez pudesse conseguir com ele o cargo de procurador se levasse a coisa com jeito.

Quanto à identificação do cavalheiro em questão, gostaria de mantê-la em sigilo, pois as lembranças que se prendem ao nosso encontro não são agradáveis para ambas as partes, e não é do meu feitio expor publicamente as pessoas, mesmo aquelas que me sejam antipáticas. Por isso, seu nome não será aqui mencionado.

Vamos chamá-lo de Kaltenbach, pois era isso que ele aparentava ser.

Ele não irradiava calor humano. De baixa estatura, com uma cara provinciana e dotado de uma barba rala, era no entanto muito elegante no trajar e procurava, por tudo, despertar a impressão de ser um diplomata, também em sua maneira de falar.

Palava muito devagar, muito pouco e era ambíguo como o oráculo de Delfos – com a única diferença de que, no caso dele, o vapor do incenso não brotava de baixo do seu assento, como no verdadeiro oráculo de Delfos, e sim da água termal escaldante que havia no caneco que segurava diante da boca.

“Quanto mais devagar e menos se falar”, explicou-me certa vez num

momento de intimidade, “tanto mais ligeiro e tanto mais falará o outro. E quanto menos claramente a gente se expressar, tanto mais claramente o outro revelará suas intenções.”

“Sim, Sr. Kaltenbach, mas”, ousei retorquir timidamente, “isso pode facilmente levar a mal-entendidos.”

“Mal-entendidos”, revidou ele soltando uma nuvem de incenso, “não são nada maus. No momento oportuno sempre se pode dar-lhes a interpretação que se deseja”.

Foi assim que passei com ele algumas horas matutinas solenes e instrutivas.

Só nas questões de meu próprio interesse eu não avançava, mesmo com cautelosas e repetidas insinuações.

Então, certo dia, me armei de coragem. Conte-lhe que sempre me interessara muito por Direito Comercial e que eu pretendia, algum dia, aceitar um cargo de procurador numa grande empresa, e ao mesmo tempo passei-lhe, da maneira mais displicente possível, a minha tese de doutorado “Sobre o lucro ilegal no antigo direito romano”, na esperança de que, dados os numerosos termos em latim, ele não a entendesse, mas por outro lado, na suposição de que o título haveria de suscitar o seu interesse.

Primeiro tomou todo o conteúdo do seu caneco, depois respondeu que os caminhos do destino muitas vezes são estranhos; depois do segundo caneco, elogiou o corte do meu terno e depois do terceiro, retrucou que este ano provavelmente a safra de vinho seria excelente.

Depois dessa elucidativa explicação, a minha paciência esgotou e decidi partir.

Então, quando eu já havia arrumado a metade das minhas malas, recebi um convite do Sr. Kaltenbach para jantar em sua mansão alugada. É claro que isso mudava radicalmente a situação.

Naquele momento, eu estava firmemente convencido de que meus modos distintos e reservados e os profundos conhecimentos jurídicos que eu fingira possuir não haviam deixado de produzir seus efeitos e que as minhas chances eram boas. Ao mesmo tempo, porém, decidi que dessa vez não me deixaria enrolar por mais tempo, e sim colocaria um ponto final na história, de uma maneira ou de outra. E, decidido, me dirigi, no horário marcado, à mansão Anna.

Na verdade, foi muito agradável na casa da família Kaltenbach. Havia sido convidados apenas poucos parente, que, no verão, sempre o acompanhavam a Marienbad, a comida estava excelente, e me servi

fartamente, para levar pelo menos algo positivo para casa. A única coisa que não me agradou muito foi o fato de que ele me fez sentar à mesa ao lado de sua filha, muito feia. Mas eu decidi encarar esse canhão para não aborrecer o seu pai, e por isso comecei a conversar com ela com todo o charme que me é próprio, em situações de emergência como essa. O canhão também pareceu escutar as minhas palavras com muito interesse, pelo menos o seu lado esquerdo, que estava voltado para mim.

Falei-lhe, portanto, da minha última viagem à Itália, visitando Florença, Lucca e Pisa – por sorte engoli ainda a tempo a ‘torre inclinada’ –, e de vez em quando, ela também me respondia, embora reticente – pois tinha um pequeno defeito na língua.

O que eu disse deve ter sido muito interessante e espirituoso, porque de repente notei que as demais conversas haviam parado e que éramos o alvo dos olhares benevolentes e interessados de todos.

Isso me deu coragem para partir direto ao meu objetivo.

Levei a conversa para assuntos relacionados com a área comercial, e a jovem ao meu lado olhou abertamente para o rosto daquele que estava sentado na minha diagonal – porque ela era um pouco vesga – e me confessou que se interessava pelo ramo bancário.

“Cara Senhorita”, exclamei, fazendo-me de muito contente e falando propositalmente um pouco alto, “então temos as mesmas inclinações!”

Isso pareceu ser uma jogada muito hábil, pois todos os presentes sorriram, e o velho Kaltenbach ergueu seu copo em minha direção e disse com um sorriso que, sendo dele, era muito amável.

“À concretização de seus desejos secretos!”

Agora a batalha, para mim, estava praticamente ganha, e me propus a dar a entender ao meu futuro chefe, o mais rápido possível, que um cargo como consultor jurídico não mais me servia, que eu queria me tornar no mínimo procurador ou diretor de banco.

Finalmente, depois do jantar, deu-se a oportunidade. O Sr. Kaltenbach puxou-me para o lado, ofereceu-me um grosso charuto e começou então com seu jeito cauteloso e diplomático: “Tenho a impressão, caro Senhor Doutor, que seria de seu desejo estabelecer uma relação mais estreita com a minha casa.”

“De todo o coração”, respondi, radiante. Mas logo me ocorreu que não seria muito inteligente demonstrar minha alegria muito abertamente, e assim continuei, tornando-me mais objetivo: “Naturalmente, eu gostaria de fazer algumas perguntas preliminares. Em primeiro lugar, portanto – o

senhor vai desculpar se eu começar pelo mais importante –, como o senhor imagina o aspecto pecuniário dessa questão? Quero dizer, em que posição financeira o senhor pretende me colocar?”

Uma leve sombra de contrariedade percorreu o semblante do Sr. Kaltenbach. Murmurou algo como “não exatamente muito delicado”, mas logo se recompôs e respondeu num tom de suave benevolência: “Sobre esta questão, o Senhor não precisa se preocupar nem um pouco. Todos os seus desejos serão atendidos e creio poder assegurar-lhe que o senhor disporá de um excelente rendimento.”

“Em segundo lugar”, prossegui, encorajado por essa promessa, “eu gostaria de enfatizar que dou muito valor a uma certa autonomia. Na minha nova posição, gostaria muito de ocupar um cargo tão autônomo quanto possível.”

“Isso está inteiramente ao seu alcance”, concordou o Sr. Kaltenbach, assentindo com a cabeça. “Cada um cria para si a posição que lhe cabe. E se o Senhor possuir a habilidade e a energia necessárias, coisa de que eu não duvido, logo assumirá o comando em sua própria casa.”

“O comando na própria casa!” Isso só podia significar que ele estava disposto a abrir uma filial só para mim! O que superava as minhas mais ousadas expectativas.

“Sr. Kaltenbach”, exclamei, apertando-lhe a mão, “creio que nós dois nos entendemos maravilhosamente! Com certeza, não vou frustrar as suas expectativas e vou por mãos à obra com vontade e dedicação. Naturalmente”, acrescentei, abrandando, “também não quero me extenuar. Mais do que três a quatro horas por dia não pretendo dedicar às minhas novas incumbências.”

“Também nesse aspecto não quero me intrometer”, retrucou o meu interlocutor com indulgência paternal. “Isso fica inteiramente a seu critério. No mais”, acrescentou com um fino sorriso, “creio que este tempo bastará, segundo se pode avaliar.”

“Portanto, estamos de acordo quanto aos pontos principais.”

“Um momento”, interrompeu-me o Sr. Kaltenbach, “permita-me também uma pergunta. O senhor tem algum outro compromisso ou obrigação?”

“De forma alguma”, retruquei, falando a verdade. “Até agora, tenho recusado as melhores ofertas. E se o meu escritório de advocacia o incomoda...”

“Não é a isso que estou me referindo”, interrompeu-me o meu

interlocutor.

“O que eu quis dizer: o senhor tem algum compromisso de natureza amorosa?”

“Sem problemas”, respondi ingenuamente. “Minha vida amorosa não vai além dos limites usuais em nossos círculos. Naturalmente, tenho uma namoradinha, da qual também não pretendo me separar. Mas isto, afinal, é assunto particular meu. Ela é uma pessoa tranqüila, de bom senso, e jamais deixarei chegar a um escândalo.”

Depois dessas palavras francas, honestas, aconteceu algo inesperado. De repente, o Sr. Kaltenbach mostrou-se extremamente frio e disse ao levantar-se: “Acho que o senhor afinal não é o homem a quem procuro, Senhor Doutor!”

“Mas Sr. Kaltenbach”, exclamei apavorado, “o senhor não vai deixar o nosso compromisso se romper por detalhes como esse! Essas inocentes escapadelas naturalmente não afetam de forma alguma a minha eficiência. E se o Senhor realmente acha que eu não esteja plenamente à altura da pesada tarefa que me propôs – também posso convidar um sócio – pelo menos no começo!” Aí o caldo entornou de vez.

O Sr. Kaltenbach explicou-me, com uma clareza que não lhe era habitual, que o melhor seria cortarmos as nossas relações – e já!

Sacudindo a cabeça, acatei seu gentil convite; sacudindo a cabeça peguei a bengala e o chapéu; sacudindo a cabeça, desci a escada e somente no último degrau ocorreu-me, fulminante como um raio, a idéia de que ele havia planejado me casar com a sua filha.

Cromossomos

Desanimado pelos meus insucessos na Literatura e na carreira bancária, eu me voltara para a Biologia.

Escolhera esse curso porque há muito tempo me interessava pela história do desenvolvimento humano. Além disso, eu ficara sabendo que Lucie Engelhardt, uma jovem que me agradava muito, freqüentaria o mesmo curso.

Não me arrependi. Foi muito interessante, e ainda hoje estão na minha memória as frases com as quais o Professor Steinwasser, o famoso biólogo, terminava a sua aula.

“Bem, Senhoras e Senhores”, disse ele, resumindo: “O homem não morre. Pelo menos, não completamente. Uma pequena, minúscula parte dele permanece viva!”

As células germinativas masculinas e femininas, os ‘cromossomos’ ou ‘genes’, que formam o novo ser, a criança, apesar de minúsculas, contêm todas as propriedades físicas e intelectuais dos pais, continuam a existir nessa criança. Então, mais tarde, essa criança as transmite, por sua vez, aos seus descendentes.

Pode-se dizer, portanto, com toda a certeza: em cada ser, continua viva toda a fileira dos seus antepassados.”

Essas conclusões fantásticas me impressionaram enormemente.

Pensei a manhã inteira a respeito e, ao encontrar Lucie Engelhardt à tarde, na piscina, ainda estava com elas na cabeça.

“Não posso nem imaginar”, disse, “como todos os meus antepassados possam ter o seu lugar dentro de mim. Não faço a menor idéia de onde eles estejam.”

“Na omoplata esquerda”, respondeu Lucie, sem pestanejar.

“Também já pensei nisso”, respondi, “às vezes sinto lá uma certa cocceira atávica.”

Ela vestiu a saída de banho amarelo-ouro sobre o seu maiô de seda azul claro, que naquela época deve ter parecido muito extravagante, porque ela estava sem meias, e disse, quase impaciente: “Trate de se livrar de uma vez dessas idéias leigas. Os seus cromossomos tornaram-se parte de você e estão no seu sangue. Como já ouvimos falar várias vezes na faculdade, eles são a soma das experiências e da sabedoria que foram coletadas pelos nossos antepassados. Mas de que lhe adianta toda a inteligência dos seus antepassados?”, acrescentou ela com um sorriso simpático e irônico. “O decisivo no homem ainda é, afinal, o bom, velho e honesto instinto animal.”

Naquela noite, não consegui dormir.

Não parava de pensar. Talvez nem quisesse dormir.

Pois os pensamentos eram simpáticos e interessantes. E, assim, eu os seguia com grande prazer.

Repentinamente, notei que ocorria uma modificação à minha volta.

As paredes do meu quarto recuavam.

O quarto se ampliava. Eu estava de pé em um enorme salão, cujos limites se perdiam na penumbra. Nesse salão, havia uma mesa sem fim, que depois de algum tempo começou a se bifurcar, e assim, repetidamente... e

em todos os lugares dessa mesa estavam sentadas pessoas cujos rostos eu não reconheci, inicialmente, na penumbra.

Sobre minha cabeça, porém, crescia uma enorme árvore, cujos galhos inferiores eram curtos e finos. Para cima, tornava-se mais densa, numa confusão de galhos gigantesco.

Como esses fatos me pareciam extraordinariamente estranhos, dirigi-me a uma senhora mais velha, sentada perto de mim, de aspecto inteligente e que despertava confiança.

“Digníssima Senhora”, disse, inclinando-me com cortesia, “poderia me explicar onde me encontro?”

A senhora fez um gesto amável e encorajador com a cabeça.

“Não precisa me tratar por “digníssima senhora”, afinal somos parentes. Sou a sua antepassada Eusebia. Na realidade”, acrescentou, a guisa de desculpa, “você não poderia sabê-lo. Pois, justamente hoje, estou fazendo 189 anos.”

“Muitas felicidades”, murmurei, respeitosamente, “você está muito bem conservada... Mas não poderia dizer-me o que significa tudo isto?”

A aniversariante olhou-me, surpresa.

“Pobre menino”, disse ela, penalizada, “você parece não notar que está sonhando.”

“Impossível”, respondi, “afinal, nem sequer adormeci, até agora”.

Ela sacudiu a cabeça, indulgente.

“Apenas pessoas muito inteligentes dão-se conta da sua situação em sonho. Mas pode acreditar em mim. Você, como todas as pessoas sem imaginação, continua sonhando exatamente com aquilo que vivenciou ontem... Aquela árvore é, naturalmente, a sua árvore genealógica, e os homens e mulheres à mesa são os seus antepassados, desde o passado mais recente até as gerações mais antigas.”

Dirigi os meus olhos, surpreso, aos senhores sentados diante de mim.

Sim, eram eles, de fato, eram eles – os meus ilustres antepassados.

Bem à frente, os dois casais de avós, em casaco e trajes sob medida, colados ao corpo. Depois os oito bisavós em calças de nanquim e anquinhos. E depois se tornavam cada vez mais numerosos, e as vestimentas cada vez mais coloridas... Biedermeier, Império e Rococó... crinolinas, jabôs e calças até os joelhos. E o grupo se tornava cada vez mais heterogêneo. Apareciam comerciantes, saltimbancos e artesãos, viu-se um marinheiro português e um cambista armênio; no meio, alguém vestia um blusão de cossaco, e mais

para o fundo brilhava o albornoz branco de um beduíno... Sim, bem lá atrás apareciam até partes de corpos nus e peles de animais. Mas tudo isso já se desfazia numa penumbra benevolente.

Uma família de raça pura!

Estava justamente pensando sobre a melhor maneira de saudar, apropriada e cordialmente, os meus caros ancestrais, quando se ergueu na segunda fileira o meu avô paterno, tocou um sininho que estava à sua frente, e disse: “Minhas Senhoras e meus Senhores! Declaro aberta a 132 milésima assembléia do conselho da família Rideamus.”

“Meu avô!”, gritei, assustado.

Mas ele não respondeu.

Em lugar dele, o meu avô materno tomou a palavra.

“Sobre a ordem do dia!”, exclamou. “Acabo de notar que o mais jovem membro da nossa família está participando da nossa assembléia, e isso não na sua forma habitual, como nossa morada, e sim, de certo modo como um cromossomo adulto e com direitos iguais. Peço explicações.”

“Era justamente o que eu iria fazer”, acalmou-os o presidente. “Aqui ocorreu o caso singular de que um membro da família, ainda na sua primeira vida, soube da nossa segunda existência, e ocupou-se disso de modo detalhado e carinhoso. Sugiro que, como recompensa, seja permitida a sua presença”.

Inquietação e zunzum na assembléia.

“Como não há opinião contrária”, disse rapidamente o meu avô, “o pedido está aprovado. Mas, meu neto, você deve se comprometer a não revelar nada daquilo que ocorrer aqui.”

Eu estava confuso por tudo que vira e ouvira, me sentia emocionado. Mas também estava muito interessado sob o ponto de vista técnico, e não queria que me tirassem qualquer possibilidade de publicação.

Por isso, disse diplomaticamente:

“Primeiro, quero aconselhar-me a respeito com o meu bisavô Sebaldis – é a ele que me sinto mais estreitamente ligado, sob o ponto de vista espiritual.”

Na nossa família, temos um único homem importante, o meu bisavô Sebaldis, que acabo de mencionar.

Ele chegou a se tornar famoso como erudito e escritor. Existem quadros dele, e disseram-me que sou parecido com ele, e que também herdei certos traços de seu caráter.

Procurei com os olhos. Deveria estar sentado na terceira fileira, mais para a esquerda. Pois ele era meu parente do lado materno, por meio da avó materna. Mas não o encontrei. Vi a bisavó, sua esposa, da qual também temos um quadro – uma mulher tranqüila e séria – mas ao lado dela vi outro parente.

“Bisa Kathinka”, exclamei, “onde está o seu marido Sebaldu?”

Nenhuma resposta.

“Ele saiu? Está doente?”

Todos riram.

“Como ele pode estar doente, se você está com boa saúde? Afinal, ele vive em você. O seu bem estar é o bem estar dele.”

“Mas onde está ele, então?”

Silêncio constrangedor. Então levantou-se outro dos meus oito bisavôs e falou em tom sombrio: “Não procure saber, descendente! A Kathinka trouxe vergonha à nossa casa. O famoso Sebaldu não é o seu bisavô.”

“Kathinka!”, exclamei horrorizado.

Ela baixou os olhos.

“Era uma suave e agradável noite de verão”, disse ela com voz sonhadora..., depois desatou a chorar.

“Bem, e de quem, então, herdei as minhas qualidades intelectuais?”, gaguejei, atônito.

“De mim”, pigarreou o senhor sardento ao lado dela, “eu era um amolador de facas que viajava pela Turíngia, e aí aconteceu.”

O meu mundo caiu. E eu que pensava ter um antepassado ilustre na família!

Nesse momento, eu quis banir da família o libertino, mas o presidente tirou-me a palavra.

“Assim, não vamos a lugar nenhum”, disse ele, irritado, “você ficará sabendo tudo o que precisa, no decorrer da discussão, que afinal” – aqui ele sorriu de maneira estranha – “de qualquer forma trataremos de seus assuntos específicos”. E depois, virando-se para o público reunido: “O único assunto da nossa ordem do dia é o noivado do nosso rebento com a Senhorita Lucie Engelhardt.”

Nesse momento, realmente caí das nuvens.

“Pelo amor de Deus”, gritei, completamente retesado, “como é que vocês ficaram sabendo disso?”

Toda a assembléia riu. “Ora, nós vivenciamos isso com você! Afinal, vivemos em você!”

“Sim, mas nem eu sei ainda. Ainda nem me apaixonei de verdade por ela.”

“Nem é necessário”, gritou um senhor lá na quinta fileira, “pois eu me apaixonei por ela, e essa é minha tarefa. Foi de mim que você herdou suas inclinações eróticas. Sou a sua vida amorosa.”

Examinei mais de perto a minha vida amorosa. Era feioso, bochechudo, e não tinha qualquer *sex appeal* – não senti orgulho da minha vida amorosa.

“Não”, ousei uma última objeção.

“Ainda não decidi se vou mesmo casar com ela e, afinal de contas, essa é a questão principal.”

“Um leve engano!”, disse o presidente, e bateu nos meus ombros, em sinal de comiseração. “O que você pensa e o que você quer, não é você quem determina, somos nós. Nós é que tomamos as decisões. Você é apenas o órgão executivo.”

“Não, não quero isso”, disse eu, quase chorando, “durante toda a minha juventude, já fiquei sob o domínio da minha família, e agora vai continuar tudo igual? Não, não quero! Quero acordar.”

Em lugar de uma resposta, o presidente tocou a sineta e pôs a palavra à disposição.

E imediatamente levantou-se uma mulher pequena e gorducha, do Século XVIII, que era parecida com a tia Auguste. Usava uma mantilha e um chapéu de veludo com fitas soltas e falou de maneira muito agitada.

“Então ele deve se casar, o bisnetinho, o genezinho, o cromossomozinho! Mas, e daí? Mas onde? Como? E quanto à noivinha? Quem é ela, o que é que ela tem, o que sabe? Ela receberá um dote? E os pais dela, podem pagar? Aliás, que família Engelhardt é essa? São os Engelhardt dos couros e peles? Ou será que ela descende dos E. W. Engelhardt, que já faliram no século XVII?”

Fiquei muito constrangido. Critiquei a senhora idosa pela sua idéia sobre a sua atitude materialista diante do casamento. Mas um senhor do tempo do Rococó tardio interrompeu-me.

“Ela está coberta de razão, a boa e honesta Ethelbertha! Todo o cuidado é pouco na escolha dos nossos descendentes. Pois vivemos não apenas em você, mas em todos os nossos descendentes, tanto os legítimos como os ilegítimos. E que experiências tive com estes últimos! Morro de frio em um viajante no Pólo Norte e suco em bicas em um operário. Ando por aí em

uma prostituta devassa e amanhã serei executado em um assaltante homicida. A sua linhagem ainda permanece bem decente e próspera, e é assim que queremos mantê-la. Pois você é a nossa única esperança. Você é o nosso hotel e o nosso restaurante.”

“E, na realidade, um restaurante bastante regular”, interrompeu-o então um antepassado, que parecia uma mistura de Falstaff com Rasputin. “Como você se alimenta, rebento? A você e a nós. Você se juntou aos vegetarianos. Que vergonha! Só come três vezes por semana a carne boa e apetitosa, de resto pasta cenouras e folhas de salada, monstro malvado! E quando eu espero um suculento pedaço de lombo, você me injeta no corpo sucos nojentos de verdura, que vocês chamam de vitaminas, e que vocês acham que vai prolongar a vida de vocês. Olhe para mim, regalei-me como o glutão Sardanapalo e fiquei tão velho quanto Matusalém. E por isso também quero que você se case com a moça da qual falamos. Pois ela tem um aspecto viçoso, como se amasse rosbife e um delicioso capão, e também um copinho de vinho espumante perolado.”

Ele tinha falado até ficar vermelho e acalorado. Aí desmoronou e sussurrou com voz fraca: “Beba um gole, rebento! Tenho sede.”

Eu estava para realizar o desejo do senhor gordo, quando houve uma movimentação na sala.

De uma das mesas renascentistas, levantou-se um modelo de beleza: 1,80m, elegante e forte, cabelo negro, olhos azuis luminosos e um semblante fino, intelectual. Uma imagem de nobre masculinidade. Mas de vez em quando se sobressaltava ao falar. O seu pé direito parecia doer-lhe.

Em um discurso espirituoso, apimentado por muitas alfinetadas sarcásticas, polemizou contra o materialismo que surgira na família, pleiteou a valorização dos bens espirituais e, finalmente, pronunciou-se a favor do casamento com a jovem estudante, para elevar o nível cultural da família.

Senti-me fascinado por suas palavras.

“Nobre ancestral”, disse, entusiasmado, em voz alta, “orgulho-me de você! Mas por que as suas elevadas virtudes não estão também representadas em mim, que, afinal sou seu descendente?”

O nobre ancestral sorriu constrangido.

“Infelizmente, passaram todas para a linhagem feminina”, murmurou.

“E que características herdei de você?”

“A gota”, disse ele, embaraçado, e puxou para si o pé dolorido.

“Meus agradecimentos!”, exclamei, furioso. Então me dirigi, desesperado, ao presidente: Será que todos esses cavalheiros ainda vão falar?”

“Apenas mais um”, consolou-me o Presidente. “O seu ‘Esquecimento’, o seu ‘Senso de Responsabilidade’, e sua ‘Neurótica Indiferença’ renunciaram a tomar a palavra.”

“E todos os demais?”

“Eles não têm voz. Estão apenas ‘latentes’ em você, porque não lhe legaram nada. Apenas voltarão a ter a palavra quando surgirem de novo em algum lugar na hereditariedade.”

Respirei aliviado. Então se levantou o último orador. Ele remontava à Idade Média, vestia uma verdadeira armadura e carregava muitas armas.

“Com mil trovões!”, esbravejou, e bateu na mesa com a bazuca. “Você não pode casar com essa moça. Nós temos uma rivalidade de vida e morte com a família Engelhardt! Primeiro você tem de matar um varão daquela família. Só então você pode se casar com ela.”

Assustei-me. Mas o presidente me acalmou.

“Não dê ouvidos a esse pateta do Século XIII”, sussurrou-me, “seu voto não tem grande peso”; dele você herdou apenas os dedos dos pés retorcidos!”

Então procedeu-se a votação. O resultado foi inesperado: um empate.

“Isso acontece freqüentemente entre nós”, explicou o presidente, “os afetados chamam isso de ‘ansiedade’, ‘inibições’, ‘tormentos da alma’, e por aí afora!” E voltando-se para a assembléia: “Senhores, devemos chegar a uma decisão, de uma maneira ou outra.”

Aqueles que tinham direito a voto deliberaram por algum tempo. Depois declararam: “Queremos ver mais uma vez a jovem, aqui, de corpo inteiro, com nossos próprios olhos, não apenas através dos seus olhos, como ontem. Talvez cheguemos então a um resultado diferente.”

“Traga-a para cá”, ordenou-me o presidente.

“Sim, mas como?”

“Traga-a em sonho!”, ordenou. “Concentre o seu pensamento nela. As mulheres são criaturas obedientes – em sonhos, quero dizer.”

Concentrei-me – e, de repente, lá estava ela. De pé no meio da sala, como eu a deixara ontem. Com o mesmo maiô de banho encantador e o mesmo sorriso encantador. O seu surgimento causou sensação. Os homens se comprimiam à sua volta, olhavam-na com agrado, devoravam-na com os olhos.

A ressonância foi melhor entre as mulheres.

Para as secas, era cheia demais; para as gordas, excessivamente magra.

O seu sorriso foi considerado “escarnecedor”, e quanto ao seu maiô! Escandaloso!

“Por que é que ela anda por aí de pernas nuas?”, gritou a pequena e redonda Ethelbertha indignada. “Na minha época vestíamos meias, uma blusa de lã fechada até em cima, bombachas e uma touca, e com isso apenas íamos para o banho das mulheres!”

Dirigi o meu olhar para a Lucie.

Ela estava lá graciosa, despreocupada, indiferente, como se a história toda não tivesse nada a ver com ela.

“Por que ela não fala?”, perguntei ao presidente, “Por que não se defende?”

“Ela não pode”, respondeu, “ela não está no seu sangue.”

Então se dirigiu, nervoso, aos circunstantes: “Direto ao assunto, senhores! Decidam-se! Ou querem que a decisão seja tomada por terceiros?”

Isso me deixou perplexo.

“O que quer dizer com ‘terceiros?’”, perguntei a um “latente” que passava por aí. “Pensei que apenas os cromossomos teriam o poder de decisão.”

O “latente” levou-me para um lado.

“Ele tem medo dos ‘mnemos!’”, soprou-me, com uma expressa maliciosa no rosto. “Das memórias, dos impulsos primitivos, dos instintos animais primários, que são mais antigos que os genes, que remontam até antes da criação da espécie humana, até o início de todo o ser. Onde começam, lá termina todo o nosso poder.”

Enquanto isso, continuava vivamente a briga a respeito do meu casamento. Os parentes pacíficos começaram a brigar. Criticavam-se mutuamente por antiquíssimas *mesalliances* e passos em falso há muito ultrapassados. Os ânimos se esquentaram.

O presidente tentou apaziguar a assembléia.

“Chamo-os todos à ordem!”, exclamou. Mas não conseguiu se impor. E, no meio de todo o barulho e confusão, lá estava Lucie Engelhardt, com um incrível sorriso de Mona Lisa, com um aspecto tão distinto-superior, e apesar disso tão desamparada emocionalmente, que despertou no meu coração uma onda de calor, e, pela primeira vez, senti que realmente estava apaixonado por ela.

Quis acorrer ao seu lado, mas os grupos em briga nos separavam.

A luta, nesse meio-tempo, entrara em uma nova fase. De bagunças a

ameaças e brigas. O Falstaff cerrou os punhos, e o homem de armadura tirou a sua espada enferrujada. Lucie parecia ter razão. Os instintos estavam derrotando os intelectos em toda a linha. Mais e mais grupos eram atraídos para a desavença, e isso não apenas em amplitude, mas também em profundidade. A Idade Média há muito já tinha sido ultrapassada, a Antigüidade Clássica havia sido alcançada, e agora o tumulto passava sobre gerações que eram tão distantes que não podiam mais ser vistas, que apenas podiam ser ouvidas.

Línguas, há muito mortas, penetravam o meu ouvido; e depois, repentinamente, um grito e mais um grito – e sons naturais gorgolejantes.

O presidente ergueu as mãos, assustadoramente pálido.

“Silêncio!”, gritou aos que brigavam. “Não acordem o ancião!” Mas sua advertência chegou tarde demais. Bem no fundo do salão, onde tudo já desaparecia na penumbra, ouviram-se um estrondo e passos pesados. Depois tornou-se visível. Da semi-escuridão, saiu um macaco gigantesco, balançando os braços compridos, apartou os antepassados em conflito, empurrando-os para a direita e a esquerda, agarrou a moça ainda sorridente pela cintura e subiu com ela até a copa da enorme árvore genealógica, onde a ramagem densamente entrelaçada formava uma espécie de ninho natural.

“Patriarca! Exclamei, apavorado. Não me roube a minha noiva! Não desonre a própria descendência!”

E tentei também subir na árvore. Mas ele já havia descido, agarrou-me também pela cintura e carregou-me até o seu ninho, no qual já havia deitado a Lucie.

Ela me fitou de olhos arregalados, depois a expressão de seu rosto revelou que me reconhecera. Sorriu para mim.

Abriu os braços para mim.

E então?

Sim, infelizmente acordei.

Tudo o que pode resultar de um sonho

No dia seguinte, encontrei-me com Lucie no Jardim Zoológico, porque lá deveríamos realizar algumas pesquisas de Biologia para o nosso curso.

Enquanto estávamos parados diante dos pingüins, contei-lhe o meu sonho.

Ela sacudiu a cabeça, em sinal de desaprovação.

“Como se atreve a me incluir nos seus sonhos?”

“Não foi por querer”, desculpei-me, humilde.

“Pior ainda”, disse, ofendida.

Então seguimos em direção aos paquidermes.

“Não é estranho”, disse eu, “que todo o nosso fazer e querer seja determinados por nossos antepassados – até mesmo os nossos desejos mais secretos e a nossa vida amorosa?”

“Quem sabe não seria melhor falarmos de outra coisa?”, respondeu ela, nervosa. “A nossa tarefa é estudar a construção de ninhos pelas gaivotas.”

“Construção de ninhos”, disse eu, “que palavra familiar!”

Então fomos ver os macacos.

Lá estava o velho orangotango catando piolhos de seu filhote.

E a mãe orangotango observava tudo amorosamente.

“Será que existe algo mais belo”, disse eu, sonhador, “do que uma vida familiar tranqüila e satisfeita?”

Aí ela bateu pé.

“Não suporto essas eternas indiretas. Diga de uma vez que quer casar comigo!”

“Você me tirou as palavras da boca”, falei baixinho, enrubescendo.

Olhou-me indignada e sacudindo a cabeça.

“E ainda por cima me leva ao Jardim Zoológico, e além de tudo aos macacos. Acredito que lhe falte toda e qualquer seriedade moral!”

“Absolutamente”, confessei, envergonhado, “posso conceber uma brincadeira imoral, ou uma brincadeira moral – mas seriedade moral... não.” Nesse meio tempo, o macaco também catava piolhos na fêmea.

“Vamos embora daqui”, disse ela, “vamos ao café tomar um sorvete!”

“Não acha que é frio demais?”, perguntei com receio.

“Ao contrário”, disse ela, “preciso manter a cabeça fria. Você é tão infantil e superficial, que tenho de pensar por dois.”

“O que acha mais apropriado, sorvete de chocolate ou de framboesa?”, perguntei, quando o garçom veio para receber o nosso pedido.

Ela não respondeu.

“Bem, então sorvete de baunilha”, pedi, “mas extra gelado...!”

Ela tirou uma pequena agenda da sua bolsinha e fez anotações.

Olhei interessado sobre o ombro dela e li: “Ridículo e dependente. Um toque levemente feminino.”

“Como?”, perguntei, surpreso.

Lucie deu de ombros.

“Acredita em sonhos, não consegue tomar uma decisão própria e me arrasta para diante de um monte de pessoas totalmente desconhecidas, que me avaliam como a uma mercadoria.”

“Mas esses eram os meus ancestrais”, contestei, “os meus cromossomos, os meus antepassados!”

“Não precisa se orgulhar de seus ancestrais”, disse ela, dando de ombros. “O que eram afinal... uma antepassada imoral que cometeu um erro, um arruaceiro com os dedos dos pés retorcidos demais, outro gotoso e um macaco.”

“Não aceito críticas sobre o macaco”, disse eu, “esta noite ele nos colocou no mesmo ninho.”

“A conta, por favor”, disse ela, apertando os lábios. “Você está começando a ficar indecente.”

“De um modo geral”, continuou ela, quando eu me desculpara e nós continuamos a andar, “quais seriam, então, as suas outras qualidades e hábitos? Afinal, é necessário saber.

Você é sério e ordeiro? Vai cedo para a cama?”

“Muito cedo”, disse eu, “às duas horas da manhã.”

Ela anotou.

“Você é resistente? Dorme de janela aberta, até mesmo no inverno?”

“Nem sequer no verão”, exclamei, com um calafrio.

“Ama a verdade ou costuma mentir?”

“Raramente”, respondi, e não gosto de fazê-lo, mas quando minto, minto muito bem.

“E quanto à comida? Você é *gourmet*? Qual é o seu prato favorito?”

“Rosbife inglês”, disse, estalando a língua, “mas bem mal passado.”

Ela deu um sorrisinho. Fez mais uma anotação, mas dessa vez no lado direito. Então prosseguiu:

“E quanto à sua capacidade física? Pratica esportes?”

“Todos os desejados”, respondi, radiante.

Ela me fitou com um olhar perscrutador e desconfiado.

“Então trepe naquela árvore lá!”

Devo dizer que esse desafio foi bastante inesperado. Olhei a árvore, mal-humorado. Era fina e tinha poucos galhos. Mas, o que é que não se faz, quando se está apaixonado!

Por isso, com um impulso, consegui alcançar o primeiro galho com as mãos. Também consegui, com extremo esforço, me alçar. Mas não pude continuar. O segundo galho ficava alto demais.

“O resto farei amanhã!”, exclamei, e deslizei para o chão.

Mas o tronco não apenas era liso, como também estava coberto de resina, e quando cheguei lá em baixo, a minha aparência não era nada favorável. Meu novo traje de verão estava perdido, o colarinho se abriu, e na mão direita eu tinha um arranhão.

Pela primeira vez, saiu uma risada espontânea da linda boca de Lucie.

“Totalmente insatisfatório em esportes”, escreveu no seu caderninho, “mas fica engraçado quando sobe em árvores.”

“Realmente gostaria de saber por que está anotando essas bobagens”, perguntei irritado.

Olhou-me, surpresa.

“Afinal, preciso saber quem você é. De certa forma, estou fazendo uma investigação a seu respeito. Costumo fazer isso sempre que me encontro diante de decisões importantes. Pertencem a uma antiga família de banqueiros.”

“Pelo amor de Deus!”, exclamei, espantado.

“Isso o assusta?”, perguntou, surpresa.

“Ao contrário”, menti, “afinal, também quase entrei no ramo bancário. Certa vez, até um banqueiro muito conhecido interessou-se vivamente por mim. O nome dele era Kaltenbach, caso o conheça. A propósito, era um tipo extremamente repugnante.”

“É o meu tio”, disse ela, seca.

“Uma pessoa encantadora”, emendei rapidamente. Mas ela não me deixou continuar falando.

“Não precisa se esforçar”, disse ela, “agora já sei tudo. Então *you* é o jovem com o qual o meu tio queria casar a sua filha, naquela ocasião, e que se comportou de maneira tão ridícula. Se naquela época você tivesse sido mais esperto, agora seria o meu primo.”

“Mas não quero me tornar o seu primo”, respondi, desafiador. “Eu quero entrar na sua família de maneira completamente diferente.”

“É verdade?”, disse ela ironicamente. “Eu achava que existia uma ‘rixa de sangue’ entre as nossas famílias.”

“Talvez, se eu matasse o seu tio Kaltenbach!”, propus timidamente.

Mas ela não se interessou pela minha proposta.

“Falando seriamente”, disse ela, “O seu balanço é péssimo:

Vai para cama muito tarde e eu, cedo.

Dorme no quente, e eu no frio.

Mente, e eu falo a verdade.

Sou esportiva, e você não é.

A única coisa em que concordamos é nossa preferência por um rosbife mal passado. Acredita mesmo que podemos fundamentar um casamento nessa base?”

Nesse meio tempo, como que atraídos por uma força mágica, havíamos chegado novamente à casa dos macacos.

E, parada diante de mim com olhos faiscantes, sorrindo e me apresentando a lista de meus pecados, ela pareceu tão encantadora como ontem no meu sonho, que senti despertar em mim todos os meus instintos primitivos. Meus “mnemos” se entrecrocavam ruidosamente.

Esqueci toda a minha boa educação e todo o meu comportamento social, abracei-a e dei-lhe – Deus me perdoe o pecado – um beijo longo e ardoroso.

O efeito foi surpreendente.

Primeiro ela enrubescou, e depois voltou a empalidecer. Depois lançou-me um olhar de espanto desmedido e murmurou: “Por que você não disse isso logo?”

O meu coração pulou de alegria.

“Lucie”, exclamei, entusiasmado, “então posso ter esperanças? Então gosta um pouquinho de mim?”

Ela enrubescou de novo, depois deu de ombros, conformada, e sussurrou: “ainda que você faça suas macaquices!”

Casamento

Por ocasião do meu casamento, chego ao salão do hotel onde terá lugar a festividade uma hora mais cedo do que devia – de tanta emoção e amor.

Naturalmente ainda não chegou ninguém, e caminho impacientemente para cá e para lá no salão.

Nisso, bate nas minhas costas o meu primo Gustav, que viera de outra cidade e estava hospedado no mesmo hotel.

“Por que você anda por aí como um leão antes de ser alimentado? Venha, suba até o meu quarto, lá estão Georg, Theodor e Max, conversando à vontade.”

Mas, ao chegar lá em cima, não estavam conversando à vontade e sim sentados em silêncio total em torno do toucador, que haviam desocupado, e jogavam pôquer.

“Quer jogar cartas?”, perguntou Georg, sem qualquer saudação.

Recuso, indignado – no dia do meu casamento! – e sento-me tranqüilo ao lado de Theodor para dar alguns palpites. Continuamos assim por algum tempo, e de repente tenho cartas diante de mim.

“Eu já disse a vocês que hoje não vou jogar!”, exclamo, irritado, e dou uma olhada nas minhas cartas como quem não quer nada.

Vejo ases e reis. Naturalmente, não consigo resistir.

“Mas apenas este jogo”, digo expressamente, abro, e perco contra três setes.

Isso me irrita, é claro, e concedo-me uma revanche. Ganho e também me dou muito bem nas próximas três rodadas.

“Para mim, chega!”, exclamo, “tenho de descer ao salão!”

Mas daí surgem protestos.

“Não se preocupe”, tranqüiliza-me Gustav, “solicitei ao recepcionista e ao garçom que nos comuniquem imediatamente, assim que aparecer o primeiro convidado.”

“Sem você, não dá para começar”, tranqüiliza-me Max, e Georg acrescenta: “Não se apresse tanto. Afinal, você vai desfrutar a presença da sua mulher por muito tempo durante a vida de casado!”

Proíbo energicamente essa falta de tato e pego as minhas cartas.

Puxa vida! Seis, sete, oito, nove de ouros...

Se eu comprar bem, terei um *straight flush*... um genuíno *straight flush*... isto só acontece uma vez na vida.

O jogador que me precede começa o jogo, eu só o acompanho, para não afugentar os outros, mas – que milagre! – o parceiro que me sucede passa a vez e o próximo o acompanha. Max, o último, aumenta a aposta.

Todos têm de inteirar a quantia, toda a família está dentro.

“Esta vai ser a férias do dia”, lamenta Theodor.

O telefone toca.

Max tira o telefone do gancho: “Número errado!” Compramos. Georg não compra, eu compro uma, Theodor e Gustav não, Max compra uma.

George aposta mais alto...

O telefone toca...

“Tire o fone do gancho!”, chia Max com voz rouca. “Sempre esses enganos!”

Olho a carta que comprei – só agora – e empalideço – internamente. Consegui! Comprei o *straight flush* e passo a vez...

Ainda passam algumas vezes e depois me olham; coloco as cartas sobre a mesa e pego a férias contra um conjunto de ases completo, uma sequência, um *flush* e um trevo.

Fantástico!

Lentamente, embolso o dinheiro, e em sinal de gratidão silenciosa, beijo todos os perdedores.

Nesse momento, de repente a porta é aberta, e o tio Louis entra intempestivamente.

“Vocês todos enlouqueceram? Lá embaixo estão reunidos todos os convidados, o sacerdote e a noiva, e não dá para realizar o casamento!”

“Acho que temos de interromper o jogo”, gaguejo, e corro escada abaixo.

No salão, sou recebido por uma atmosfera glacial. O tio Louis havia informado a todos de meu ato de ignomínia, e os convidados me olham com caras de desaprovação e preocupadas.

Apenas a minha boa e velha tia Auguste, que jogava pôquer, me olha com uma expressão encorajadora. Somente ela entende o meu erro. Abro caminho até os meus sogros.

Rostos pétreos.

“Peço desculpas”, digo, completamente desesperado, “eu tinha um *straight flush* na mão”.

Mas esses bárbaros sequer sabem o que é isso. Quero explicar-lhes, e então sou empurrado para o lado da minha noiva e ainda ouço quando ela me recrimina entre dentes: “Começamos bem!”

E então a orquestra toca a Marcha Nupcial. O meu pobre peito foi

perpassado pelos mais diversos sentimentos, enquanto ficávamos de pé lá em cima no pequeno estrado.

Será que realmente cometi um crime tão grande? Será que entrei na família errada? Será que a sorte no jogo sempre traz azar no amor? E eu não sinto realmente nenhum prazer com as palavras bonitas e edificantes que nos diz o líder religioso, um senhor idoso, muito simpático.

Apenas no momento em que ele diz que os cônjuges deveriam ter compreensão também com erros e fraquezas do outro, crio nova esperança, e quando ele me pergunta se eu iria amar e ser fiel à minha esposa por toda a vida, declaro, com a alegria transbordante de um jogador de pôquer:

“Por toda a vida – e mais uma!”

Mas parece que uma má estrela paira sobre o meu casamento.

Hoje está dando tudo errado.

No momento dos parabéns, trato com especial amabilidade os parentes da família Engelhardt. Agradeço efusivamente a tia Amalie pela linda sineta de mesa que nos deu de presente, mas ela responde rabugenta: “Eu dei o piano!”

E quando eu, para me reconciliar com ela, pergunto afetuosamente pelo bem-estar do seu encantador bebê, de três meses de idade, ela vai embora sem uma palavra, e só tarde demais fico sabendo que ela não é casada.

E depois, aquela história do tio Kaltenbach... Desde o início, não gostei dele, quando se aproximou de mim, tão presunçoso e seguro como um empréstimo bancário de três por cento, e vejo, pela sua expressão, que, de fato, ele ainda não esqueceu aquela história com a sua filha.

E de fato, ele me estende, indiferente, a sua mão mole e depois diz com falsa amabilidade: “Fico muito satisfeito, meu caro jovem amigo, que ainda tenha conseguido entrar na nossa família por meio de um casamento. Você melhorou muito a sua vida!”

“Como?”, perguntei surpreso.

“Bem”, disse ele, “afinal, se eu não estiver enganado, você descende de uma família ainda relativamente nova.”

“Certamente”, disse eu, “o meu avô começou quase do zero!”

“É isso”, sorriu..., “a nossa família, especialmente os Kaltenbach, já eram comerciantes muito apreciados e respeitados no século XVII!”

Nesse momento, fico furioso.

“Isso apenas mostra”, digo com meu sorrisinho mais simpático, “que

a minha família está subindo, enquanto os Kaltenbach estão descendo socialmente.”

Nesse momento, vamos à mesa.

Os meus sogros são gente realmente encantadora. Organizaram um jantar maravilhoso, com todas as iguarias da estação – já para satisfazer a minha tia Doris, a matriarca da nossa família, que mora em Viena e é conhecida por ter sempre algo a reparar na comida. Depois do patê de fígado de ganso com trufas, meu sogro dirige-se logo a ela e pergunta se tudo está a seu gosto. A tia Doris não olha para ele com uma cara muito entusiasmada.

“Tudo está muito bom e requintado”, diz ela, “mas ainda prefiro a minha boa comida caseira vienense.”

Imediatamente, o meu sogro – realmente a consideração em pessoa – manda buscar em um restaurante vienense próximo e servir-lhe um cozido vienense com acompanhamento.

Mas quando ele volta a perguntar o que ela acha, a tia Doris diz mal-humorada: “Cozido vienense, eu como todos os dias lá em casa. Não preciso viajar até aqui para isso!”

É claro que isso tampouco contribui para tornar mais próximas as relações entre as nossas duas famílias.

Mas agora o tio Louis, o fazendeiro da nossa família, dá uma batidinha no copo. Eu o conheço. O que ele diz sempre faz sentido. Ele fala de maneira um pouco rude, mas sempre muito caloroso e cordial.

Se isso não vai quebrar o gelo!

Com certeza, hoje ele tem um dia difícil. À noite, ainda terá de dar uma palestra na Associação dos Criadores de Cavalos e, para criar coragem, bebeu uma quantidade generosa dos nossos excelentes vinhos. Assim, infelizmente, comete um pequeno desliz. Por engano, tira o manuscrito errado do bolso do fraque, e aí ficamos sabendo que, na criação, devemos dar especial valor a um bom garanhão. Este deveria ser fogoso, não ter a coluna muito encurvada e ter as patas traseiras fortes. A matriz, por outro lado, deveria ter pelagem espessa e pele lisa, o que se poderia obter escovando-a freqüentemente com escovas duras. Além disso, a matriz deveria aceitar o garanhão, o que daria a conhecer por meio de um relincho alegre. Caso contrário, seriam de temer mordidas, e a matriz, em tais casos, costuma dar coices...

Só nessa altura, o tio Louis percebe o seu erro, pega rapidamente o manuscrito certo e encerra dizendo que esperava que, depois do que fora dito, o jovem casal fosse muito feliz.

Depois dessa obra prima da oratória, levantamos da mesa com alegria generalizada, e realmente nada mais aconteceu que poderia ter perturbado o decurso harmonioso do meu casamento, ou que fosse digno de nota.

Alto lá! Ainda tenho de dizer algumas palavras sobre o final da bela festa.

Quando havíamos tomado o café e eu dançara mais uma vez com a Lucie, aos poucos foi chegando o momento em que, segundo a tradição, o casal de noivos desaparece secreta e furtivamente.

Foi o que fizemos. Mas quando chegamos “secreta e furtivamente” à porta dos fundos do hotel, já estava lá a grande maioria dos nossos parentes mais próximos, “secreta e furtivamente”, para despedir-se de nós. Foi uma despedida emocionante. Em especial, os pais de Lucie estavam muito comovidos e nos deram recomendações e a sua benção. Depois ainda nos jogaram arroz. Em suma, fizeram tudo o que é necessário para assegurar uma numerosa descendência.

“Seja bom e amoroso com ela”, disse-me minha sogra, quando entramos no carro, “afinal, ela ainda é meio criança” (as noivas sempre são meio crianças).

“Seja forte e viril”, sussurrou-me meu pai, “desta noite, depende toda a sua felicidade no casamento”.

Dei uma risadinha marota para mim mesmo. Pois eu tinha planejado algo forte e muito viril.

Queria atravessar a soleira da nossa nova casa com Lucie nos braços.

Lera muito a respeito em romances. É um costume ainda praticado por muitos povos e é de alguma forma ligado ao rapto de mulheres, o que há de mais viril.

Então, quando chegamos diante da porta da nossa residência, tomei Lucie nos braços e quis carregá-la para dentro. Mas foi impossível, a porta era estreita demais.

Então a levantei: mas aí ela bateu com a cabeça.

Fiquei tão exausto com esses dois esforços, que tive de fazer uma pausa de alguns minutos.

Aí Lucie perdeu a paciência.

“A gente faz assim”, disse ela, no seu estilo sorridente-esportivo. Então me pegou pela cintura com o braço direito num ousado movimento de *jui-jitsu* – os pés para frente, e o rosto para trás – carregou-me porta a dentro e largou-me no chão sem qualquer delicadeza.

E, com isso, estava selado o meu destino no casamento.

O dono da casa se torna útil

“Amor”, diz minha mulher, pois estamos casados há menos de um ano, “amor”, diz ela, “vou até a cidade e volto só na hora do almoço. Portanto, você tem uma manhã sem perturbações e poderá fazer tantos versos quanto lhe aprouver.”

“Ótimo”, digo.

Minha mulher põe o chapéu.

“Dentro de cinco minutos, chega o padeiro”, continua ela, “ele toca a campainha duas vezes. Você não precisa descer. É só baixar a cesta com o dinheiro pela janela do banheiro – você já sabe – e aí ele coloca o pão e você pode puxar para cima!”

“Certo”, digo.

Minha mulher desce a escada. Pára no meio.

“Ah, sim: trarei os meus pais e o tio Eduard para almoçar. Você não precisa se preocupar com nada. E caso toque a campainha, abra a porta, pois a empregada tem muito o que fazer na cozinha e está um pouco nervosa.”

“De acordo”, digo.

Então me deito – para fazer poesia.

Dois homens lutam por uma mulher..

A campainha toca, duas vezes.

Entro no banheiro. Moramos em uma pequena casa num bairro afastado. A janela do banheiro é a única com vista para a rua principal, e é muito alta. É necessário subir na banheira para olhar para fora. Mas a cesta foi instalada com uma roldana de modo tão prático, que pode ser baixada sem que se precise subir na banheira.

Portanto, ponho o dinheiro na cesta e trato de baixá-la. Ao puxá-la de volta para cima, está vazia. Subo na banheira e ainda vejo um homem maltrapilho dar a volta à esquina, rápido como um raio.

Então, me deito de novo – para fazer poesia.

Dois homens lutam por uma mulher. Um deles é um homem racional, o outro, um tenor. Ele precisa, assim, de uma canção.

Pois então será uma opereta...

Toca a campainha. Duas vezes, três vezes, cinco vezes, não pára. São os meninos da rua, eles sempre fazem essas travessuras.

Portanto, subo na banheira e jogo uma panela de água para baixo, para que percam o hábito.

Mas, quando volto a olhar, vejo que não são os meninos da rua, e sim o padeiro, que me ameaça com o punho e se afasta, me amaldiçoando. E ao lado dele, estão os meus dois colaboradores, Hugo, o compositor, e Karl, o letrista. Eles também estão um pouco molhados, mas muito alegres, pois conseguem criar o primeiro verso do refrão.

Sentamo-nos na sala e Karl recita:

“Para os seus lindos olhos, faço uma linda canção.”

“Isso é lindo”, digo.

“Será que é suficientemente popular?”, pergunta Hugo.

Batem na porta.

Entra a empregada.

Digo: “Para os seus lindos olhos, faço uma linda canção. O que você acha disso?”

“Não encontro a chave da despensa. Sabe onde sua esposa a colocou?”

“Quem sabe na cesta de papéis, ou no armário dos livros. Dê uma olhada!”

Ela resmunga algo incompreensível e desaparece.

“Escreva o segundo verso!”, diz Hugo.

Olho fixamente para o canto esquerdo da sala e rimo.

“Para os seus lindos olhos – iluminados pelo enlevante espírito de Apolo...”

Hugo sacode a cabeça.

“Isso é elevado demais. Quem conhece Apolo?”

Batem na porta.

A empregada entra.

Lanço-lhe um olhar severo e pergunto: “Você conhece Apolo?”

Ela me lança um olhar ainda mais severo e diz: “Quer que faça as batatas cozidas ou assadas?”

“Como você achar melhor.”

Ela resmunga algo incompreensível e desaparece.

“Escreva um novo verso!”, diz Karl.

Olho fixamente para o canto direito da sala e depois para o lustre.

“Talvez – ‘Para os seus lindos olhos – que são iluminados por um aroma enlevante.’”

Desta vez, é Karl que sacode a cabeça.

“Em primeiro lugar”, diz, “um aroma não ilumina os olhos e sim o nariz, e em segundo, um aroma não ilumina nada! Cheira!”

“Cheirar não é poético”, digo.

Entra a empregada. Desta vez, sem bater.

Não consigo encontrar os fósforos. Emprésteme os seus.

Atiro-lhe a minha caixa.

“Se for possível, não entre aqui nos próximos dez minutos. Estamos fazendo poesia.”

Ela me olha de maneira hostil e retruca, com voz gelada:

“Nunca mais entro aqui – vou embora! De qualquer forma, nem gosto de trabalhar na sua casa!”

E pouco depois ouço bater a porta da frente.

“Agora não vão mais nos incomodar”, suspira Hugo, aliviado. “Faça o segundo verso.”

Mas perdi a vontade...

“Deixem-me”, digo, apático. Sou um fracasso!” Os dois me olham sacudindo a cabeça.

“Pesa-me na consciência a saída da empregada”, continuo, lamuriendo. “Além disso, não haverá almoço, o primeiro para o qual teríamos convidados. Nem ousou enfrentar minha mulher!”

Karl e Hugo se lançam um olhar significativo.

“Dominado pela mulher”, resmunga Hugo.

“Abaixo a tirania da colher de pau!”, grita Karl.

Nesse momento, ambos se põem de pé sem dizer palavra e pedem dois aventais de cozinha.

“Vocês sabem cozinhar?”, pergunto surpreso.

“Não faço idéia”, diz Hugo, “mas há tempo que quero aprender.”

“E você deve aprender mesmo”, comenta Karl, “pois na sua casa a situação é insuportável. Você tem medo da sua mulher, e sua mulher tem medo da cozinheira!”

“Mas de você ninguém tem medo!”, continua Hugo.

“E lá em casa é a mesma coisa”, afirmou Karl, “por isso também quero aprender!”

“Mas na sua casa”, conclui Hugo, “pois lá em casa, não me atrevo!”

Nesse momento, prestamos um juramento terrível, nos damos as mãos e vamos para a cozinha.

Na janela da cozinha, está pendurado um ganso.

Parece inofensivo e insignificante.

Olhamos longamente para ele.

“Temos de depená-lo”, opina Karl, finalmente.

“Portanto, depenemos o bicho.”

Deitamos o ganso sobre a mesa de cozinha e nos sentamos em círculo ao redor dele. Cada um depena do seu lado, e o ganso salta alegremente para cá e para lá.

Prendemos o ganso, mas as coisas vão muito devagar, pois as penas estão firmemente presas.

Karl busca a tesoura, mas aí ficam os canos das penas.

“Vamos barbear”, decreta Hugo.

Busco então o meu material de barbear. Cobrimos o ganso com uma espessa camada de espuma e, então, Karl pega a navalha e começa a trabalhar. Custa-nos algumas giletes, mas finalmente ele termina.

“Contra a direção das penas?”, pergunta, triunfante.

Não é necessário, digo, só vem a família. Mas o que faremos com as asas, os pés e o bico?

“Vamos tirá-los e cortá-los em pedaços miúdos”, sugere Hugo, “aí temos os miúdos do ganso.”

Muito bom. Agora, porém, temos outro problema.

Temos de assar o ganso.

“Vão até o porão”, ordeno, “busquem carvão e cortem lenha.”

Mas aí enfrento resistências. Hugo se recusa a realizar “trabalho escravo” e Karl me pergunta se o almoço é dele ou meu.

“Naturalmente, vocês estão convidados”, apresso-me a assegurar. Mas aí ambos declaram que sob essas condições difíceis parariam de trabalhar imediatamente.

Nesse momento, me vem a idéia salvadora.

Certa vez, no cinema, vi como os *gaúchos*, os vaqueiros do Brasil, fazem uma fogueira com galhos secos, na qual assam carne no espeto. E como a idéia é pouco prática e muito romântica, encontra imediatamente apoio incondicional.

Há galhos secos em abundância no jardim, e um ancinho novo, um par de vassouras, e um cabo de guarda-chuva entalhado da minha mulher servem para o fogo – depois atravessamos o ganso com um atizador e um palito pelo pescoço, prendemos tudo entre dois suportes de partituras artisticamente forjados e logo as chamas se levantam alegremente em direção ao céu. Quando Karl começa a girar o ganso, o atizador se desprende várias vezes da churrasqueira improvisada, fazendo com que o ganso caia no fogo. Mas ele sempre consegue tirá-lo, mesmo sob risco de vida, e realmente é uma cena engraçada como o seu rosto, não acostumado ao calor, fica cada vez mais vermelho, enquanto eu, deitado na rede, dou as instruções técnicas.

Na verdade, não fico lá por muito tempo, pois Karl logo exige que eu o substitua, e apenas ao lembrar-lhe energicamente que ainda tenho de tratar de aprontar o almoço é que consigo me livrar dessa tarefa insuportável.

E, realmente, já está mais do que na hora. Pois mal cheguei na cozinha com Hugo, tocou o telefone. A minha mulher me avisa que vai chegar com seus pais, o tio Eduard e a tia Anna dentro de um quarto de hora, e pede que eu chame a empregada ao telefone.

“A empregada deitou-se há cinco minutos”, respondo, com a voz mais firme possível, “porque estava com muita dor de cabeça”, e fico contente de que ainda não exista o telefone com televisão, pois enrubesci completamente ao pronunciar essa mentira.

Então sou tomado de uma energia fria e sombria, que sempre me acode em situações críticas.

Minhas ordens soam como as de um general – curtas, claras e objetivas.

Primeiro, grito por Karl da janela da cozinha e pergunto: “Como está o ganso?”

“Eu já estou completamente assado no corpo todo, de tanto virar o ganso nesse calor.”

“Continue a virar, até que o ganso também asse completamente! Que flores ainda há no jardim?”

“Apenas dois crisântemos murchos.”

“Enfie um crisântemo no pescoço do ganso, e outro no traseiro. Assim ficará mais enfeitado. E traga ramos de pinheiro aqui para cima! Temos de

enfeitar a casa e a mesa.”

Então me dirijo a Hugo.

“Sopa?”, pergunto, sucinto.

“Macarrão”, responde-me igualmente lacônico. E quando sacudo a cabeça negativamente:

“Batatas?”

“Uma sopa fria de vinho”, respondo. “É rápido e não precisa ir ao fogo. Só precisamos de um vinho mosela leve, algumas garrafas de água mineral, passas e *macrons*. Dê uma olhada na geladeira!”

Ele olha e informa com pompa: “Vinho branco, não há, e muito menos água mineral. Só tem vinho tinto, uma garrafa de champanha, um conhaque e uma cerveja!”

“Pode colocar”, grito, e empurro para ele a sopeira grande. “Isso vai desconstrair as pessoas. E agora as passas e os *macrons*.”

Ele relata, tristemente, que nada mais há na geladeira, senão um quarto de lata de caudas de caranguejo.

“Dê cá”, digo, e despejo o conteúdo junto ao resto. “Então podemos chamar isto de ‘sopa fria de caranguejo’, ou ‘*bouillabaisse*’, ou ‘*schtschi*’. Tanto faz o nome!”

E agora a sobremesa! Isso é bem simples. No armário da cozinha, tem uma dúzia de ovos, e sei a receita de panquecas.

“É fácilimo”, digo a Hugo. “Pega-se o ovo, bate-se de leve na borda da tigela, separa-se elegantemente as duas metades – e nesse momento os ovos escorregam nos meus sapatos.

Mas no segundo ovo e nos seguintes dá certo. Batemos e colocamos açúcar, e surge uma única dúvida: onde assamos esta mistura toda?

“Eu colocaria no forno”, diz Hugo, depois de dar uma breve vista d’olhos em volta e lançar-me um olhar cortante, “afinal o fogão de vocês é – elétrico.”

“Veja só”, respondo surpreso, “vivendo e aprendendo.” E então vamos pôr a mesa.

Isso não é nada difícil.

Eu sei que os guardanapos ficam na gaveta do meio do armário de roupa de mesa, e colocamos um ao lado de cada prato, dobrado de maneira decorativa, como deve ser.

A toalha de mesa dá a impressão de ser um tanto comprida, e não

cobre completamente as laterais, enquanto que nas cabeceiras da mesa pende para baixo, mas um arranjo de ramos de pinheiro, de bom gosto, esconde as partes descobertas. Ainda enfeitamos com pequenas esferas de açúcar, de brilho prateado, que devem ter sobrado dos enfeites de natal do ano passado, e ficam brilhando sobre o verde intenso como flocos de neve.

Karl também decorou de maneira semelhante o corredor e a entrada, e pouco depois de ainda enfeitarmos a entrada com um cartaz de boas vindas, toca a campainha e, como por um passe de mágica, aparecem os convidados.

Realmente é uma visão sublime quando minha mulher e os sogros e o tio e a tia entram e admiram tudo.

Aqui até parece Natal, diz tio Eduard, sorrindo, enquanto escorrega no piso, que está profusamente coberto de ramos de pinheiro, e cai de corpo inteiro, enquanto Hugo toca a Marcha Triunfal para os convidados.

Também a decoração da mesa impressiona muito, a saber as pequenas gulodices brancas para a sobremesa. O meu sogro até não consegue resistir e logo coloca uma na boca, mas ele a cospe rapidamente, quando tia Ana, espirrando fortemente, constata que se trata de bolinhas de naftalina.

Além disso, outros pequenos defeitos também nos haviam escapado. O tio Eduard olha espantado para os seus talheres, que consistem apenas de um garfo para frutas e de uma faca para peixe, e tia Ana exclama, irônica: “Mas que toalha de mesa engraçada! É um lençol!”

A minha mulher fica vermelha e pálida e desculpa tudo como sendo culpa da enxaqueca da empregada, e minha sogra imediatamente vem em seu socorro, pedindo que não deixemos que essas bagatelas estraguem o prazer dessa refeição. Enquanto isso, desdobra cerimoniosamente o guardanapo, mas volta a dobrá-lo rapidamente ao notar que tem diante de si um par de calcinhas de cambraia da minha mulher; o meu sogro, sem piscar, amarra em torno do pescoço uma fralda de bebê – aliás, ainda não usada.

Felizmente, nesse instante crítico, Karl serve a sopa, e todos ficam entusiasmados, já na primeira colherada.

“Uma especialidade da nossa casa!”, declaro, não sem orgulho. É uma sopa de caranguejo, refrigerada, um tipo de *bouillabaisse* fria.

Silêncio respeitoso. Apenas o tio Eduard diz, sacudindo a cabeça, que para *bouillabaisse* havia muito pouco caranguejo.

Ele volta a se acalmar rapidamente, quando declaro que, em realidade, é sopa fria de pêssego. Para sopa fria de pêssego, na opinião dele, a quantidade

de caranguejos era suficiente. E então pede uma segunda porção.

Os outros seguem seu exemplo e, aos poucos, uma atmosfera extraordinariamente alegre toma conta do ambiente.

Os meus sogros contam histórias divertidas de sua juventude, a tia Ana dança com Karl uma cracoviana. Lucie me beija carinhosamente e o tio Eduard canta músicas inconvenientes.

Então vem o grande momento. O ganso, nosso prato principal e peça de resistência, apresenta um aspecto esplêndido, dourado e crocante e os dois crisântemos que o decoram na frente e atrás dão-lhe um aspecto agradável, quase romântico.

Primeiro, carrego-o festivamente em torno da mesa, como vi fazer nos restaurantes finos, depois coloco-o no aparador e, no *service de luxe*, corto algumas fatias finas da parte externa, depositando-as elegantemente nos pratos dos convidados. Quando eu o apresento, então, cerimoniosamente, como “Ganso à Vaqueiro”, recebo até mesmo um forte aplauso.

Mas o entusiasmo diminui ao conhecê-lo mais de perto.

A suave embriaguês criada pela sopa alcoólica dissipa-se com uma rapidez assustadora e cede lugar a uma postura crítica, quase hostil, e, logo após as primeiras garfadas, o meu sogro diz, em sua maneira muito ponderada e reservada: “Não sei se me engano, e também não gostaria de ser descortês, mas não posso deixar de dizer que o ganso tem gosto de sabão!”

“Deveríamos tê-lo lavado depois de passar a gilete”, sussurrei para Hugo em tom de repreensão.

“Mas”, prossegue o meu sogro, “não é só isso, eu nem teria mencionado uma palavra a respeito – é que ele tem ainda um outro gosto muito mais desagradável, um assim chamado *Hautgout*, um gosto acentuado de carne de caça. – Era um ganso selvagem?” – perguntou, como que para dar ao ganso uma chance de se justificar.

Meneio tristemente a cabeça.

Quando estava pendurado na cozinha, ainda era bem manso. Mas talvez, ao assar, tenha se tornado selvagem. Acontece que foi assado sobre fogo aberto, e talvez possa ter ficado com um gosto um pouco queimado por fora, mas, como disse, isto é apenas por fora, digo e corto mais algumas fatias.

Mas por dentro o gosto de queimado está ainda mais forte, e agora se espalha também pela sala um leve odor.

Inicialmente culpo o nosso cachorro, que se esgueirou para dentro da

sala, e o expulso de lá. Fui injusto, pois o cheiro comprovadamente não vem do cachorro e sim do ganso, e quando se torna insuportável, a tia Ana se põe de pé resoluta, pega a faca de trincar e corta o ganso em meio.

E agora é revelado, sem dó nem piedade, o nosso pecado. Havíamos esquecido de remover os miúdos do ganso antes de assá-lo.

Depois desse incidente calamitoso, seguiram-se rapidamente os golpes do destino. Vejo a catástrofe aproximar-se nitidamente e não encontro forças para defender-me contra ela. Olho em volta procurando Karl e Hugo, mas eles se refugiaram na cozinha. Assim, estou sozinho exposto à tempestade – indefeso, completamente indefeso. Inicialmente, porém, a má vontade geral dirige-se contra a minha pobre mulher inocente, isto é, contra a sua “cozinheira inestimável”.

Lucie luta, perplexa. A sua empregada doméstica era uma pessoa honesta e decente, e não deseja perdê-la. Quanto ao pequeno erro técnico, sabe-se, afinal, que a coitada estava sofrendo de uma terrível enxaqueca.

Mas a fome enfurecida dos convidados não pode ser apaziguada com isso.

“Pequeno erro”, exclama a tia Ana, irritada. Algo assim não pode acontecer a uma boa cozinheira nem na sua última hora!

“Não fale tão alto”, exclama a minha mulher, horrorizada. Senão ela ouve e ainda acaba indo embora.

Já se foi, gemo, acometido de um súbito sentimento de desespero apático, e confesso todas as minhas culpas.

E, imediatamente, toda a fúria se dirige contra mim.

Minha mulher lança-me um olhar que nunca esquecerei, e meus parentes se afastam de mim, como se eu fosse um doente mental.

Então dê-nos pelo menos algumas fatias de pão, para podermos acalmar nossa fome”, diz meu sogro, finalmente. “Nesta casa, deve haver pelo menos pão!”

“Naturalmente”, exclama a minha mulher, aliviada, “afinal o padeiro trouxe pão hoje de manhã.”

“Sim”, disse eu, “mas ele levou embora de novo.”

“Por quê?”

“Porque eu atirei água na cabeça dele!”, exclamo com a voz oca. “Mas” – e uma centelha de esperança passou subitamente pela minha cabeça – “você não morrerão de fome. Sabiamente, prevendo todas as possibilidades, preparei um prato que vai compensá-los por tudo, um enorme omelete de

doze ovos!”

Eu fora injusto com Karl e Hugo. Eles haviam terminado de assar o bolo de ovos, que está diante de mim, pronto, largo, alto e espumoso.

“Eles irão me perdoar”, exclamo. “Servirei o omelete *brulé*, atirando rum em cima, como *Omelete au Rhum*, como *Omelete Surprise* – onde está a garrafa de rum?”

Depois de muito procurar, a encontramos no fundo do armário de cozinha. Levo para dentro, derramo sobre o omelete e acendo. E realmente queima. Queima com chamas altas e selvagens. Mas não pára de queimar. Também não se deixa apagar. Queima e queima com uma chama turva e crepitante, até que o bolo de ovos inteiro se transforma em uma massa preta e gosmenta.

“Onde você pegou o rum?”, pergunta a minha mulher, confusa.

“Da garrafa de rum lá em baixo no armário da cozinha.”

Lucie grita: “Naquela garrafa havia querosene!”

Depois desse último incidente, não se perde mais nenhuma palavra. Os convidados se levantam mudos e cansados, e vamos todos a um restaurante próximo – para almoçar.

Jubileu de formatura do colégio

Não é verdade que as memórias da infância, especialmente as da época de escola, sejam as mais belas. Autoridades importantes nessa área, entre as quais me conto, afirmam o contrário.

Pensamentos a respeito de bom comportamento, estrito cumprimento dos deveres, zelosa dedicação e pontualidade incondicional ainda me perseguem às vezes em sonhos. Através de um perseverante treinamento, quando estou acordado, consegui des acostumar-me quase completamente dessas características contra a natureza.

Des acostumar-me e esquecer, bem como de todo o período escolar.

Por isso, fiquei bastante surpreso quando, um dia, encontrei a seguinte carta na minha mesa de trabalho.

Mui Prezado Senhor!

Em 2 de abril do corrente ano, ocorrerá pela vigésima quinta vez o dia

no qual passamos pelo nosso exame de fim de curso secundário. Para festejar esse dia, o Comitê de Festividades abaixo assinado organizará uma noite da cerveja, no salão nobre do nosso antigo ginásio, que nos foi colocado à disposição pelo Diretor Pfeilstösser.

O Diretor Pfeilstösser, que, no vigor da idade avançada, ainda exerce o seu cargo e deseja participar das nossas festividades, publicou recentemente um livro que despertou atenção, sob o título: “Dos Segundos Aoristos Regulares dos Verbos Homéricos Irregulares sob Consideração Especial das Suas Exceções”. Incluímos um pequeno trecho dessa obra à nossa publicação comemorativa em anexo, e aguardamos a sua presença, pontualmente às vinte horas, no local indicado.

Com saudações dos companheiros,

O Comitê de Festividades

“Puxa vida!” – pensei comigo mesmo – “a velha escola!”

Mas, ao mesmo tempo, ocorreu-me que, segundo a experiência, quando se reencontra um velho conhecido, a conversa involuntariamente recomeça no mesmo lugar onde foi interrompida naquela época, e todo o tempo decorrido desaparece da memória por inteiro.

Assim, por exemplo, escreve o conhecido psicanalista de Chicago, o Professor Domuch, um dos maiores conhecedores dessa matéria, que a capacidade de memória e o meio no qual se encontram as pessoas envolvidas desempenham um papel importante, o que é ainda consideravelmente aumentado pelo consumo de bebidas alcoólicas.

Ele até reduziu o problema muito complicado a uma fórmula matemática tão genial quanto iluminadora, considerando e = capacidade de memória, m = meio e a = influência de bebidas alcoólicas, sendo:

$$\sqrt[8]{(m^2 - e^2) \cdot \text{sen } a \cdot \cos a} = \sqrt[8]{-(e^2 - m^2) \cdot \cos a \cdot \text{sen } a}$$

Não sei mais se a fórmula é bem assim, mas era algo semelhante.

Anotei a fórmula, li toda, li de novo, peguei o meu velho livro de matemática e o dicionário enciclopédico, mas apenas pude constatar que sen significa seno e $\cos$, cosseno – o resto não consegui mais entender.

Ao mesmo tempo ocorreu-me que os meus conhecimentos de História Grega antiga eram muito falhos – mas para isso não havia mais tempo.

Portanto, tratei de ler o trecho de estudo de formas homéricas do

nosso diretor – afinal, eventualmente poderia chegar a ser questionado por ele.

Mas também não entendia patavina disso. Eu nem sabia mais sequer o que era aoristo. Então fiz o que sempre fazia no colégio, quando não entendia alguma coisa – decorava.

E, realmente, quando na noite marcada me dirigi para o meu colégio, eu havia incorporado uma parte considerável dessa bobagem dos diabos à minha fraca memória. A minha mentalidade de escolar crescia a cada passo. Quando cheguei diante do portão de ferro da escola, passavam exatamente cinco minutos das vinte horas – portanto, conforme as minhas condições gerais, bem pontual – mas ao subir as escadas gastas, ofegante, procurei, involuntariamente, no meu bolso, um daqueles muitos bilhetes de desculpas que eu sempre carregava comigo naquela época – escrito por mim e provido da imitação da assinatura do meu pai.

Felizmente, apenas metade dos convidados já estava reunida – nenhum dos professores havia chegado.

Sim, realmente, era nosso velho e querido salão nobre, no qual eu, profundamente afetado, tantas vezes ouvira os discursos solenes, nas nossas comemorações escolares – não sem beliscar aquele que estava à minha frente na superfície sentante, e então geralmente ficávamos ambos em apuros. Sobre a longa mesa festiva, sem toalha, que ocupava o centro do salão, estavam refrescos e copos de cerveja, e diante do lugar de honra, o Comitê de Festividades colocara relíquias da nossa época escolar, demonstrando assim a sua devoção.

De fato, lá estava o grosso e pesado livro de aula, no qual estavam anotados todos os meus pecados escolares. “Oliven está conversando”. “Oliven está recebendo uma repreensão por brincar com o reflexo do sol”. “Durante a aula de matemática, Oliven está desenhando figuras que não deixam de se assemelhar a corpos de mulher”. Ao lado estava, cheio e pronto para usar, o grande tinteiro preto, que enfeitava nossas carteiras, e ao lado dele estava a longa caneta, a caneta histórica, com a qual o professor de latim costumava coçar o cabelo, que o professor de matemática usava para palitar os dentes, e com a qual o professor de história mexia a sua água com açúcar. Vieram-me aos olhos lágrimas de emoção, e senti de fato como minha capacidade de memória ascendia em mim elevada à terceira potência, influenciada pelo meio (m). Com segurança sonâmbula, dirigi-me a um colega de aula que se encontrava próximo, o qual reconheci imediatamente devido à sua vasta cabeleira preta, e bati firmemente nas suas costas, deixando de lado todas as formalidades sociais.

“Boa noite, Mittelstädt! Você ainda rói as unhas?”

O colega abordado olhou-me sem grande admiração e depois disse com um sorrisinho mal-humorado: “Em primeiro lugar, não sou o Mittelstädt, e sim o Schreyer – Mittelstädt é aquele lá do outro lado, o careca – e em segundo lugar, você também não melhorou muito.”

Assim, começamos a conversar. No decorrer da conversa, Schreyer contou-me que se tornara banqueiro e, recentemente, tivera de declarar falência pela terceira vez.

Então apertei sua mão, com sinceros desejos de boa sorte, e continuei a minha ronda.

Escaldado pela experiência, desta vez procurei um colega a respeito do qual seria impossível se enganar, devido à sua baixa estatura, e com quem eu tivera uma amizade muito grande, porque ele sabia mexer muito bem as orelhas.

Por isso, me aproximei dele por trás, coloquei as mãos diante dos seus olhos e perguntei com a voz disfarçada: “E aí, velho Cohn, quem sou eu?”

Mas nesse caso também não dei sorte. Irritado, tirou as minhas mãos do seu rosto, mediu-me com um olhar contrariado e disse com voz anasalada: “Não me chamo mais Cohn, agora sou Collweg, favor não falar comigo”.

Finalmente, dei certo no terceiro.

Já me chamou de longe: “Lampe!”, aí eu já soube imediatamente quem era.

“Nem precisava se apresentar”, disse eu, “reconheci você imediatamente pelo seu aspecto distinto. Certamente entrou na carreira diplomática.”

“Bem, algo semelhante”, respondeu o abordado, com um sorriso constrangido. Então, murmurou algo sobre ciências ocultas e esforços artísticos e finalmente confessou que se tornara mágico.

“Se eu pegar uma moeda na mão”, continuou, “e abrir a mão de novo, a moeda terá desaparecido!”

“Isso não é nada de especial”, respondi, dando de ombros, “o Schreyer, o banqueiro, pode fazê-lo tão bem quanto você. E comigo também não demora muito mais. Vamos sentar juntos”.

Fizemos isso mesmo, e exatamente diante das relíquias escolares, que me atraíam fortemente. Na realidade, tinha pensado em pedir a Schreyer, nessa ocasião, algumas dicas sobre investimentos na bolsa, e conseguir de Lampe uma idéia de como era a vida no teatro de variedades.

Mas não tive tempo.

Quando comentei, à guisa de introdução, que me tornara escritor, Scheyer respondeu apenas com frieza: “Isso era de se esperar. Você sempre foi muito ruim em redação!”

Então ele e todos os que estavam sentados lá passaram imediatamente às lembranças do tempo de escola.

Nessa ocasião, eu soube o segredo que von Lipowitz guardara temerosamente durante vinte e cinco anos: o porquê de a torneira ter gotejado durante meses na nossa sala de Física, embora isso deixasse o professor de Física louco e cinco encanadores houvessem tentado consertá-la. Ela nunca gotejara: Lipowitz havia imitado o som das gotas com perfeição, batendo com a caneta contra o tampo da mesa.

Nesse meio tempo, haviam chegado também os dois únicos colegas que ainda faltavam – Weinmann, o primeiro da nossa classe, admirado por todos, o melhor aluno de todo o ginásio, e Wrutschke, o último colocado da aula, um indivíduo muito preguiçoso e pouco dotado. Chegaram juntos.

Weinmann foi muito cortês com o seu acompanhante, tirou-lhe o casaco e pendurou-o no gancho – pois agora se tornara almoxarife na mundialmente conhecida Loja de Departamentos Wrutschke – mas logo perdeu a sua timidez e, com a permissão do seu chefe, aceitou imitar o zumbido de uma mosca que não existia, e que uma vez deixara o diretor enervado durante uma aula quente sobre Homero. Desencadeou a maior alegria, quando o Conselheiro do Governo Vollmoller, do Ministério de Relações Exteriores, atendendo a pedidos generalizados, fez o papel do “homenzinho”, isto é, quando mostrou como, certa vez, durante a aula de latim, havia se esgueirado da sala de aula, de cócoras, sem que o professor notasse. É verdade que, dessa vez, ele caiu no meio, e teve de ser levado de volta ao seu lugar por dois colegas de aula, onde ficou sentado, vermelho como um peru e resfolegante. Mas uma expressão de profunda satisfação estava estampada em seu rosto.

De repente, a turma se levantou como um só homem. O diretor chegara, embora muito atrasado, como notamos em tom de desaprovção, mas ainda a tempo de ser atingido na cabeça por um aviãozinho de papel atirado pelo Bispo, em um arroubo de entusiasmo juvenil.

Depois de ter vencido o primeiro choque, o diretor tirou o aviãozinho dos seus cachos prateados, estendeu o braço no movimento de censura que lhe era próprio, com a superfície da mão para cima, ao longe, e disse instintivamente: “É claro que foi o Oliven!” Então gritou, irritado: “Sentem-se!”

A seguir, sentou-se à mesa festiva, do outro lado das relíquias – infelizmente logo à minha frente, o que eu não havia considerado.

O diretor era um homem pequeno e magro, com uma cabeleira farta e barba rala. Naquela época em que tentara nos interessar por Homero, tinha vinte e quatro anos de idade, e a aparência de sessenta e nove. Hoje ainda tinha exatamente o mesmo aspecto.

Mais tarde, quando fui até ele, com os outros, a fim de agradecer-lhe por seu comparecimento e lembrá-lo de mim, ele tirou um espesso caderno de anotações do bolso.

“Anotei”, disse ele, “que naquela época você era muito fraco nos segundos aoristos. Conseguiu preencher esta lacuna nesse meio tempo?”

Com certeza, Senhor Diretor, disse zelosamente, e joguei-lhe no rosto aquelas coisas do diabo memorizadas com dificuldade. Mas não me agradeceu.

Deu de ombros, estendeu-me mais uma vez a palma da mão antipática e disse em um tom quase lamurioso: “essas são as formas irregulares regulares. O que eu queria ouvir eram justamente as formas regulares irregulares!”

Devido a essa situação, fiquei tão confuso, que todo o discurso de abertura, que os meus colegas de escola tinham me incumbido de fazer, já que era escritor, desapareceu por inteiro da minha mente, e olhei em volta procurando a ajuda de Schreyer, em cujas mãos eu colocara o manuscrito.

Mas o diretor notou e disse, irritado: “Não assopre, Schreyer!”

E assim, não consegui dizer mais nada senão as duas frases sem sentido, gaguejadas, de que tudo que eu era, devia à escola... e que eu me esforçaria para me tornar um membro útil da sociedade humana. Pouco depois, o diretor levantou-se para fazer o discurso de saudação. Esforçou-se para arranjar as rugas do seu rosto da maneira mais amistosa possível e estendeu a mão em saudação.

“Meus caros jovens amigos!”

Neste momento, vocês estão partindo para a vida – ou, quer dizer, de certa maneira, já partiram para a vida. Mas tudo o que alcançaram, devem, como o Oliven falou antes em um momento inspirado, apenas à escola!”

Weinmann e Wrutschke, ao ouvirem essas palavras, entreolharam-se descrentes, e o banqueiro Schreyer, rico em falências, assim como o mágico Lampe, também não reprimiram um sorrisinho irônico. Eu, porém, fiquei vermelho como um pimentão e me envergonhei de minhas palavras.

“Meus caros jovens amigos!”, continuou o diretor, fixando com os

olhos Mechelson, que tinha uma grande importadora de têxteis. “Quando navegam pelo Mar Vermelho rubi como o vinho em navios seguros, movidos por remadores ágeis, e quando então voltam para casa, carregados de tecidos preciosos, que foram fabricados pelos fenícios, e a criada dedicada lhes lava os pés e os unge com óleos preciosos, e quando, então, vocês se sentam para uma refeição deliciosamente preparada – será que nesse momento não irromperão no grito celebratório clássico “saúde” ou, como o dinamarquês Madwig o traduz corretamente: *Oihoi*?”

Não foi apenas o anacronismo idiota dessas palavras que me deixou tão irritado, ou pelo menos não somente isso. Foi ainda outra coisa. Foi o dedo médio do diretor, que batia na superfície da mesa em intervalos regulares e cansativos, bem próximo ao meu nariz.

Involuntariamente, pensei em uma aula sobre Homero no último ano do ginásio, na qual o diretor, ao meu lado, executara a mesma manobra sobre a minha carteira.

Naquela época, eu sussurrara ao meu amigo e colega de carteira, Ernst Caro: “Tire a mesa dele!”

Isso nos custou uma hora de castigo, na qual, como punição, tivemos de escrever uma redação examinando qual tinha o caráter mais simpático, sob o ponto de vista de um ginásio público: Aquiles ou Heitor.

Dessa vez, não podíamos lhe tirar a mesa – era pesada demais – mas algo teria de acontecer, isso ficara muito claro para mim, algo semelhante, algo à altura.

“*Oihoi*, jovens amigos”, continuou o diretor, “também para nós foi preparada uma refeição deliciosa de néctar e ambrosia” e dizendo isso, indicou os copos de cerveja semi-cheios e as duas dúzias de sanduíches que estavam sobre a mesa, “e se nós vamos em sua direção, não nos saltitam os pés e o coração, ao ritmo do hexâmetro – segundo o esquema tantas vezes exercitado no penúltimo e no último anos do ginásio?”

Oitata, oitata, tam-tata, oitata, oitata, tam-tam?

Ou abreviado para um pentâmetro?

Oitata, oitata, tam – tamtata, tamtata, oi?”

Agora lembrei-me do que poderia trazer a vingança. O tinteiro! O tinteiro como força impulsora da caneta.

E o dedo médio do diretor continuava a dar batidinhas.

“Também as regras férreas da gramática grega e latina contribuem muito para fortalecer o nosso caráter e firmá-lo na moral e nos bons costumes. Quando nos surge a tentação, e nós colocamos cera nos ouvidos

contra a sedução de cortesãs levianas, como o nobre mártir Odisseu, o que nos dá a força, o que nos dá essa tranquilidade de espírito, se não o acusativo com o infinitivo e o ablativo absoluto?”

Cerrei os dentes. Não disse nenhuma palavra contra esses ataques aos meus sentimentos eróticos mais sacrossantos. Mas o tinteiro começou a andar lentamente.

Empurrado pelas batidas imperceptíveis de uma caneta inexorável, o seu movimento horizontal encontrara um ponto de intersecção com o movimento vertical do dedo médio do diretor – ou, em bom português: ele enfiou o dedo exatamente dentro do tinteiro.

Dessa vez, o diretor não disse imediatamente: “É claro que foi o Oliven!” Ele apenas ergueu um dedo encharcado de tinta, dolorido e acusador, para o céu, e gritou, com voz trêmula: “Fora!”

Aqui termina esta história que é verdadeira, salvo em alguns detalhes de pouca importância.

Sob as gargalhadas dos meus colegas de escola, mas sem remorso, e orgulhoso de ter realizado um feito nobre, deixei o salão nobre.

Desde então, rompi definitivamente as minhas relações com a escola.

Encontro com meus filhos

É sabido que os pais não se ocupam muito de seus filhos quando estes são pequenos. Só os avós dão-se esse prazer com os netos – mas então não é a mesma coisa.

Comigo aconteceu exatamente assim.

Naturalmente, eu não negligenciara os meus filhos. Não mesmo! Logo depois do seu primeiro ano de vida eu os considerava os mais desenvolvidos, intelectual e fisicamente, em todo o país, e os alimentava entre as refeições com bombons e doces. Tirava-os da cama para brincar quando deveriam estar dormindo. Também, quando misturavam além da conta meus livros e manuscritos, eu às vezes lhes dava um tapinha, e quando, depois disso, começavam a chorar, rogava o seu perdão e prometia nunca mais fazer isso. Em suma, eu fizera tudo o que se costuma exigir de um bom pai mediano, com coração terno e visão pedagógica.

Mas a idéia de uma empatia espiritual com eles, e de esquadriñar sua alma, apenas me ocorreu quando já tinham crescido um pouco.

Com a generosa cooperação de minha esposa, eu conseguia criar três. Verdadeiras obras-primas. Estou julgando isto aqui de maneira puramente objetiva, e nego terminantemente a afirmação dos meus amigos de que eu seria um “pai coruja”. Permitam que eu os apresente:

Hans, o mais velho, mais ou menos 15 anos de idade, um rapaz esperto e inteligente, dotado de imaginação e pensamento lógico (isso ele aparentemente herdou do seu pai).

Suse, dois anos mais jovem, uma menina saudável, enérgica e esportiva, certamente não tão intelectualmente desenvolvida quanto o seu irmão (certamente, nisso ela segue a sua mãe).

E Klaus, o mais jovem, reúne as características da mãe e do pai, divididas de forma ridícula e exatamente em duas partes.

Mas, como disse, isso eram apenas observações superficiais, a análise científica exata de suas características, eu guardei para hoje, uma maravilhosa manhã de domingo, quando eu tinha ainda menos a fazer do que durante a semana.

Eu queria proceder de maneira completamente livre e não premeditada, quase como uma brincadeira, para saber deles como eram por dentro e, aí, ainda ensinar-lhes um pouco, se possível.

Não com o dedo indicador pedagogicamente em riste, como o haviam feito os meus pais; era um pai moderno demais para isso. Não tão displicentemente como quem não quer nada, como um bom amigo, como um camarada.

Também não me iludia de ter filhos modelares, nem eu o queria, afinal eu também não fora uma criança modelar. Ao contrário, queria que fossem livres e desobedientes, nos momentos em que não eram observados, se possível, e realizassem as maiores travessuras – bem como o pai – são essas as pessoas que mais tarde se tornam as mais capazes.

Não fui frustrado nessas expectativas. Quando me aproximei do quarto das crianças, um barulho terrível ecoou em minha direção. E quando abri a porta, os três estavam literalmente se agarrando pelos cabelos.

“Tudo bem”, disse a mim mesmo. “Você também fez isso com os seus irmãos!” Crianças comportadas!

Então perguntei, como quem não quer nada, por que estavam brigando.

Imediatamente, os três queridinhos assumiram uma atitude de rejeição.

Hans disse, com um gesto de desdém: “Ah, por nada!”

Suse explicou que eram questões particulares deles, e Klaus assegurou, com um ar atrevido, que não tinham brigado nadinha.

“Correto!”, disse cá comigo. “Crianças bem-educadas sempre tomam partido contra o seu pai.” E só depois de longas negociações diplomáticas consegui saber o motivo de suas desavenças.

Hans havia tirado algo de Suse, que Suse antes tirara de Klaus, que por sua vez tinha tirado de outro. De quem ele tinha tirado, e o que realmente era, não consegui descobrir. Era uma surpresa, disseram as crianças.

Isso me desarmou.

Uma surpresa é o que há de mais sagrado na vida de uma criança, isto eu sabia muito bem, como pai moderno. Não podemos ficar perguntando, temos de deixar que ela nos surpreenda. Senão não é surpresa. Por isso, fiz uma outra tentativa de descobrir.

“Filhinhos”, disse, “agora vou dar-lhes uma tarefa. Escondi uma barra de chocolate aqui no quarto. Quem encontrar pode ficar com ela.”

As três crianças reagiram imediatamente, mas cada uma à sua maneira.

Suse procurou com diligência selvagem em todos os cantos.

Mas Hans sacudiu a cabeça, desconfiado. Depois sentou-se em uma cadeira confortável e refletiu: “Você diz que escondeu uma barra de chocolate aqui no quarto. Então há duas possibilidades. Ou você nos enganou, ou não. Mas você não engana seus filhos. Conseqüentemente, é verdade que escondeu a barra aqui. Se você realmente escondeu a barra aqui, há duas possibilidades: ou você esteve aqui no quarto antes, ou não esteve. Mas você não esteve aqui no quarto antes, pois nós estávamos aqui dentro. Conseqüentemente, você não a escondeu aqui. Conseqüentemente, deve estar com você!”

“Bem certinho”, exclamei, encantado. “Muito bem! Realmente está no meu bolso.”

Mas ela não estava no meu bolso.

Klaus já a estava mastigando. Ele tinha me subtraído a barra furtivamente.

Fiquei satisfeito com o resultado do meu teste. Era muito revelador. Suse tinha a energia ágil de minha mulher. Hans tinha o mesmo raciocínio lógico que eu, e Klaus tinha ambos – raciocinou rapidamente e agiu ainda mais rápido.

Então dei mais um passo.

Primeiro dei ao Hans e à Suse mais duas barras de chocolate como

prêmio de consolação, depois perguntei cautelosamente sobre o seu comportamento na escola e se estavam satisfeitos com os seus professores. Eu queria muito ouvir algo sobre suas travessuras. Primeiro as crianças me olharam, depois se entreolharam, e me pareceu ver um sorriso ladino passar pelos seus semblantes. Posso, porém, ter me enganado.

Hans respondeu primeiro. Disse que era um aluno bom e estudioso, mas que, justamente por isso, os professores não o suportavam e lhe davam notas baixas.

“Bobagem”, interrompeu-o Klaus. Isso acontecia porque Hans sempre fazia algazarra na aula. Recentemente, levava um estilingue para a escola e disfarçadamente atirava pedaços de giz no professor, até o seu casaco preto ficar todo sujo.

O meu coração de pai saltitou de alegria. “Nada mal”, disse, “eu também poderia ter feito aquilo.”

Mas Hans se vingou. Klaus deveria ficar bem quietinho. Ontem, envolvido em um lençol, se escondera na cesta de papéis – eles tinham um caixote de madeira como cesta de papéis na escola – e, quando o professor entrou, ergueu-se muito lentamente como um fantasma.

Fiquei encantado. Grandioso! Maravilhoso! Nem a mim teria ocorrido isto.

E Suse?

Suse pensou por um momento: “Escute”, disse ela então com um sorriso maroto, “eu gostaria de lhe fazer uma pergunta. A gente pode dar cola na escola ou não? Pode receber cola ou isso também é proibido?”

Então não consegui mais reprimir o meu júbilo.

“Ó, você é a que mais se parece comigo!”, exclamei e abracei-a. “Perguntei exatamente a mesma coisa ao meu pai quando eu tinha a sua idade.”

Um largo sorriso iluminou o seu rosto. “Eu sei, eu sei”, disse ela, sem demonstrar qualquer surpresa. “Afim, tudo isso está no seu diário.”

“Está no quê?”

“É, no livro em que anotou tudo o que lhe aconteceu.”

“Era por isso que estávamos brigando tanto”, gritaram, alvoroçados.

“E era o que nós estávamos disputando.”

“Essa é que era a surpresa!”

Que horror! Fiquei atônito. Estava um tanto chocado. Então, os queridinhos haviam roubado o meu manuscrito. Da gaveta da escrivaninha!

Isso era um pouco demais. Na realidade, eu não podia me queixar. Eu fizera exatamente o mesmo ao meu pai. E é claro que os erros da gente são virtudes.

Mas uma outra suspeita, muito pior, começou a surgir dentro de mim. Suas atitudes correspondiam tão fielmente às minhas expectativas, que comecei a duvidar de sua honestidade!

“Filhinhos”, disse eu, num tom tão brincalhão quanto possível, “é verdade o que vocês me contaram a seu respeito, ou por acaso vocês me enganaram? Vocês só falaram o que eu queria ouvir? Era só brincadeira?”

“Não fique brabo, papai”, confessou Hans, timidamente, “queríamos fazer você feliz, os pais gostam tanto quando os filhos são exatamente como eles.”

“Queríamos até esconder salamandras na gaveta da sua mesinha de cabeceira, como você fez para a sua mãe”, acrescentou Klaus, triste. “Porque, afinal, amanhã é o seu aniversário... E agora a bobalhona da Suse estragou toda a nossa brincadeira.”

Dentro de mim, desmoronou um castelo de sonhos.

“Então tudo o que vocês me contaram sobre aquelas travessuras na escola não é verdade?”

Hans sacudiu a cabeça, negando.

Isso se fazia talvez nos primeiros anos de escola, mas não agora, quando já eram pessoas modernas e estavam quase criando juízo.

Suse também negou. Opinou que decerto eu tivera professores estranhos. Ela se dava muito bem com os seus. Até ia passear freqüentemente com a professora de Educação Física.

Ou seja, uma “aluna exemplar”.

Mas isso ela negou, indignada.

Isso não seria bom coleguismo. Nas matérias principais, ela estava um pouco abaixo da média, conforme apropriado a uma aluna que pensasse conforme a sociedade em que vivia, mas ela era excelente em Educação Física e Canto.

E eu que fora dispensado em ambas as disciplinas por incapacidade!

A resposta mais satisfatória dada foi ainda por Klaus. No caso dele, explicou que a questão era a seguinte: Nas aulas em que ele gostava do professor, se comportava bem e decentemente. E as outras ele sequer freqüentava. Aí ele mesmo escrevia os bilhetes de desculpas com minha assinatura.

Graças a Deus! Pelo menos um raio de luz. De qualquer modo, o

menino era pelo menos *fifty-fifty*.

Depois dessas confissões, eu quis dar por encerrada a sessão para não passar por mais outras decepções. Além disso, tinha a sombria sensação de que não estava desempenhando um papel feliz aqui.

Mas as crianças não me deixaram sair.

“Senta aqui, paizinho”, disse Klaus, e puxou uma cadeira em minha direção, “há muito tempo que queríamos falar com você.”

E Suse fez uma cara de preocupação.

“Nós não gostamos de você, paizinho, nem do seu diário. Você escreve sempre apenas das travessuras bobas que cometeu, e nas quais você sempre acaba levando a pior. Certamente você já fez coisas boas e razoáveis. Afinal já teve grandes sucessos. Por que não escreve alguma coisa boa a seu respeito, de uma vez?”

Olhei para cima, envergonhado.

“Coisas boas não são engraçadas”, disse eu baixinho.

Mas não permitiram essa desculpa.

“Por que tem de ser sempre uma coisa engraçada?”, perguntou Suse, admirada, “afinal, existem coisas tão bonitas, sérias e tristes – dessas as pessoas gostam muito mais.”

“Escreva alguma coisa emocionante, uma vez”, sugeriu Klaus, “algo diante do qual a gente sinta horror, algo sobre crimes.”

“Ou algo sobre o amor”, opinou Suse, pensativa. “O amor, afinal, é a coisa mais bonita na vida. E você não escreve nada sobre isso. Acho que você não tem coração, papai.”

Hans concordou sério: “O amor é bom, criminosos também são bons. O melhor de tudo são criminosos enamorados.”

Achei essas considerações bastante interessantes, pois a voz das crianças é a voz do povo, e a voz do povo é a voz do público, e eu queria justamente lhes explicar o meu ponto de vista diferente, quando vieram com novas queixas. Por que eu sempre ria das pessoas que não tinham nada de ridículo? Sobre o tio Kaltenbach, por exemplo, que afinal era um homem muito respeitável e ganhava muito dinheiro, embora nunca houvesse dito nada de engraçado, ou sobre o meu antigo diretor de escola. Só porque ele me perguntara sobre o segundo aoristo? Isso ele sabia de cor, opinou Hans.

“Pai, pai!”, acrescentou, em tom de repreensão, “você parece ter grandes lacunas na sua educação. Sabe calcular uma raiz quadrada?”

“Consegue fazer exercícios de barra?”, perguntou Klaus.

“Sabe dar cambalhotas?”, perguntou Suse. “Pai, acho realmente que

você não acompanha o tempo em que vive.”

Eu queria me defender, queria me exaltar, mas o pequeno Klaus me acalmou.

“Não fique irritado, paizinho! Nossa intenção é boa. Apenas queremos o melhor para você. Mas você realmente nos preocupa muito. Você tem de se tornar muito mais enérgico, e mais ativo, para que as pessoas o respeitem.”

“E como você está nos educando, pai?”, disse Suse, em tom de repreensão. “Entra aqui, estamos fazendo barulho e brigando – a mamãe teria dado um tapa em cada um de nós, e tudo estaria resolvido. E o que você nos dá? Uma barra de chocolate!”

Na próxima vez, ganharão um tapa, prometi, enrubescendo.

Mas isso não bastou para Suse.

“Você tem de mudar completamente a sua maneira de viver, papai. Não pode fumar tanto, e tem de ir para cama muito cedo. Na manhã seguinte, levantar às seis horas, tomar um banho frio e fazer ginástica livre, como o professor lhe mostrou, onde você foi interno. Depois, tem de dar uma longa caminhada. Só então pode sentar à mesa do café, e tem de tomar muito leite. Aí se tornará uma pessoa bastante razoável.”

Hans sacudiu a cabeça, pensativo.

“Não é a questão do corpo, Suse! É mais do intelecto. Desculpe-me, pai, se eu me meto nas suas questões particulares, mas acredito que você tem de mudar completamente a sua forma de ver o mundo. Você trata a vida como uma brincadeira. O período decadente no qual cresceu já passou há muito tempo. O homem moderno voltou a ter deveres estreitamente determinados. E mesmo que você ria a respeito, um pouco de seriedade moral certamente viria bem.”

“Mantenha a cabeça erguida”, disse Klaus, subiu numa cadeira e beijou-me, “estamos nos encaminhando para uma época ruim.”

Meus olhos se encheram de lágrimas.

“Agradeço-lhes, queridos filhos”, disse emocionado, “aprendi muito com vocês.”

Aventura no jardim zoológico

Ontem tive uma experiência estranha.

Uma experiência tão incrível e louca que ainda não consigo entender.

Eu cedera às pressões constantes da minha família e passara a trabalhar no banco do Tio Kaltenbach. Inicialmente, como estagiário. Porque assim não é necessário trabalhar muito, e se é mais independente.

Mas esse ramo de negócios não me agradou.

Não sou o tipo de pessoa para trabalhar em bancos.

A enorme empresa na qual o negócio se transformara, nesse meio tempo, através da absorção de algumas outras firmas, era grande demais para mim.

Além disso, eu freqüentemente cometia erros de cálculo.

Não com os números um – aí ainda passava – mas no caso dos zeros, eu quase sempre errava a conta.

E, afinal, são justamente esses o assunto principal do ramo bancário, bem como da vida em geral.

Por isso, fiquei muito satisfeito quando finalmente chegou o sábado, dia em que não trabalhávamos à tarde.

“Vamos ao Jardim Zoológico, lá pelas seis horas?”, disse-me o tio Kaltenbach. “Hoje há um concerto muito bom, e depois poderemos jantar no terraço. Talvez você pudesse ir até lá um pouco mais cedo e reservar uma mesa. Chegou depois com a sua família.”

“Certo”, disse eu. Afinal, não se pode recusar nada ao chefe.

Portanto, já fui para lá pelas quinze para as seis, e reservei a mesa. Então passei um pouco pelo Zoológico, pois gosto muito de animais.

Primeiro, fui à jaula dos macacos, diante da qual eu ficara noivo da minha mulher. Os macacos ainda eram tão engraçados quanto naquela época. Nesse meio tempo, Lucie mudara um pouco. Então cheguei perto dos predadores. Não havia ninguém por lá e, um pouco distante, estava um velho leão solitário, na sua “residência de verão”.

Seu pêlo já estava roído pelas traças, tinha um aspecto mal-humorado e deitado com as quatro patas estendidas...

“Pobre rei dos animais”, disse eu, “certamente você não se sente bem na sua jaula.”

E, nesse momento, ocorreu o fato misterioso, inquietante, que nunca esquecerei.

O leão virou a cabeça para mim, piscou os olhos cansados e disse-me com uma voz humana, débil, mas nitidamente compreensível: “Não há palavras para expressá-lo.”

Meus cabelos ficaram em pé.

“Pelo amor de Deus”, gritei, espantado, “pensei que o senhor fosse um leão!”

“Sou mesmo”, suspirou o Rei do Deserto, e ergueu-se um pouco, “mas antes eu era um homem, como você – não está me reconhecendo?”

Pasmo, olhei fixamente para ele.

“A voz”, disse, “até que reconheço – mas o seu rosto?”

Aí ele inclinou a cabeça de lado e, com a pata dianteira direita, fez um movimento de cima para baixo, tão desesperado e característico como vira um único ser humano fazer em toda a minha vida.

“Tio Edgar?”, exclamei, horrorizado.

Ele assentiu com a cabeça.

“Isso mesmo. Sou o seu pobre, velho tio Edgar, o corretor da Bolsa. Veja a que ponto cheguei!”

“Misericórdia!”, exclamei, e ergui as mãos em súplica. “Como é que pode?”

“Reencarnação!”, sussurrou ele, e passou a pata pelos olhos. “Um dia deitei-me, acordo e estou morto. E quando vejo, sou um leão – no meio do deserto!”

Não consigo acreditar nos meus ouvidos.

“Mas será que isto pode acontecer?”

“Infelizmente, infelizmente”, respondeu, triste, e chegando bem próximo às grades. “Conheci um velho eremita que vivia em um oásis no deserto, e ele me explicou tudo.”

O grande deus Brahma – disse ele – quer que as pessoas se aperfeiçoem. Por isso, depois de sua morte, primeiro se tornam animais – desta maneira, já são mais perfeitos que as pessoas. Mais tarde, tornam-se árvores ou pedras – aí ficam ainda mais perfeitas e, finalmente, se dissolvem completamente – e assim também se tornam totalmente perfeitas. Mas as fases de transição são horríveis – horríveis! A gente não consegue se desvencilhar da antiga vida, nem entrar na nova. – Que horas são?”

“Quinze para as seis” disse eu, admirado.

“Então tenho que me apressar”, queixou-se, e mexeu as orelhas nervosamente. “Porque nós, os pobres reencarnados, apenas podemos falar durante dez minutos ao ano – dez minutos, isso é tudo. Mas essa é a única regalia humana que me é dado desfrutar. Quanto ao resto, sou leão, nada mais que um leão. Tenho de dormir durante o dia e andar por aí à noite, como um louco, com os meus pés doloridos. E tenho de urrar, sempre

urrar. Às vezes, também bato com a cauda no chão, mas não sei por quê. E, quando estou com fome, tenho de comer carne crua, embora o médico tivesse proibido terminantemente. Você devia ter visto, como, todas as manhãs, às três horas, eu ia à caça de antílopes. Escondia-me no local onde vinham beber, sobre uma pedra alta, e quando vinha um antílope, saltava sobre ele. E nunca acertava o pulo! Os outros leões todos riam de mim.”

“E aí capturaram você e o arrastaram para cá”, disse eu, cheio de profunda compaixão.

“Capturaram?”, exclamou ele, com ironia selvagem. “Entrei na armadilha voluntariamente, quando os caçadores de animais do Jardim Zoológico do Hagenbeck vieram para a região onde me encontrava, porque simplesmente não agüentava mais ficar entre todas aquelas feras. Só para estar novamente entre gente”, acrescentou com um suspiro, “e pelo menos próximo à empresa”.

Ele parecia tão melancólico e saudoso ao fazer essa confissão, que eu quis distraí-lo.

Por isso, perguntei: “Todas as pessoas se tornam animais?”, para distraí-lo de sua sina pessoal.

“Todos”, disse, “os bons e os maus – também isso me foi contado pelo velho eremita. A única diferença é que os bons se tornam animais que, pelo menos, têm aproximadamente os mesmos hábitos. O meu cunhado Neumann, por exemplo, que tinha aquele pequeno negócio de frutas tropicais, se transformou num macaco. Ele está na selva, vendendo cocos aos outros animais. Mas a tia Anna tornou-se um peixe, porque falava muito, em vida.”

“Sim, mas eu não entendo”, exclamei, consternado, “como é que você foi se tornar justamente um leão? Afinal, você não fez mal nem a uma mosca. Sempre trabalhou desde a manhã até a noite, sem se dar o mínimo prazer. Aumentou a sua empresa até que ela se tornasse líder no ramo e, finalmente, juntou uma fortuna bem considerável...”

“Justamente”, exclamou o tio Edgar, desesperado, “é justamente esse o meu azar. Aqueles que ganham muito dinheiro, para depois poderem viver bem, esses ainda passam bem, diz o eremita. Mas aqueles que, quando há muito tempo já têm o suficiente, mas continuam ganhando cada vez mais dinheiro, e ainda se associam a outros para ganhar ainda mais, porque só sabem ganhar dinheiro, e nada mais, os insaciáveis – esses, o deus Brahma não suporta. Ele diz que são culpados pelas guerras e confundem toda a ordem mundial. – Isso tudo me foi contado pelo eremita. Ele era um homem muito sábio e bondoso”, diz o tio Edgar, e as lágrimas brotaram-lhe dos

olhos, “eu o devorei!”.

Então tive de lhe falar de mim e da família, e do meu novo emprego, mas repentinamente ele colocou a pata sobre o focinho.

“Nem mais uma palavra”, sussurrou, medroso, “lá vem o meu tratador, ele não precisa saber que nos conhecemos.”

E, realmente, quando me virei, vi o tratador dos predadores, que se aproximava lentamente, trazendo a comida do tio Edgar.

“Não se aproxime tanto!”, gritou, advertindo-me, ao atirar a carne para ele. “Aquele é um animal traiçoeiro, um camarada muito perigoso! Outro dia, quando eu trouxe água para ele, passou a pata pela grade e rasgou o meu casaco todo.”

“Veja por si mesmo que lavagem aquele cara me trouxe”, disse o tio Edgar, mal-humorado, depois que o tratador se afastou.

“Tio Edgar”, disse eu, recriminando-o, “por que você rasgou o casaco do coitado? Afinal, as intenções dele para com você são boas.”

O tio Edgar ficou constrangido.

“Eu também não fiz por mal”, afirmou com franqueza, “mas ele tinha um jornal vespertino no bolso, e eu queria tanto ler a página de cotações da Bolsa. Infelizmente, eu havia esquecido por completo que não tenho mais dedos nas mãos, e aí rasguei o casaco dele sem querer!”

“Tio Edgar”, disse eu, preocupado, “você não deveria ficar sempre pensando em negócios. Você sabe que isso lhe faz mal. Não consegue pensar em outra coisa?”

Ele sacudiu a cabeça, triste.

“Não consigo. É forte demais. Sonho com isso dia e noite. Tornou-se uma idéia fixa em mim! Ah, se eu pudesse voltar à Bolsa só mais uma vez!”

E, justamente agora”, sussurrou-me, quase no ouvido. “É que nós, animais, temos o sexto sentido que vocês humanos já perderam, e sei de uma ação que com certeza vai subir extraordinariamente nos próximos dias, vai dobrar e triplicar.” A sua voz ficou bem rouca. “Não haveria uma possibilidade de eu chegar às salas da Bolsa de Valores, nem que fosse por meia hora – talvez escondido atrás de uma cortina”, disse timidamente, “para não assustar os outros? Que horas são?”

“5h e 54min”, disse eu.

“Pelo menos tente”, disse ele, cada vez mais insistente, “pense a respeito – prometa-me isso. E dê minhas lembranças aos outros”, continuou mais baixinho, “e alerte-os, isto é, aqueles que estejam em situação semelhante à

que eu tinha antes. E, especialmente, o seu tio Kaltenbach, aquele, ao que parece, está mais obcecado do que eu... Diga a ele que se aposente... em breve, em muito breve... senão um destino cruel o aguarda... senão.”

A sua voz tornara-se cada vez mais rouca, e então falhou completamente. Tentou, com grande esforço, formar palavras – mas apenas conseguia emitir sons ininteligíveis. Então se deitou de lado, apático, e fechou os olhos. O seu prazo para falar se esgotara. Ainda gritei-lhe algumas palavras de consolo, mas ele nem ligou.

Então continuei o meu caminho, mergulhado em pensamentos.

Próximo à entrada, encontrei a minha família e contei-lhes, muito excitado e com detalhes completos, o que eu ouvira.

Mas não acreditaram em mim.

“Grande piada”, riu meu sogro.

“Provavelmente você sonhou”, opinou minha sogra.

“Mas eu não dormi”, protestei.

“Ultimamente, você tem sonhado até acordado”, disse minha mulher.

O tio Kaltenbach não disse nada.

Mesmo quando eu lhe comuniquei o alerta destinado especialmente a ele, o tio Kaltenbach não disse uma palavra. Apenas quando os outros se adiantaram um pouco, ele me puxou para um lado.

“Que ação era essa”, perguntou-me com os olhos faiscantes, “da qual o seu tio lhe falou, que subiria tanto?”

Fiquei vermelho e pálido.

“Esqueci-me totalmente de perguntar”, gaguejei.

“Você está despedido!”, gritou o Tio Kaltenbach, com uma voz terrível.

Passeio pelo bosque Nº. 3

Eu estava com um certo mau humor naquela linda tarde. De manhã, festejara o meu sexagésimo aniversário, e tudo fora muito simpático e festivo. Todos os meus parentes tinham comparecido ao almoço trazendo presentes. Geralmente livros. A minha velha tia Auguste, que tinha então noventa anos de idade, dera-me pela segunda vez o livro “Guia para a Vida”, afinal, dizia ela, eu ainda era meio criança. Os jornais também tinham publicado uma nota de cinco linhas a meu respeito – que o aniversariante ainda gozava de

completa saúde física e mental, e que desejavam que eu ainda continuasse assim por muitas décadas e por aí afora...

Mas o tio Kaltenbach tornara-se Conselheiro da Câmara de Comércio alguns dias antes, e haviam publicado uma nota de vinte e três linhas a respeito. Só o nome completo de sua empresa exigira quinze linhas.

A única coisa que realmente alegrou o meu coração foi a boa comida e o excelente velho vinho borgonha que minha mulher havia guardado para aquele dia.

O “leite dos senhores de idade”, como havia comentado em tom de gozação um sobrinho mais jovem.

Portanto, eu me tornara um senhor de idade. Tudo bem.

Todos os convidados também tinham se mostrado muito respeitosos e cheios de cuidado para comigo, e as moças chegaram a me tratar com intimidade. Uma particularmente engraçadinha me deu até um beijo – um beijo “de musa” – no meio da boca, e sem nenhum constrangimento – diante de todas as pessoas. Isso doeu.

Quando o último se foi, também saí.

Para o ar livre.

Queria ficar sozinho com os meus pensamentos – enquanto ainda existiam, depois daquele lauto desjejum.

Era uma tranqüila tarde de verão. Os campos haviam vestido a roupa domingueira e lembrei-me, involuntariamente, daquele passeio na floresta, durante o qual o meu pai quis iniciar-me – eu era criança – nos segredos da boa mãe natureza, e as formigas desceram pelo meu pescoço.

Comecei a sentir-me estranho, quase irreal, e os meus passos se tornaram vacilantes.

Se isso devia ser atribuído à minha idade, ou ao “Leite dos Senhores de Idade”, tão abundantemente saboreado, não sei.

Geralmente só se nota algo assim quando se sai para o ar fresco.

Repentinamente, comecei a ver tudo arredondado.

As árvores eram arredondadas, as montanhas eram arredondadas, e a paisagem, será que ela não jazia lá como um corpo de mulher voluptuoso negligentemente estendido? Os campos de trigo não balouçavam ao vento como cachos dourados? Os dois lagos profundamente azuis – um par de olhos? E os dois morrinhos lá adiante – acaso não tinham o aspecto de um macio peito materno? Só faltava se levantarem e afundarem, respirarem, se moverem.

Acaso não se moviam...?

Bobagem! Maldito borgonha!

Afinal, eram apenas perfis... contornos.

E, repentinamente, os perfis tomaram forma, os contornos adquiriram feições.

Uma figura enorme de mulher, superdimensionada, ergueu-se e assumiu uma posição sentada.

Ela vestia um hábito largo e ondulante, da cor dos campos, e tinha uma fisionomia bonita, madura, quase maternal. Tudo nela era arredondado e abundante. Rubens a teria apreciado.

Não fiquei tão surpreso quanto devia. Também não senti o devido respeito diante dessa aparição sobrenatural.

Sentia-me como se tivesse encontrado uma dama da sociedade, que eu vinha procurando há muito, muito tempo. Sentia-me como Stanley quando encontrou Livingstone.

"Mrs. Nature, I presume?", perguntei, cortesmente, tirando o chapéu.

Aquela a quem me dirigi olhou-me amavelmente e espreguiçou-se com vontade. Os seus braços chegavam até a distante floresta, e o seu pé tocava o córrego no vale.

Observei-a com muda admiração.

"A senhora de fato é tudo isso, sozinha?", perguntei, respeitosamente.

"Isso é apenas um pequeno retrato do que eu sou", disse ela, sorrindo, "para que você me compreenda. Alegro-me que tenha vindo me procurar, Homúnculo. Venha ao meu seio!"

Dei uma olhada tímida na direção indicada, mas as proporções me assustaram.

"É bondade demais", disse eu, melancolicamente, "mas já passei da idade. Prefiro que me dê algumas frutas silvestres."

"Faça um pedido razoável!", disse a Mãe Natureza. Então, ao que parece, estávamos no meio do conto de fadas, e eu tinha direito a fazer um pedido, talvez até mesmo três.

De tanta excitação, não conseguia me lembrar de nada sensato.

"Desejo um milhão de dólares", disse, finalmente, "se puder dispor de tanto."

"Para quê?", perguntou a Mãe Natureza. "Afinal, vão acabar tirando de você novamente."

"Quem?", retorqui, teimoso.

"O Governo."

"Então desejo para mim uma vida longa e sempre com saúde."

"Viva estritamente segundo as minhas leis", disse a Mãe Natureza, "e você a terá."

Portanto, de novo aquela maldita dieta especial, sem nicotina e sem álcool! O meu clínico geral também poderia ter me receitado isso.

"Faça um pedido", encorajou-me a Mãe Natureza.

"Peço que me passe o livro de reclamações", disse eu, irritado. A Mãe Natureza olhou-me surpresa.

"Do que você deseja reclamar?"

"Desejo entrevistá-la", disse, evitando responder, "tenho tantas perguntas a fazer."

"Pois então, as faça!", disse a Mãe Natureza.

Então, perguntei.

"Como pode ser", perguntei, e tirei um livrinho do bolso, no qual eu havia anotado uma série de coisas que valiam a pena saber, "então, como pode ser, que na vida tudo sempre acontece diferente do que nós pensamos?"

"Como pode ser, que vocês sempre pensam diferente daquilo que acontece?", respondeu a Mãe Natureza, sem muita benevolência.

"Digníssima senhora", disse eu, sacudindo a cabeça, "o meu pai já me advertira de que não é apropriado responder a uma pergunta com outra pergunta. Peço que responda à minha próxima pergunta de maneira direta. Trata-se de um tema médico, o qual já abordamos brevemente antes."

"Por que existem tantas doenças no mundo e apenas uma saúde? E por que essas doenças sempre surgem sábados à tarde, quando os médicos não dão consultas?"

Dessa vez, a Mãe Natureza sequer me respondeu. Apenas franziu as sobrancelhas com mau humor – e uma forte rajada de vento varreu o terreno.

"A minha terceira pergunta", disse eu, colocando novamente o chapéu que o vento tirara da minha cabeça, "é de natureza meteorológica, e certamente lhe agradará sobremaneira. Por que a senhora não chove apenas durante a noite, por que também de dia, quando as pessoas querem sair? E por que tão freqüentemente quando esqueço de levar o guarda-chuva, e tão raramente, quando o levo?"

Em vez de responder a tudo, a entrevistada ergueu a sua mão direita,

e um aguaceiro gelado caiu do céu.

“Sempre esses distúrbios atmosféricos!”, exclamei, irritado, “O que devo depreender disso? Peço que, da próxima vez, se expresse de maneira clara e compreensível, pois trata-se de uma questão de eminente importância biológica!”

Por que existem tantas moscas no mundo, e tão poucos democratas?
“

Silêncio gélido...

“E, em quinto e último lugar”, exclamei muito excitado, “a senhora sabe que com o passar do tempo as pessoas ricas tornam-se cada vez mais ricas, e as pobres cada vez mais pobres? E o que pensa fazer contra isso?”

Após essas palavras ocorreu algo estranho e inesperado. A Mãe Natureza começou a esfumaçar-se – de certa maneira, dissolveu-se. Os seus traços se tornaram imprecisos, o seu hábito cobriu-se de grama, os seus quadris voltaram a cobrir-se lentamente de florestas – em suma, voltou ao seu estado original.

“Pare, pare”, gritei, espantado, “isso é contra o que foi combinado! Fique consigo, ou melhor, volte a si. Ainda tenho direito a um desejo – peço que o realize!”

E ela o realizou para mim. Lentamente, e quase contra a vontade, retornou à forma humana.

Mas que forma!

Os seus olhos chispavam fogo. Os seus punhos estavam cerrados de raiva. E seus cabelos loiros se erguiam como cobras, em torno da sua cabeça.

“Agora faço *eu* as perguntas”, gritou com uma voz terrível. Ao mesmo tempo, surgiu no horizonte uma terrível trovada, que sublinhou as suas palavras de maneira sinistra.

Ah, então ouvi bastante... “Por que você me faz perguntas tão insensatas, e não sobre você mesmo?”

Um trovão fez tremer a terra.

“Por que vocês, os seres humanos, criam constantemente novas divindades, apenas para empurrar a responsabilidade sobre elas?” Era como se eu estivesse diante do meu Juiz Máximo e tivesse de prestar contas.

Nova trovada.

“Por que vocês se queixam sobre a injustiça do destino? Vocês são o seu próprio destino.”

Um raio fulminante atingiu uma árvore próxima.

“São *vocês* os deuses dessa Terra. Por que vocês não a melhoram? Para isso lhe demos um cérebro suficiente.”

“Mas já fizemos algumas melhorias”, exclamei, baixinho, e tirei dos olhos o granizo gélido, que me bateu no rosto.

“Melhorias?”, gritou a senhora furiosa, “vocês pioraram a mim e as minhas forças!”

E a terra começou a tremer.

“Retiro tudo o que disse”, gritei, pálido de susto. “Considere as minhas perguntas como desperguntadas.”

Mas a Mãe Natureza não deu trégua. Com uma voz que era ainda mais forte do que a trovada, gritou-me: “Por que vocês inventam tão poucos meios para se curar e tantos e terríveis meios para se destruir?”

Agora eu queria me dissolver. Mas não consegui. Ao contrário. Os tremores de terra aumentaram, e formaram-se pequenas fendas sob os meus pés, das quais subia um vapor quente amarelo-castanho. Isso acabou com as minhas forças.

“A culpa não é minha!”, gritei, e segurei a mão diante dos olhos. “Nunca inventei nada. Minhas mãos são excessivamente inábeis para isso. Sequer inventei a bomba atômica. Pode perguntar a quem quiser. Realmente, não fui eu!”

“O que você fez então?”, trovejou a Mãe Natureza.

“Fiz bobagens”, exclamei, cheio de culpa e com voz trêmula, “bobagens idiotas – a minha vida inteira”.

Nesse instante, as fendas na terra voltaram a se fechar, e os cabelos serpentinados da Mãe Natureza também se achataram, lisos, em torno de sua cabeça.

“Isso é bom”, disse ela em tom mais amistoso, “fico satisfeita de ouvi-lo. O que mais?”

“Fiz piadas”, respondi, enrubescendo fortemente, “umas simples piadinhas.”

“Isso é bom”, disse a Mãe Natureza, “é até muito bom!”. O sol apareceu novamente.

“Mas entre elas havia, também, muitas piadas conhecidas”, confessei, com remorso.

“Não faz mal”, disse a Mãe Natureza, “isso demonstra compaixão. As pessoas acharam graça delas?”

“Às vezes”, respondi.

“E você?”

“Sempre acho graça das minhas piadas.”

“Que bom”, disse a Mãe Natureza, “Então do que você se queixa?”

“Bem”, disse eu, “os meus filhos não estão muito satisfeitos comigo, eles são tão diferentes de mim – muito mais razoáveis e muito mais capazes.”

“Isso vai passar”, opinou a Mãe Natureza, “já na próxima geração – certamente você ainda terá muito prazer com os seus netos.”

“E então...?”

“O que mais?”

“Ah”, disse eu, um pouco constrangido, “o tio Kaltenbach é muito mais velho que eu e diz que continua tendo aventuras amorosas.”

“Então, você me diz que ainda gostaria de ter aventuras amorosas”, consolou-me a Mãe Natureza. “Pelo menos você se divertiu em sua vida?”

“Muito”, disse feliz, “eu poderia começar tudo de novo.”

“Isso basta”, riu a Mãe Natureza, “você cumpriu o seu destino. Não precisa se censurar. Você é uma pessoa muito importante, e eu apreciei muito conhecê-lo. Vou lhe dar algumas frutas silvestres. Isso é realmente a única coisa que me resta a lhe dar.”

E, com isso, desapareceu para sempre.

Realmente, eu estava muito satisfeito comigo.

Eu era ‘uma pessoa muito importante’, o que me foi confirmado pelas mais altas esferas.

Às vezes, me agachava para comer algumas frutas silvestres. Pois nessa época cresciam essas frutas em toda a parte, frutas que eu não notara antes. Muito amável, a Mãe Natureza!

De fato – o meu pai tinha toda a razão, quando falara da natureza “bondosa” e “sábia”.

E que conhecimento do ser humano tinha essa senhora!

Até me senti muito religioso.

Assim, passei pela densa floresta, durante horas e horas, cheio de pensamentos elevados e orgulhosos.

Naturalmente, cheguei atrasado em casa para o jantar, e tive um terrível desentendimento com minha mulher.

FIM